Muita Luz

(Beaucoup de Lumière)

Berthe Fropo

TRADUÇÃO
Ery Lopes
Rogério Miguez



LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

MUITA LUZ (Beaucoup de Lumière)

Berthe Fropo

Publicação original:
BEAUCOUP DE LUMIÈRE
1884, Paris, França
Imprimerie Polyglotte

Tradução:
Ery Lopes
Rogério Miguez

Revisão:
Jorge Hessen

Versão digitalizada em 2017

Distribuição gratuita
www.luzespirita.org.br



Muita Luz

(Beaucoup de Lumière)

Por:

Berthe Fropo

Vice-Presidente da União Espírita Francesa

Tradução:

Ery Lopes | **Rogério Miguez**

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

ÍNDICE

Prefácio — pag. 5

Um achado valioso — pag. 6
Dossiê Leymarie & Cia. — pag. 7
A obra rara — pag. 8
Quem foi Berthe Fropo — pag. 10

Muita Luz — pag. 12

HISTÓRICO DA UNIÃO — pag. 13
FORMAÇÃO DA UNIÃO — pag. 22
COMO O ESPIRITISMO É DIRIGIDO — pag. 25
QUESTÃO FINANCEIRA — pag. 36
CARTE DA SRTA. BLACKWELL — pag. 56

Beaucoup de Lumière — pag. 64

HISTORIQUE DE L'UNION — pag. 65
FORMATION DE L'UNION — pag. 73
COMMENT LE SPIRITISME EST DIRIGÉ — pag. 76
QUESTION FINANCIÈRE — pag. 87
LETTRE DE Mlle BLACKWELL — pag. 106

Epílogo — pag. 114

Justa motivação — pag. 115
Leymarie, um vilão(?) — pag. 115
Mais uma *femme forte* na galeria espírita — pag. 117
Triste desfecho — pag. 118
A vida continua... — pag. 118

Prefácio



Um achado valioso

Apresentamos a todos um verdadeiro achado histórico, valiosíssimo especialmente para os espíritas mais atentos com a própria historiografia do Espiritismo: a brochura ***Beaucoup de Lumière***, obra de Berthe Fropo.

Publicada em Paris no ano de 1884, editada de forma independente e impressa pela casa Imprimerie Polyglotte, este pequeno livro parece não ter obtido a devida notoriedade e provavelmente deve ter caído no esquecimento já mesmo dos seus contemporâneos, inclusive sem alcançar a repercussão pretendida pela sua autora. E é certo que passou totalmente despercebido pelas gerações subsequentes, assim permanecendo até recentemente, depois que a Biblioteca Nacional da França, através de seu portal Gallica, digitalizasse e o dispusesse online ao alcance de todos.[1] Foi por aí que esse tesouro acabou sendo garimpado por pesquisadores espíritas brasileiros e posto em análise, como subsídio ímpar para uma reinterpretação acerca da historiografia do movimento espírita, ensejando-nos destacar aqui duas obras recém-publicadas que colocaram a brochura de Madame Berthe Fropo em evidência: *Em Nome de Kardec*, de Adriano Calsone, e *Revolução Espírita: a teoria esquecida de Allan Kardec*, de Paulo Henrique de Figueiredo.

Beaucoup de Lumière, de fato, é uma preciosa fonte de informações que nos ajudam a compreender melhor o desenvolvimento — e os percalços — das atividades espíritas, principalmente nos primeiros anos após o desencarne do codificador da Doutrina Espírita, e o paradeiro do plano de continuação das obras de Allan Kardec para a propagação do Espiritismo.

Como se sabe, o kardecismo, que tão fortemente influenciou a França — e daí para o resto da Europa e outras partes do mundo —, não manteve aquela vertiginosa crescente alcançada nas décadas de 1850 e 1860, como Kardec registrava continuamente através da sua *Revista Espírita*. Mas, ao contrário, desfaleceu-se quase que abruptamente, entre o final do século XIX e o começo do século XX, até o ponto de — podemos dizer — dissolver-se de maneira quase absoluta, seja na sua terra natal, seja nos

[1] Download disponível pelo link http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5496012h — N. T. (Nota desta Tradução)

demais países europeus, vindo a encontrar sustentação somente muito distante, no cone sul das Américas, mormente em solo brasileiro. E a explicação para a derrocada daquele movimento espírita original, o francês, pode estar contida na brochura da qual tratamos — o que justifica o valor que hoje lhe atribuímos.

Dossiê Leymarie & Cia.

Como veremos aqui, Fropo toca no ponto crucial do desvirtuamento doutrinário no qual incorreu aquele movimento espírita francês pós-Kardec, comprometendo a continuação das obras do Mestre codificador da Doutrina. Ela denuncia, oferece nomes dos usurpadores e apresenta dados — em letras e cifras, já que o caso estava envolto em uma grave *questão financeira*.

Nesse aspecto, *Beaucoup de Lumière* é uma espécie de dossiê, uma insinuação pública acusatória contra os dirigentes do Espiritismo de então e, ao mesmo tempo, um apelo entre os "espíritas sinceros" — no discurso da autora — para uma sublevação contra aqueles *confrades desleais*. No desígnio desta incriminação está Pierre-Gaëtan Leymarie, editor-chefe da Revista Espírita, e também, na prática, o "chefão" da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cuja presidência era formalmente ocupada pelo Sr. Vautier, que também ocupava o cargo de tesoureiro da instituição. A partir de Leymarie, portanto, uma rede de nomes se associa a atividades das mais nocivas aos ideais do Espiritismo, minando-o pela base. O apelo insurgente de Fropo, confessadamente em oposição a Leymarie e Cia., transforma-se no lançamento de uma nova instituição — a União Espírita Francesa, da qual seria vice-presidente e o notável Gabriel Delanne seria o presidente — e um novo jornal — *O Espiritismo* — que representasse a "autêntica Doutrina dos Espíritos".

A urgência dessa campanha fez com que Berthe Fropo se lançasse à publicação sem inquietação quanto ao estilo literário ou acabamento. É, realmente, um texto bastante modesto, especialmente se compararmos com o rigoroso padrão da época. Em determinado momento do seu

conteúdo, ela admite não ser uma "escritora" e, além disso, erros gráficos comuns presentes na obra nos fazem concluir ter havido certo açodamento na sua publicação, até porque, as circunstâncias eram categoricamente graves e demandavam ações imediatas.

No entanto, e não obstante diversos indícios posteriormente descobertos apontarem para a assertividade deste dossiê, devemos reconhecer que esta é tão somente uma das versões da história, oferecida por uma espírita que, além do louvável zelo pela doutrina professada, estava também declaradamente motivada por certa dose de indignação em face da prosperidade daqueles que ela considerava como usurpadores da bela Filosofia Espírita. Em razão disso, a publicação de *Beaucoup de Lumière* teve mesmo o propósito de causar furor e incitar os "espíritas sinceros" a uma resposta efetiva contra aqueles desvios. Por conseguinte, pedimos permissão para fazer esse ajuizamento: que o leitor precisa cultivar o senso crítico a tudo e ponderar prudente e racionalmente, como faz o historiador diante de fatos e fontes da História, e, ainda mais, como um autêntico espírita, sempre motivado pelo espírita da caridade.

A obra rara e a tradução

Pelo que sabemos até o momento, o único exemplar sobrevivente dessa brochura — que possivelmente não teve outra reedição — é aquele conservado pela Biblioteca Nacional da França. Há nele, inclusive, um rabisco anotando uma tiragem de 1200 exemplares. Portanto, por essa abreviada quantidade, o livro já nasceu uma raridade.

Como não poderia ser de outra maneira, o exemplar sobrevivente não está em boas condições, afinal, trata-se de uma obra de 1884, e, ao que tudo indica, produzido com um material nada sofisticado — o que implica na sua conservação. A cópia digitalizada e disponibilizada online pela Gallica foi confeccionada a partir de fotocópias em borrão, ou seja, imagem bruta das páginas do exemplar físico arquivado pela Biblioteca; não é um texto digitado e copiável, como os livros digitais comuns. Nosso trabalho de tradução, portanto, teve como fonte exatamente as fotocópias desse

exemplar da Gallica.

Ocorre que, infelizmente, o conteúdo não está totalmente legível. Na verdade, muitas palavras e mesmo parágrafos inteiros estão borrados, acentuação e pontuação quase sempre apagados, e nos deparamos até com folhas com recortes nas margens, dificultando a compreensão do texto. Some-se a isso o peso de verter para nosso idioma de hoje um francês com suas expressões de um século e meio atrás, inclusive com a autodeclarada limitação literária da autora.

Em nossa tradução, procuramos ser o mais fiel possível ao texto original, ao ponto de conservarmos a literalidade de algumas expressões que possivelmente poderiam ser contextualizada — até para efeito de eufemismo, em ocasiões mais fortes, como no caso de "grosserias", que bem poderíamos substituir por "indelicadezas" — e até de construções frasais truncadas. Desta maneira, o leitor poderá ter uma percepção mais direta — ainda que um tanto crua — do que Fropo propôs através de sua brochura.

Conservamos igualmente os destaques *em itálico*. Tivemos ainda o cuidado de respeitar a aplicação das iniciais em maiúsculo ou minúsculo, conforme as preferências da publicação genuína, de termos especiais — por exemplo, "espiritismo", "doutrina espírita", "espírito", etc., que normalmente escrevemos com iniciais maiúsculas (Espiritismo, Doutrina Espírita, Espíritos, etc.) — e de títulos, como os de entidades, revistas, jornais, livros — por exemplo: *O Livro dos Espíritos*, que na obra de Fropo aparece amiúde simplesmente como *Livro dos espíritos*.

Com isso, de antemão, pedimos a compreensão de nossos leitores em relação a nossos razoáveis desacertos de tradução, e, aliás, na expectativa de que ela possa ser melhorada, julgamos por bem acrescentar nesta obra a digitação do que pudemos capturar do texto original em francês.

Convém informar que mantivemos aqui as notas de rodapé contidas no original. E como julgamos por bem adicionar algumas explicações, contextualizando a narração de Berthe Fropo, acrescentamos nossas próprias notas de rodapé, que o leitor facilmente distinguirá pela inscrição final "N. T." correspondente a "Nota desta tradução".

Quem foi Berthe Fropo

Tão desconhecida de nós quanto *Beaucoup de Lumière* era a sua autora, a Madame Berthe Fropo. Corrijamos isso, fazendo jus a sua contribuição ao Espiritismo.

O que é de se lamentar, temos poucas informações sobre esta *femme forte*, como a qualificou o escritor Adriano Calsone. O que apuramos até o momento é que ela nasceu Berthe Victoire Thierry de Maugras e herdou o último sobrenome ao casar-se com Augustin-Joseph Fropo (1820-1885). Seu esposo era um condecorado médico e cirurgião militar, além de bacharel em letras e ciências psíquicas, com relevante papel durante dois grandes eventos históricos na França: durante a Guerra Franco-Prussiana de 1871, foi nomeado médico-chefe do Hospital militar de Versailles; e durante a Comuna de Paris agiu corajosamente em favor dos prisioneiros insurgentes. Tudo indica que eles não tiveram filhos, já que seus herdeiros foram dois sobrinhos.[2]

No mais, sabemos o que encontramos na sua própria brochura. Fropo era uma espírita atuante, fiel aos ideais de Allan Kardec e, além de vizinha, a sustentação diária de Améllie Boudet depois da desencarnação do codificador do Espiritismo. Aliás, foi através de *Beaucoup de Lumière* que tomamos nota dos detalhes do acidente fatal que resultou no desencarne de Madame Kardec.

Como desdobramento de sua atuação na pugna às invigilâncias de Leymarie na direção do movimento espírita francês, Madame Berthe Fropo assumiu a vice-presidência da União Espírita Francesa, cuja fundação, em 24 de dezembro de 1882, foi instigada por mensagens mediúnicas conferidas ao Espírito Allan Kardec, através de subsequentes sessões mediúnicas realizadas na residência da viúva do codificador, em Villa Ségur. Com a concordância de Améllie Boudet, Gabriel Delanne e Berthe Fropo é lançado um plano doutrinário, marcando a revitalização dos projetos para a continuação das obras de Kardec, que, nesta altura, haviam sido adulterados por Leymarie, que jazia sob o guante da influência de ideologias imponderadas, como a do Roustainguismo e —

[2] Fonte: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:AMxiz0BXX9oJ:www.wikiwand.com/fr/Augustin_Fropo+&cd=34&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br — N. T.

ainda mais intimamente — a da emblemática seita teosófica de Madame Blavatsky e do Coronel Olcott.

Madame Berthe Fropo ficaria viúva um ano após o lançamento de seu colossal opúsculo. Sem filhos ou outra atribuição que se conheça, não lhe restaria senão empregar todas as suas energias à causa da sociedade da qual era diretora e ao seu órgão oficial de imprensa, o jornal *O Espiritismo*. E pela pujança com que a identificamos em *Beaucoup de Lumière*, ela seguramente o fez com ousadia e muita disposição.

Assim sendo, reiteramos o valor desta publicação e almejamos que nosso esforço em traduzi-la atenda aos ditames do apreço dos confrades espíritas a todos aqueles que tanto carinho e dedicação devotaram ao Espiritismo, motivando-nos a dar continuidade à superlativa obra codificada por Allan Kardec.

A seguir, portanto, a primeira parte, contendo a nossa tradução de *Beaucoup de Lumière*, em seguida a transcrição do texto original em francês e, finalmente, um epílogo de nossa autoria.

Os tradutores

Muita Luz



HISTÓRICO DA UNIÃO

Venho esclarecer os espíritas sérios e sinceros, e lhes demonstrar que se a *União Espírita*[3] foi fundada, não é por ambição de nossa parte, mas por ordem dos Espíritos, porque a doutrina estava em perigo. Vou lhes dar provas disso.

A 27 de janeiro[4] de 1881, numa pequena reunião realizada na casa de Madame Kardec, o médium Sr. *** nos deu as seguintes comunicações:

Comunicação

27 de fevereiro de 1881

Querida Amélie,

Eu gostaria muito de ter dado a ti alguns conselhos mais cedo; agora, isso foi possível porque para o assunto que desejo te falar eu não poderia me servir de quaisquer médiuns.

Com o tempo, eu te disse que queria te ver acolher o meu pensamento; tentei, muitas vezes, ainda não consegui. Talvez agora queiras me reservar melhor acesso, pondo de lado as preocupações terrenas, deixando sua mente mais livre a fim de escutar meus avisos. Então, vou ainda, de uma maneira intuitiva, fazer-te compreender minhas intenções, a ti, querida Amélie, dando o último retoque à nossa obra. Eu te imploro, detenha-te ao que te inspirarei neste momento, e eu espero que desta vez seja definitivo. Muitas vezes tu ponderaste que eu tentava te fazer compreender. Quando julgar ter compreendido o que desejo, pergunta ao médium que te transmite os meus pensamentos no momento, se tu estiveres certa, eu te responderei.

Deves saber que não pretendo impedir teu livre-arbítrio, mas tu me pedes conselhos e eu os dou a ti como deve ser por ora.

Agora, o que irei dizer-te é quanto à missão de que te falei. Não é

[3] A ***União Espírita Francesa*** foi fundada em 24 de dezembro de 1882, em Paris — N. T.

[4] Comparando com a data apontada nas comunicações logo adiante, vemos que provavelmente houve aqui um erro editorial quanto ao mês, originalmente descrito como janeiro, mas que certamente seria fevereiro — N. T.

necessário que o que deveria ir de um lado definido pelos Espíritos superiores vá para o lado que, mais tarde, *deva paralisar as ideias que eu semeei*; isso é o que acontecerá se deixares as coisas no estado atual.

Não te disse, Amélie, querida companheira de meus trabalhos, que era para o futuro que tinhas que olhar, por ti, por mim, pelo espiritismo? Cabe a ti, portanto, retificar aquilo que, no momento, tem sido manchado de erros. Cabe a ti distinguir os espíritas da uma nova era que têm por guias apenas a lisonja e o interesse por guias, distinguir os espíritas abnegados e devotados à nossa causa desde há muito, que, chamados a continuar a fazer frutificar o que eu semeei, devem, tão logo o momento de agir lhes seja indicado, formar uma *sociedade nova* chamada a elaborar a continuação das minhas obras. Os membros que devem compô-la já estão escolhidos por nós; eles devem, sob os meus auspícios e os teus, cumprir a nossa missão e a deles.

Vês, cara amiga, que não é à velha sociedade[5] que deveria retornar e aquilo que pensaste em fazer, seria *bastante ao contrário às minhas ideias* e ao propósito a ser atingido.

Assim, por ora, basta a ti uma coisa, que consiste em preparar-te para mudar as disposições existentes em favor desta velha sociedade, encaminhando-as àquela que irá se formar e para a qual é tua missão velar.

Examina também, querida amiga, aquilo que te foi dito de diversas formas, poderás reconhecer ter recebido vários avisos. É o que desejo que compreendas bem.

Um pouco mais tarde, dar-te-ei uma comunicação mais precisa acerca da sociedade existente, e, enquanto deixo o teu livre-arbítrio, descrever-te-ei o papel que a nova sociedade deve cumprir, que em breve chegará ao ponto que lhe está designada.

Allan Kardec

Comunicação

Eis a comunicação que me foi dada na mesma noite:

27 de fevereiro de 1881

Querida senhora e amiga,

Estou muito feliz e vos agradeço os bons cuidados que vós dispensais à minha querida companheira; o que tendes feito é inspirado pelos bons sentimentos em relação a ela; por isso eu vos sou muito agradecido.

[5] Referência à ***Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*** (que nesta obra muitas vezes descrita simplesmente como ***Sociedade***), fundada por Allan Kardec em 1 de abril de 1858 e por ele presidida até seu falecimento, então, à época da publicação desta obra, era presidida pelo Sr. Vautier, aliado do Sr. Leymarie — N. T.

Como vos foi dito[6], vós estareis dentre os Espíritos missionários que têm uma grande tarefa a cumprir. Em breve eles irão iniciá-la e vereis então o rápido desenvolvimento de nossas ideias.

Uma sociedade nova está em formação; os Espíritos terrestres estão escolhidos; a qualquer momento eles se farão conhecidos a vós, e como vós já são velhos amigos de precedentes existências, vós vos entendereis perfeitamente; vós sereis um dos nossos bons médiuns: surgir-vos-ão diversas faculdades novas, assim que vossa saúde for restaurada por bons fluidos, como vos foi dito. Pertencereis a um grupo escolhido, pelo qual os Espíritos superiores poderão verdadeiramente se comunicar sem ter que lutar contra os Espíritos recalcitrantes.

Vós assistireis e ajudareis o desenvolvimento de vossa sociedade, que marchará a passo de gigante.

Como eu vos dizia, a sociedade se formará aos poucos; e vos será solicitado fazer parte dela, vós estareis desta forma com nossos amigos, rodeada de médiuns cujas faculdades serão desenvolvidas até o mais alto grau. Podereis conversar diretamente conosco e eu espero que neste momento vós sejais felizes.

Um pouco mais de paciência e em seguida a felicidade.

Allan Kardec

Vemos por essas duas comunicações que nós fomos advertidas sobre a fundação da nova Sociedade, cuja finalidade é restaurar ao Espiritismo toda a sua vitalidade. A viúva do Mestre[7] tinha no coração propagar os ideais de seu marido, eis aqui um fato que o prova peremptoriamente.

Madame Kardec teve entre seus inquilinos um tal de Sr. X., de uma educação medíocre, mas instruído, velho professor, bom escritor, bom orador, inclusive eloquente. Sua franqueza e bondade havia nos seduzido, ele foi muito atencioso com meu amigo, prestando-lhe mil pequenos serviços; graças aos médiuns que nos cercaram, nós pudemos lhe demonstrar a verdade dos fenômenos espíritas; ele aceitou nossa crença com entusiasmo. Madame Kardec o recebeu no comitê da sociedade

[6] Numa comunicação anterior, que não mantive guardada, foi-me dito que serei a presidente da nova sociedade, que me tornaria escritora de um jornal fundado por ela, que eu faria conferências, e que eu teria grande influência sobre o futuro da doutrina. Eu não acreditei em nada disso, nem Madame Kardec, e nós não vamos dar importância alguma a essas comunicações; naquelas que eu forneço, eu as encontrei faz três meses em velhos papéis.

[7] A autora, nesta obra, muitas vezes se refere a Allan Kardec pelo respeitoso título "Mestre" ("Maître", no original em francês) — N. T.

anônima[8]. Ela esperava fazê-lo presidente, e, mais tarde, gerente de sua propriedade. Mas, em 10 de março, ela recebeu a seguinte mensagem:

Comunicação

10 de março de 1881

Querida Amélie,

Hoje eu começo uma rápida exposição sobre a existência e a finalidade da nova sociedade.

Esta sociedade, assim que o seu anúncio tenha sido enviado a alguns dos nossos médiuns, organizar-se-á de acordo com nossas indicações. Os preparativos estão sendo concluídos e ela entrará em funcionamento em breve.

Eu te disse que os médiuns que serão empregados sob a minha direção foram escolhidos por nós, Espíritos; que eles eram e serão comprometidos com a doutrina, que a reunião deles, onde a sinceridade existirá e nos permitirá fazer progredir nossas ideias por todos os meios científicos.

Mais tarde, esses médiuns, auxiliados por outros que lhes serão designados, terão de elaborar e propagar certas obras que nós lhes ditaremos; obras essas inspiradas pelos Espíritos designados para o efeito de elevar nossos princípios ao mais alto grau, deverão predominar em vosso mundo. A data fixada para isso está prestes a entrar no período da realidade.

Querida Amélie, eu poderia dizer-te muitas coisas, mas me parece que tua confiança é restrita, então não poderia me exprimir mais pormenorizadamente sobre tal assunto; repetirei para ti uma vez mais: o que te anuncio está por vir.

Como já te disse, tu tens teu livre-arbítrio; apenas me permita dizer-te que de tua parte deverás refletir cuidadosamente e, sobretudo, compreender *que estou em melhor posição para ver o que se passa e o que precisa acontecer.*

Tu pensas que com algumas modificações na antiga sociedade, esta seria muito bem composta para reunir as qualidades necessárias sob o ponto de vista de que te tem sido retratado. Não! Eu não vejo nada disso conforme tu pensas, e acredite em mim, EU VEJO.

Como crer que em removendo uma individualidade orgulhosa, malgrado tantas advertências, pensar em substituí-la por outra que pode ser tão orgulhosa quanto aquela, e que só tem interesse em governar, seria uma vantagem? Não, querida Amélie, teu julgamento a este aspecto está mal fundado. É inútil fazer proceder tais mudanças por uma coisa que não seria mais lucrativa à nossa causa.

Amélie, faço-te lembrar de que tu tinhas uma missão a cumprir, que eu

[8] A Sociedade Anônima foi idealizada por Allan Kardec, pouco antes de sua desencarnação, cujo propósito era a administração da continuidade das suas obras espíritas. Ela seria gerida por um comitê de conselheiros, do qual faria parte a sua esposa Amélie — N. T.

ficaria muito triste caso não a completasse; que uma vez perto de nós, veríeis com bastante pesar, que o caminho que percorreste era totalmente contrário à realidade.

Reflitas novamente e tu saberás discernir a verdade do que é falso.

Allan Kardec

Esta comunicação influenciou minha amiga, que deixava as coisas como estavam, esperando o tempo todo.

Enquanto isso, o Sr. X foi exposto a ultrajantes calúnias diante do comitê. Ele queria constituir um tribunal de honra, mas todos se recusam, e, bastante insatisfeito com a atitude dos membros aos quais ele havia se dirigido, ele pediu a sua demissão.

Para se fazer útil ao espiritismo, ele propôs à Sra. Kardec se ela consentiria emprestar 10 mil francos[9] ao diretor do jornal intitulado: *A Vida Doméstica*, a fim de escrever artigos espíritas, analisar as obras do Mestre, e tornar a doutrina conhecida a numerosos leitores.

Ela prontamente aceitou, acreditando que esse jornal poderia ser o órgão da nova sociedade. O primeiro artigo foi publicado a 30 de abril de 1881. O autor relata como ele tornou-se espírita e analisa todo *O Livro dos Espíritos*; passado cerca de um ano, a Sra. Kardec estava muito contente, e, "como todo trabalho merece um salário", disse-me ela, oferecera cinco mil francos ao Sr. X, que desejava tocar sua continuação.

Podemos ver por esta doação que qualquer sacrifício não lhe custava nada para propagar a doutrina de seu marido.

Em 1882, a família Delanne recebeu numerosas comunicações, seja por escrito ou pelo copo d'água, comprometendo-a a fundar uma nova sociedade. Mas as ocupações comerciais ocuparam todo o seu tempo. A possibilidade de fundar um jornal pareceu incompatível com o trabalho de cada dia. Finalmente, quando apareceu o jornal *L'Esprit [O Espírito]*, fundado pelo Sr. Momas, o Sr. Delanne pensou que este encontro de jovens, cheios de instrução, fé e ardor, era a falange escolhida pelos Espíritos para devolver ao espiritismo toda sua vitalidade. Ele foi, portanto, dar-lhes avisos, conselhos e até mesmo as ordens que recebeu. Inserimos no nº 7 (11 de junho) do jornal *L'Esprit* a seguinte comunicação

[9] Moeda então vigente na França, que seria substituída pelo Euro em 1999, a partir da criação da União Europeia, da qual os franceses são membros fundadores — N. T.

recebida em 18 de maio de 1882.[10]

Comunicação

Por algum tempo eu estive convosco, feliz por vê-los resolvidos a retomar valentemente o vosso papel de propagador da fé espírita.

A doutrina, por assim dizer, ficou adormecida desde a minha partida. Era impossível que fosse de outra forma, já que meu desaparecimento súbito não me deu tempo para realizar os projetos que havia feito e que permitiria a uma *coletividade homogênea* continuar o trabalho que havia sido iniciado. Então, as desgraças que surgiram em nossa querida pátria obrigaram cada um a trabalhar materialmente para melhorar sua própria situação e a de nosso querido país. Pois deve-se confessar que a maior parte dos espíritas, sendo os primeiros apóstolos, sem fortuna, tem o dever de prover as necessidades diárias de suas famílias.

Essa é uma obrigação da qual ninguém tem o direito de escapar. O trabalho é uma lei imposta ao homem pelo Criador, é importante realizá-lo.

Por conseguinte, era preferível ao espiritismo que continuasse a se espalhar entre as famílias sem brilho, em vez de *ser desviado do seu verdadeiro caminho, que é o estudo dos fatos e o reconhecimento das manifestações dos desencarnados que viveram na terra*.

Não tenhais medo de chamá-los, não importa o quão grande eles vos possam parecer, e qualquer papel que possam ter realizado aqui embaixo; quanto mais evoluídos forem eles, mais fácil é que eles se entreguem ao vosso chamado, o envelope perispiritual do espírito tendo sido banhado no fluido ambiental do planeta, conserva nele, eternamente, a faculdade de ir a todos os lugares onde a lembrança o chama, e especialmente quando este espírito cumpriu um papel missionário em um desses mundos onde ele é desejado. Quanto mais o espírito é elevado, mais lhe é fácil atravessar os espaços. O espírito pode atravessar todos os mundos em que viveu, com tanta facilidade quanto é para vós ir de um país a outro, sem que sejais obrigados a deixar uma parte de vós mesmos no caminho; se, por exemplo, vós viajardes do norte para o sul, vós deixareis uma roupa quente para colocar uma nova fresca; vós vos ajustareis ao ambiente em que vos encontrais, e nada será capaz de se opor à vossa transformação transitória, se vós tiverdes previsto. É o mesmo com os espíritos superiores, tendo adquirido a onipotência sobre a matéria, eles a transformam como desejam sem que nenhuma lei se oponha. Quando se diz espírito superior, diz-se humildade, amor e caridade. Exemplo: Cristo veio encarnar em uma família humilde e pobre. Ele teve os seus motivos. Foi para

[10] Download em: http://www.iapsop.com/archive/materials/esprit_paris/esprit_l_paris_v1_n7_may_11_1882.pdf — N. T.

nos mostrar que não devemos ter medo de chamá-lo para nós, pois era o ambiente que ele preferia. Não tenhais medo de chamar todos aqueles por quem tenhais grande simpatia. Eles sempre estarão felizes com vossa evocações.

Estou jubiloso com o despertar que se opera e vos devo dizer que a ele não estou indiferente; tampouco ao novo conhecimento que vós fazeis desses caros amigos, repletos de boa vontade e que farão tudo o que lhes for possível para levar a obra a um bom fim. Mas eles precisam ser ajudados e assistidos.

E dever de todo espírita sincero *evitar que a doutrina seja desviada de seu verdadeiro curso;* portanto, meus amigos, eu conto convosco. Sei o quanto amais nossa querida filosofia e o quanto desejais vê-la triunfar; eis porque vos disse essas coisas; são conselhos de amigo que vos dou, sabendo que vos agradarei, e que vos esforçareis para trabalhar pela obra de regeneração à qual me devotei, Sublime missão que é a de ensinar aos seus irmãos o caminho da felicidade que é aquela, como dizia o Cristo, "da vida eterna".

Retornem, portanto, corajosamente à luta; quanto mais trabalharem pelos outros, mais lhes será dado por vós mesmos.

Somente se pode julgar uma causa quando se estudou bem sobre a mesma e quando a ela se está bem identificado. É o mesmo caso do trabalho. Para conhecer-se as leis, é necessário trabalhar por si mesmo, se se quer raciocinar com precisão e ajudar a resolver a maior questão do século, que é a compreensão do trabalho e do capital.

Ah! se os homens encarregados da marcha do progresso desejassem se ocupar seriamente do espiritismo, que poderosa alavanca eles teriam tido em suas mãos!

O capítulo das responsabilidades é o único capaz de fazer bem compreender os trabalhadores e cavalheiros que eles são semelhantes aos poderosos, mas que não é somente a si mesmos que devem a situação momentânea que ora ocupam, situação essa que eles poderão melhorar facilmente no dia em que compreenderem a lei de reencarnação. Trabalhai, portanto, incansavalmente e com coragem para o edifício social e moral de nossa doutrina; *os meios vos serão dados*. A hora chegou, a ocasião se apresenta hoje, secundai-a, queridos amigos, com toda a vossa força; apelai-nos. *Organizai-vos em um comité*. Lede, relede, comentai todos os fatos que vos sujeitem e cuidai bem para não serdes absolutos sobre qualquer outro ponto que não aqueles fundamentais, quer dizer, a crença nas *manifestações e na reencarnação*. Não avançai os fatos que estejam sob reserva. Em uma palavra, fazei como eu fiz. Vós me vistes ao trabalho.

Allan Kardec

Em seguida a esta comunicação, houve este complemento:

> Não desejo fatigar o médium. Entretanto, eu vos exorto a ir ver minha cara esposa. *É necessário* no interesse da doutrina (isto para vós, pessoalmente). É bem difícil julgar o coração humano, porque se ele tem suas horas de desfalecimento, também as tem de refazimento. Ide, pois, sem tardar, e vós me sereis muito agradáveis.
>
> **Allan Kardec**

Apesar dessa urgente injunção, o senhor e a senhora Delanne permitiram passar o mês de julho sem se perturbarem; somente no final do mês de agosto, a partir das novas comunicações, dizendo-lhes o quanto o retardo deles era prejudicial à doutrina, que eles foram lá e Madame Kardec acolheu-os com uma profunda alegria; ela viu, finalmente, o amanhecer daquela sociedade há muito tempo prometida. Eles lhe propuseram ser a presidente, mas ela recusou, em razão dela já estar bem doente. "De coração, estou convosco", disse-lhes ela, porém, recusava-se a combater "e destruir a sociedade que fundamos, meu marido e eu. Eu vos darei uma presidente, minha melhor e mais fiel amiga, reflexo de mim mesma, e permanecerei neutra".[11]

Sr. Delanne lhe contou que na Bélgica temia-se uma cisão inquietante para a doutrina, que um espírita muito zeloso queria fazer do espiritismo uma religião com culto e cerimônias. Ela rejeitou essa ideia energicamente, dizendo: "Se o espiritismo transformar-se em uma religião, nós não seremos mais do que uma seita, e a doutrina, esta bela filosofia, perder-se-á". Ela também rejeita a palavra federação, que soava mal aos ouvidos depois da comuna[12]. Ficou estabelecido que nós faríamos um apelo a todos os espíritas sinceros, elaboraríamos o estatuto e que a sociedade receberia o título de *União Espírita Francesa*.

Alguns espíritas ficaram alarmados com esta decisão, e, temendo ver a antiga sociedade ruir, protestaram; outros, ao contrário, vendo que

---

[11] Assim, amigos, foi que fiz parte da União e dela aceitei ser vice-presidente. Havia quinze anos eu não ia a qualquer reunião espírita, eu vivia completamente alheia.

[12] Essa resistência ao título "federação" muito provavelmente se deve ao fato de que assim era chamado o órgão político formado durante a Comuna de Paris, o levante armado ocorrido em 1871 que propunha criar em Paris uma república operária e fazer resistência contra a invasão do Reino da Prússia à França. Essa insurreição durou de 26 de março a 28 de maio de 1871 e seu governo provisório era composto de uma "federação" de representantes de bairros. Daí porque, supomos, esse vocábulo ser rejeitado, a fim de não permitir qualquer associação ideológica entre os espíritas e os favoráveis daquela revolução **— N. T.**

depois da morte do Mestre, o espiritismo definhava e perdia espaço, acolheu com entusiasmo a possibilidade de fundar uma nova sociedade e um jornal acessível.

FORMAÇÃO DA UNIÃO

A 4 de setembro, realizou-se na sede da Sociedade, na rua des Petit-Champs, uma reunião de espíritas na qual foram discutidas questões postas pelos nossos irmãos belgas; lá foram feitas as primeiras propostas de federação francesa. Um pouco mais tarde, o Sr. Leymarie[13], depois de ter estado na Bélgica, escreveu, em 22 de setembro, uma carta ao Sr. Gabriel Delanne da qual extraímos o seguinte trecho:

"Havia ali uma profunda cisão entre os espíritas belgas; eu pude apaziguar os conflitos, e esta noite, espero, haverá uma reconciliação geral; minha presença poderá resultar nisso e eu abençoaria minhas fadigas cotidianas. Por que isso não deveria ocorrer aqui em Paris? Vós devíeis ajudar-me, meu amigo; vossos pais são devotos da nossa doutrina, esquecendo os incidentes que têm perturbado a harmonia; Nós poderíamos, de mãos dadas, unir-nos e amar uns aos outros, ser o exemplo da conciliação e do esquecimento do passado, e criar com muita seriedade a base da futura sociedade espírita".[14]

Em resposta àquele apelo de reconciliação, o dever de todo espírita sincero era o de responder: um Comitê inicial foi formado com o objetivo de agrupar os dissidentes e ao mesmo tempo de estudar um projeto de estatuto para a futura federação francesa. Terminados os trabalhos, o comitê expôs os resultados diante de uma assembleia de 150 pessoas, reunidas na rua St-Dennis; o estatuto elaborado foi aprovado por unanimidade e vários assistentes já queriam fundar a federação, sob o título de União espírita francesa, quando então o Sr. Gabriel Delanne e o Sr. His observaram que eles não tinham o direito de fazê-lo, pois a assembleia

[13] Pierre-Gäetan Leymarie (1827-1901) — N. T.
[14] O que ele sempre pensou e agiu conforme suas próprias palavras.

não era geral o bastante para considerar-se como mandatária dos espíritas franceses. Foi decidido, por conseguinte, irmos à sede da Sociedade, na rua des Petits-Champs, onde uma nova reunião deveria realizar-se, no dia seguinte, domingo, 19 de novembro. Nós fomos lá; o presidente fez a leitura de uma série de questionamentos relativos à constituição de uma federação francesa e belga; em seguida, lemos um projeto de união espírita francesa, incluindo a criação de um jornal acessível, órgão dessa associação. *Na discussão, prevaleceu o princípio de uma federação ou União espírita francesa, sem prejuízo de outros laços que posteriormente poderiam se formar com outras nações*.

As questões relativas à organização dessa federação eram numerosas, decidiu-se, por sugestão do Sr. Leymarie, nomear uma comissão mista[15] tendo como objetivo preparar um trabalho, que submeteríamos à aprovação de uma assembleia geral que, por si só, teria qualidade para tomar resoluções definitivas. Estávamos para ver então um espetáculo em movimento; espíritas há muito tempo separados estendendo as mãos e se tratando como irmãos; alegria e concórdia reinavam em todos os corações.

O Sr. Leymarie, no decorrer da reunião, propôs gentilmente a sede da Sociedade espírita para a realização dos encontros da comissão; a proposta foi aceita e ficou resolvido reunir-se aos domingos e quartas-feiras de cada semana.

Uma primeira reunião, bastante curta, ocorreu naquela mesma noite, e a comissão, inspirando-se nos debates da assembleia, adota o título de federação (ou União espírita francesa). A segunda realizou-se na quarta-feira seguinte, 22 de novembro; o Sr. Vautier declarou que era o administrador da Sociedade anônima para a continuação das obras de Allan Kardec e não poderia admitir que, nas instalações daquela Sociedade, se falasse em fundar um novo jornal espírita,[16] pois, disse ele, isso seria prejudicial aos *interesses* da Revue[17]. Tentamos demonstrá-lo

[15] Desta comissão, a maior parte era de membros amigos do Sr. Leymarie. Foi então que o Sr. Leymarie, com o espírito de reconciliação, no qual todos gostariam de acreditar, disse à senhora Rosen, para a grande surpresa daqueles: eles afundar-se-ão, e ao Sr. His, nós os esmagaremos.

[16] Eis como se compreende a propaganda, graças a Deus, neste local, lá fizemos bem outras coisas que contarei depois. Essa declaração era ainda mais estranha por parte do Sr. Vautier, que tudo havia aprovado na reunião anterior.

[17] Referência à ***Revue Spirite***, ou seja, ***Revista Espírita***, que doravante iremos grafar com a tradução correspondente: *Revista*, onde o original consta *Revue*; ou *Revista Espírita*, onde consta *Revue Spirite* — N. T.

que não seria assim, e que toda a extensão de nossas ideias, ao contrário, poderia ser benéfica à livraria espírita, que, além disso, havíamos aceitado a Sociedade como sede da comissão sob a proposta do Sr. Leymarie; nenhuma dessas razões pôde fazê-lo mudar de opinião. O Sr. Gabriel Delanne então propôs reunirmos em sua casa, o que foi aprovado.

A comissão, para permanecer no exercício de seu mandato, continuou seus trabalhos, malgrado a abstenção de algumas pessoas que se retiraram e acreditaram que deveriam retomar o projeto de uma federação francesa e belga.

Houve uma reunião, em 24 de dezembro, no grande salão de la Redoute, na rua J.-J. Rousseau, à qual participaram quatrocentas pessoas.

A *União espírita francesa* foi fundada, bem como o jornal *le Spiritisme [o Espiritismo]* (extrato da brochura: Fundação da *União espírita francesa*).

COMO O ESPIRITISMO É DIRIGIDO

Agora vou tratar das causas que obrigaram os Espíritos, assim como nós, a fundar a União. Esta tarefa me é penosa, como espírita, é cruel revelar o coração humano, *mas é preciso*. Devo declarar que, pessoalmente, jamais tive que vangloriar-me da polidez e até mesmo das gentilezas do Sr. Leymarie para comigo, então, não há, de minha parte, qualquer motivo de malevolência. Eu o faço como o cumprimento de um dever: a cada um conforme suas obras.

Voltarei a alguns anos na existência da Sra. Kardec. Ela estava bastante descontente com a transferência da Sociedade, da rua de Lille para a rua Neuve des Petits Champs, mudança essa que aumentou o aluguel em 4.600 francos. A decisão de ali se dar festas a espantou, estava longe da simplicidade do Mestre nessa ordem de coisas.

Ela desaprovou igualmente a ideia de se juntar à Sociedade científica e psicológica, *Sociedade não espírita*, que evidenciou claramente suas opiniões antiespíritas e cujos artigos apareceram na Revue. Dizia-se que era para diminuir os encargos já muito pesados.

A Sra. Kardec foi a única que compreendeu os perigos dessa promiscuidade, pois seu Presidente, o Sr. Fauvety[18], inteligência muito superior e filósofo sério, queria fundar uma religião laica e, por conseguinte, trazia consigo elementos que combatiam a doutrina, que ele não conhecia de resto e a qual agora estudava. Aqui está a prova desse perigo. (Vede a Revista Espírita de janeiro de 1881).

[18] Charles Fauvety (1813-1894), filósofo maçom que, saído do protestantismo liberal, fundou a sua "Religião Laica" e, associado a Leymarie, criou também a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, da qual era presidente, sendo a sua sede o mesmo endereço da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, conduzida por Leymarie, na Rua Neuve des Petits-Champs — N. T.

AVISO IMPORTANTE

O Sr. Charles Fauvety nos entregou 120 volumes da religião laica segundo ano, e 120 do terceiro. Esses volumes são *oferecidos como bônus* aos assinantes da Revue por mais 3 francos, além de 1 franco pela entrega.

Eis para o que tem servido a Revue, ao invés da Propagação da doutrina espírita, eram as utopias e as ideias do Sr. Fauvety que defendia o Sr. Leymarie.

A Sra. Kardec então teve que sustentar lutas no comitê, mas suas observações não eram ouvidas; quando ela culpou os artigos, trataram-na com tão pouca consideração que ela voltou doente. O desgosto e sua saúde já muito alterada fizeram com que ela não mais fosse lá, e foi tão esquecida que o Sr. Leymarie, seu *mandatário*, não mais lhe prestava conta de nada. Até a morte dela, havia um ano ou 18 meses que ele não a visitava. Exceto, entretanto, depois da criação da União espírita francesa.

De resto, a luta era impossível para aquela pobre amiga, ela não tinha, diante do comitê da Sociedade anônima para a propagação das obras de seu marido, mais do que uma voz, e o Sr. Leymarie recebera até 14 procurações dos membros desse comitê que moravam na província.

Que me permitam dizer deles, que eles não sabiam nada, que tendo aceitado um mandato, aquele de apoiar e defender a Sociedade e de propagar as obras do Mestre, eles tinham o mais sagrado dever, porquanto sabiam bem que era uma questão social e humanitária, e por indiferença e incúria deles, deixaram a Sociedade sem controle, sem conselho, colocando a Doutrina em perigo.

O Sr. Leymarie, sentindo-se um mestre absoluto e querendo, na sua orgulhosa pretensão, passar-se por um sábio, acolheu todas as Sociedades mais ou menos científicas. Ele se tornara ADEPTO da Sociedade Teosófica fundada pelo coronel Olcott[19] e a Sra. Blavatsky[20], em Bombaim[21]. Ele recebeu um *certificado, assim como sua esposa*, e foi nomeado Presidente para a filial da França.[22]

---

[19] Referência ao americano Henry Steel Olcott (1832-1907), advogado, jornalista, escritor erudito e pioneiro a divulgar na América as tradições orientais, especialmente o Budismo — N. T.

[20] Referência à mística e escritora russa Elena Petrovna Blavatskaya (1831-1891), conhecida como Madame Blavatsky. No texto original, porém, há um erro gráfico nesse ponto, como em outras partes, onde encontramos "Blawatski" ao invés de "Blavatsky", que em nossa tradução optamos por corrigir — N. T.

[21] Bombaim, ou Mumbai (nome oficial), a maior e mais importante cidade da Índia — N. T.

[22] Ver *Regras da Sociedade Teosófica* (página 9).

A Sociedade do Livre Pensamento religioso criada pelo Sr. Fauvety, para enterros civis, possui uma bandeira e um pano mortuário pontilhado de estrelas e de sóis de ouro, verdadeiros enfeites, do que faz rir à custa dos espíritas e do espiritismo.

Em seguida, uma Sociedade fortemente difundida (de acordo com o Sr. Leymarie), sob o título de Pneumatologia Universal, que é compartilhada em decúrias e em centúrias, que tem reunido os *homens mais instruídos* e aqueles *das classes mais elevadas*, deram ao Sr. Leymarie o título de Presidente da trigésima segunda decúria, cuja sede social deve ser em Paris. A Revista Espírita será no Ocidente o órgão dessa Sociedade. (Revista Espírita de 1 de janeiro de 1881, página 5.)

Foi para dar abrigo a todos esses delírios orgulhosos que o Sr. Kardec fundou a Revista?

Todos esses atos desesperaram a Sra. Kardec, mas o que ela poderia fazer sozinha, já que os membros do comitê não compareciam às assembleias gerais e nem mesmo respondiam as suas cartas?

Foi naquela mesma época, 1 de janeiro de 1881, que fizemos apelo aos nossos irmãos de fé para se criar conferências sobre o *espiritismo*.[23] Certamente, a ideia era bela, ela poderia oferecer esplêndidos resultados. Teria sido necessário trazer o mais absoluto desinteresse, e isso era possível, e eu cito uma carta de nosso jovem amigo, o Sr. Denis[24]:

> Tours, 8 de novembro de 1880.
>
> Eu vos envio com este envelope uma ordem de pagamento postal[25] de 25 francos. Soma que me proponho doar anualmente para as realizações das conferências, enquanto minhas posses assim me permitirem. Comprometo-me ainda a fazer uma assinatura do jornal que será criado nessa ocasião. Ponho-me igualmente à disposição de grupos situados num raio aproximado de Tours, para trazer a público e GRATUITAMENTE TODAS AS DESPESAS SOB MINHA RESPONSABILIDADE, os assuntos que desenvolvi na nossa região e que se relacionam com as nossas *doutrinas*.
>
> Receba, Senhor, a garantia de meus sentimentos fraternais.
>
> **Léon Denis**

[23] Em uma das derradeiras conferências que o Sr. Leymarie fez, ele falou de astronomia, da gravidade da terra e de sua distância do sol, porém nada sobre espiritismo.

[24] De fato, com os seus 34 anos de idade, Léon Denis (1846-1927) despontava no movimento espírita francês como um jovem sábio, idealista e fiel à doutrina de Allan Kardec, cujas qualidades fizeram dele um dos maiores apóstolos espíritas daquela geração — N. T.

[25] Serviço de remessa de dinheiro via correios, em francês *"un bon de poste"* — N. T.

Nenhum dos outros conferencistas pagou qualquer coisa além das despesas de viagem.

Mas a questão do dinheiro prevaleceu. O Sr. Guérin, espírita sincero, creio eu, ofereceu seu concurso inscrevendo-se por cinco mil francos, mais mil francos para a criação de um jornal, ou monitor de conferências, jornal esse do qual jamais ouvimos falar. Entretanto, a *Revista espírita* apressou-se a abrir suas colunas para uma subscrição permanente, e, passados três anos, os apelos do dinheiro não cessaram. Eu cito o seguinte:

> "A Sociedade recebe com reconhecimento todas as *doações* que lhe são feitas no interesse da propagação da doutrina e se compromete em mencioná-las na Revista (eis um apelo à vaidade). Esta Sociedade é anônima e tem capital variável; ela recebe os legados testamentários."

Quantas vezes minha pobre amiga me disse, apontando-me a Revista: "Dir-se-ia que foi redigido por clérigos; todas essas exigências são abomináveis e degradam a doutrina, jamais meu marido pediu nada a ninguém; aquilo que ele fez, o fez com seus próprios recursos."

Enfim, o Sr. Guérin fez uma doação à Sociedade de uma soma de *cem mil francos* consistindo em um imóvel situado em Bordeaux, no qual uma sala de conferência deveria ser organizada. Mas o doador exigia que os cem mil francos fossem representados por cem ações de mil francos, que lhe pertenceriam e, após a sua morte, retornariam para a Sociedade.

A carta do Sr. Leymarie estava tão embaraçada que nem minha amiga e nem eu pudemos compreender o que queria dizer aquele negócio, então a Sra. Kardec recusou-se a assinar a certidão. Essa condição de cem ações pareceu-nos uma armadilha. Por esse meio, poder-se-ia escolher seus acionistas[26]. O Sr. Guérin tornar-se-ia o mestre do comitê, já que ele poderia lá introduzir apenas seus protegidos. Isso seria um verdadeiro perigo.

Poucos dias depois, a Sra. Leymarie veio ver a Sra. Allan Kardec; ela estava acompanhada do Sr. Vincent, se não me falha a memória, e nessa visita a persuasão foi tão boa que ela assinou. No dia seguinte, eu a culpei muito por não ter exigido a retirada das cem ações. Contudo, ela me disse sorrindo: "É difícil, cara amiga, recusar cem mil francos, pois isso pode

[26] Para ser membro do comitê, seria preciso ser acionista.

tornar os livros do meu marido mais baratos."

Veremos, logo mais, que essa doação escondeu odiosas maquinações.

Enfim, em 21 de janeiro de 1883, tive a dor de perder minha amiga!! Na sexta-feira 19, levantando-se da sua cama, ela teve uma tontura, caiu e, batendo sua cabeça no canto do mármore de sua cômoda, perdeu a consciência. Ajudada pela empregada, pude levá-la de volta à cama, mas pela expressão de sua boca, vi que havia ali uma congestão cerebral. Fui procurar o médico, que me declarou que ela estava morta.

Sra. Kardec tinha feito seu testamento em 1877, tendo designado o Sr. Leven, um grande amigo do Sr. Kardec, como executor testamentário. Porém, depois do casamento de seu filho, o Sr. Leven não mais tinha visto minha amiga. Esse abandono sem motivo tinha-lhe causado muito desgosto. Sua intenção era a de refazer seu testamento e designar o Sr. Joly para cumprir essa função. O Sr. Joly havia aceitado, mas infelizmente a morte a surpreendeu.

Ela havia me encarregado de avisar imediatamente a esse cavalheiro, assim que ela estivesse em perigo, e foi o que fiz na sexta-feira ao meio-dia. Às 4 horas, o Sr. Joly estava conosco e eu lhe entreguei todas as chaves. No domingo de manhã, algumas horas após o falecimento da minha querida amiga, pôs-se os selos.

O Sr. Leymarie queria que fosse sepultada pela sociedade do livre-pensamento religioso. Eu me opus com força, dizendo que ela jamais fez parte daquela Sociedade. Que ela seria enterrada como havia sido o seu marido. Eles se renderem às minhas vontades. Apenas nas cartas de comunicado ela foi designada como *membro do comitê*, ela que fora fundadora da sociedade anônima.

Agora, que o Sr. Leven me permita fazer-lhe uma repreensão: não podendo aceitar ser o executor testamentário, por que ele não se informou dos desejos da falecida e procurou conhecer as últimas vontades dela? Não! Ele fez uma procuração que designava o Sr. Leymarie para substituí-lo nas suas funções. Ele não deveria ter se desinteressado de um assunto tão sério, ele que havia sido Presidente da Sociedade e que era um espírita sincero.

Quanto ao Sr. Leymarie, não entendi como ele teve a indelicadeza de aceitar essa procuração, ele que sabia que a intenção da Sra. Kardec era de

encarregar o Sr. Joly, membro do comitê e gerente da Revista.

Uma prima de segundo grau da minha amiga abriu um processo de captação contra a Sociedade, sob a indução do Sr. ***, pelo qual deveria receber de herança 5 mil francos da Sra. Kardec. Não entrarei em todos os detalhes, mas o tabelião havia declarado que o testamento era *inatacável*, por conseguinte, tinha-se que prosseguir o caso. O Sr. Leymarie preferiu pagar VINTE MIL FRANCOS àquela prima para entrar mais cedo na posse da herança, deixando, consequentemente, pairar sobra a inteligência de minha amiga uma acusação de loucura ou falência senil.

O que teve de estranho ali foi que o legatário era uma Sociedade, uma entidade coletiva, não um de seus membros, que não estava presente à requisição dos títulos, nem mesmo o Sr. Joly. Poder-se-ia dizer que só o Sr. Leymarie e seus familiares eram os herdeiros; eles foram ajudados pelo Sr. Vautier, tesoureiro e ao mesmo tempo administrador da Sociedade, o que fazia que ele controlasse a si mesmo. Não houve nem *inventário,* nem venda pública, exceto as coisas fora de serviço que foram vendidas para revendedores de segunda mão.

Tudo aquilo era questão de dinheiro, e tinha pouco valor aos meus olhos. Entretanto, o que me fez estremecer de indignação foi assistir a um verdadeiro auto de fé[27]. O Sr. Vautier queimou pilhas de papéis e de cartas. Quantas comunicações e quantas anotações deixadas pelo mestre foram destruídas.

Eis o que disse o Sr. Kardec no livro A gênese (página 34):

> "Essa concentração espontânea de forças dispersas deu lugar a uma imensa correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina tem feito nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; *arquivos preciosos* para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Na presença desses testemunhos irrecusáveis, o que serão, com o tempo, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?"

[27] A autora faz aqui um paralelo com as tradicionais sentenças do tribunal da Inquisição, chamadas de ***autos de fé***. Uma delas, em especial, é bem conhecida dos espíritas: o auto de fé de Barcelona, em que, por ordem de um bispo católico, obras de Allan Kardec e de outros autores espíritas foram confiscadas e queimadas em praça

O que eles fizeram? Grande Deus!!

Mas em que eu considero o Sr. Leymarie muito culpado é em constatar sua ingratidão em relação ao mestre e sua digna companheira, que, no entanto, tinham sempre se mostrado, por ele, cheios de bondade e de obrigações.

Assim que o Sr. Leymarie foi declarado falido (Qualquer comerciante pode ser mal sucedido), ele o ajudou de seu bolso, a Sra. Kardec o aceitou como administrador, deu-lhe a possibilidade de viver e de sustentar sua família, e, todavia, por sua falta de juízo, sua inconsequência e sua credulidade no processo das fotografias espíritas[28], ele tinha comprometido, não somente a doutrina, mas também todos os espíritas sinceros e devotados, que se passaram, aos olhos do público, por fanáticos, loucos ou imbecis, porque eles tiveram a coragem de defendê-lo.

Ele acabou condenado à pena máxima, *sem recurso*.

Malgrado todos esses prejuízos, ele foi mantido à frente da Sociedade, o que foi um erro.

No dia 31 de março de 1883, diante da tumba que continha então meus dois bons e queridos amigos, Sr. Leymarie pronunciou um discurso cujas primeiras frases aqui estão:

> "Minhas irmãs e meus irmãos, diante da tumba de Allan Kardec, à direita de onde a dois meses nós depositamos os restos mortais da Sra. Allan Kardec *devemos, a cada ano, refazer o panegírico*[29] *do mestre em espiritismo,* deste ilustre professor cuja memória todos nós veneramos? Na *verdade, isso seria repetir as mesmas coisas, com novas variantes que não poderiam oferecer um interesse constante aos nossos irmãos de fé."*

Ver a *Revista* de maio de 1883 (página 195). Foi bastante audacioso? Diante de nós, que ainda tínhamos lágrimas nos olhos. Mas isso não

---

pública a 9 de outubro de 1861 — N. T.

[28] Conhecido também como "O processo dos espíritas", esse episódio foi bastante custoso para o movimento espírita francês. Em 1874, a ***Revista Espírita*** (então editada por Leymarie) publicou uma série de fotografias supostamente retratando Espíritos desencarnados. No ano seguinte, foi instaurado um processo para apurar possíveis montagens fraudulentas dessas fotos e se tornaram réus Leymarie, por ser o diretor da Revista, e os ditos médiuns de efeitos físicos que produziam as fotografias: Alfred Henri e Édouard Buguet. Todos foram condenados, o que causou enorme constrangimento para Madame Kardec — inclusa como uma das testemunhas de defesa dos confrades espíritas. A pena para Leymarie foi de um ano de prisão e multa de 500 francos. Depois, Buguet confessou que, por dinheiro, havia sim adulterado algumas das fotografias, mas alegou que pelo menos dois terços delas eram autênticas e inocentou Leymarie. A sentença foi anulada e, libertado da prisão, o diretor da Revista voltou às atividades editoriais. — N. T.

[29] Discurso público solene e elogioso — N. T.

passava de prelúdio daquilo que ele preparara.

Recebi com a *Revista* de junho um folheto intitulado: Os 4 Evangelhos de J. B. Roustaing.[30]

Não quero voltar à minha profunda indignação para a leitura desse panfleto, balão de ensaio tão perfidamente escrito, quão habilmente desenvolvido. Mas eu vou dar a cada qual o que lhe é devido, de acordo com a minha apreciação pessoal, e meus irmãos de fé então julgarão.

Eu acredito que as reflexões e observações de J. B. Roustaing, da página 17 até a página 29, são anotações que ele teria escrito após a leitura do artigo do Sr. Kardec da Revista de 1866 (página 190) e que os pretensos discípulos teriam encontrado nos seus papéis após a morte dele; quanto aos demais capítulos, podem reivindicá-los.

Os espíritas que receberam o folheto poderão sozinhos me seguir nessa investigação.

O sucessor designado por Allan Kardec, quem será ele? (página 33 da brochura)

Entre os discípulos do Sr. Roustaing, não é difícil, uma vez que temos lido durante 15 anos os artigos do Sr. Leymarie, de encontrar seu gênero, seu estilo, o emprego de uma série de expressões que lhe são habituais. Depois, quem teria dado ao Sr. M. J. Guérin todas essas informações sobre o sucessor designado? O Sr. Kardec, na *Revista* de 1864, não deu qualquer detalhe sobre a sucessão em questão, e é difícil que ele tenha tocado em quaisquer palavras a respeito disso no seu círculo mais íntimo. Foi, portanto, o Sr. Leymarie que encontrou nos papéis e comunicações, que a Sra. Kardec havia dado à Sociedade, após a morte de seu marido, os documentos relativos a essa esperança de um sucessor e continuador de sua obra. E de resto, o que sabia o Sr. Leymarie? Essas crianças designadas pela médium do cantão de Berne tinham seu livre-arbítrio, elas poderiam aceitar ou falhar em sua missão, e a prova é que foram designadas várias delas. Agora, são jovens de 18 a 30 anos, que nos dizem que não surgirá uma inteligência fora de série para continuar a obra tão amada do mestre? Com 20 anos pode-se ter a maturidade necessária para erguer alto e firme

[30] *Os Quatro Evangelhos*, subintitulado *Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação*, é uma série de quatro volumes, publicada em 1866, com a assinatura de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879), um renomado jurista em Bourdeaux, França, que a teria constituído a partir de comunicações obtidas pela médium belga Émilie Collignon, supostamente enviadas pelos quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João — N. T.

a bandeira de nossa querida doutrina e fazê-la avançar na sua marcha ascendente? Não! Aguardemos com confiança, pois o mestre jamais foi enganado quanto ao futuro do espiritismo.

Quem pôde também dar com tanta precisão o número de 660 assinantes da *Revista* em 1868, senão os documentos que o Sr. Leymarie tinha em mãos, para ridicularizar o controle dos mil centros sérios dos quais falara o mestre?

Eis aqui como se exprime o Sr. Kardec:

> "Não é pela opinião de um homem que se reunirá, é pela voz unânime dos Espíritos: não é um homem, nem nós, nem qualquer outro, que fundará a ortodoxia espírita, tampouco um Espírito que venha se impor a quem quer que seja, mas a universalidade dos Espíritos que se comunicam por toda a terra por ordem de Deus; eis aqui o caráter essencial da Doutrina espírita, eis aqui a força, eis aqui a sua autoridade."
>
> "Quis Deus que sua lei fosse estabelecida sobre uma base inabalável, e é por isso que ele não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um só."

Eis aqui também a boa e bela lógica: certamente, não é no livro do Sr. Roustaing que se encontram tais condições; ele não tinha mais do que uma médium, Sra. Collignon, e os quatro pretensos evangelistas. E, bem, esse livro está escrito num estilo tão fatigante e chato que, malgrado as leis morais que nele se encontram, que não são mais do que repetições de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*, foi necessário apelar ao Sr. René Caillé para reescrevê-lo a fim de lhe dar aceitação e leitura.

Sr. Leymarie, para agradar ao Sr. Guérin, por quatro anos, nos tem enchido os ouvidos de seus *Evangelhos de Roustaing*, seja na Bélgica, seja na França. Ele não sabe falar da profundidade dessa obra. Meu Deus, para os espíritos sem juízo, tudo que é obscuro parece profundo! Assim foi que ele deu os endereços de todos os assinantes da *Revista* e então que o Sr. Guérin, o executor testamentário do Sr. Roustaing, pôde nos enviar essa lamentável elucubração.

Como se poderia recusar os endereços a um espírita que doou cem mil francos à Sociedade e cinco mil francos para conferências? Um prêmio de três mil francos pelo melhor trabalho espírita. Certamente, Sr. Guérin está muito feliz por ser milionário, porém isso não é uma razão, apesar de seus benefícios, para que deixemos a doutrina desviar-se de seu caminho e

insultar o Mestre.

Uma vez que os ditos discípulos do Sr. Roustaing não querem se curvar diante do julgo de um autoritário tal como Allan Kardec, nós também não queremos deixar o espiritismo entrar na fase teológica. Para quê? Para estabelecê-lo sob a forma de religião? Será que nossa querida doutrina não é mais forte com seu simples título de filosofia? Ela penetra através da lógica e da verdade nas almas ávidas para conhecer aquilo que está além desse mundo tão prosaico. Ela consola os corações alquebrados pelo sofrimento. Dá a esperança de se chegar, através do progresso, à suprema felicidade, à imortalidade de nosso espírito, e enfim, ao conhecimento de um Deus, bondade suprema, justiça eterna, que ela nos ensina a amar, adorar e a bendizer. De que mais precisamos? Será que esses senhores desejam pontificar?

Minha indignação é maior desde que li na *Revista* de setembro de 1883 (página 402) que o Sr. Leymarie ousou escrever depois de ter destilado todo o veneno de sua tinta naquela abominável brochura.

> "A obra dos tempos se cumpriu; após 26 anos de provas, as obras de Allan Kardec são lidas e disseminadas em nosso mundo, milhões de almas abençoam esse grande iniciador."
>
> "O Mestre cumpriu seu dever, *sua fama fez a força de nossa Sociedade; nós o defenderíamos contra tudo e contra todos* se ele não se defendesse tão bem, e se seu nome não fosse, para os espíritas, a proteção mais eficaz."

Bastante hipócrita?

Era impossível para o Sr. Leymarie, sendo colaborador daquela brochura, poder defender o Mestre. Ele não tem, portanto, nenhuma crença na presença dos Espíritos? Eles, que podem ler através do pensamento, que profundo horror essa duplicidade não lhes deve causar.

Enfim, ele coroa sua obra de ingratidão na *Revista* de outubro de 1883 (página 476).

> "Querendo sempre estar em constante acordo com aquela ideia preconizada por Allan Kardec de união do espiritismo com a ciência e reciprocamente, a *Sociedade da caixa geral e central do Espiritismo* decidiu, em reunião geral anual e por unanimidade dos membros, que ela adotará o título seguinte, *legalizado* hoje, SOCIEDADE CIENTÍFICA de ESPIRITISMO, denominação mais em harmonia com os princípios *superiores* que nossa sociedade

popularia e defende, que ela tem por missão espalhar pelos meios mais práticos e racionais."

Primeiro, as assembleias gerais compõem-se de quatro membros: o Sr. e a Sra. Leymarie, o Sr. Vautier, tesoureiro, e o Sr. Joly, o gerente da *Revista*, que assina tudo o que se quer. Eis os quatro campeões do espiritismo científico. Eis os estudiosos que devem popularizar os princípios *superiores* da ciência unida ao espiritismo. É para rir de piedade! Mas era necessário apagar o nome do Mestre e da Sociedade para a continuação das obras de Allan Kardec; era um título que, para eles, cumprira seu dever. Eles o modificaram.

Essa é a Sociedade científica e psicológica? A que é chamada a desenvolver os princípios *superiores*, e fundar a Religião laica e universal, na qual se discute o *Casamento livre*?... Nem mesmo o Sr. Prefeito e sua insígnia, nem mesmo nossas leis que defendem a Sociedade contra o adultério e a imoralidade! É de se acreditar que essa gente tem por missão nos levar à selvageria. Contudo, todas as noites, fazem-se casamentos livres nas ruas de Paris; e é nesta sala da qual o Sr. Vautier expulsou a União espírita Francesa — ó querido e venerado mestre! — que semelhantes questões são levantadas e discutidas. É de se acreditar que eles estão afetados por uma cegueira moral.

QUESTÃO FINANCEIRA

Em um artigo publicado pelo *"Espiritismo"*, intitulado um pouco de luz, eu pedi que fossem cumpridas as derradeiras vontades da Sra. Kardec, colocando os livros fundamentais ao alcance de todos os bolsos. Eu demonstrei que isso seria possível, visto os recursos que deve possuir esta Sociedade, e eis como ele foi respondido.

Eu li na *Revista* de novembro de 1883:

AVISO

De uma vez por todas, prevenimos os leitores da Revista que tomaram conhecimento dos ataques pouco benevolentes de certas pessoas (que se dizem espíritas) que nós não respondemos a *qualquer maledicência, a qualquer calúnia*.

Pode-se imaginar os fatos e as cifras mais inacreditáveis, nossa Sociedade não seguirá ninguém nesse modo antifraternal.

Além do mais, ela é a única responsável pelo que lhe foi legado pelo Sr. e pela Sra. Allan Kardec e não tem que prestar contas *a quem quer que seja*.

Instituída para propagar o espiritismo, ela trabalhará livremente, sabiamente não tendo nenhum objetivo além deste: o bem da causa.

Pelo comitê de fiscalização

VAUTIER.

É legal que um tesoureiro seja o representante do comitê de *fiscalização*?

Ah bom, eu terei a indiscrição de pedir contas! Pois é preciso que se saiba que não é para este comitê que foi legada a fortuna dos meus queridos amigos, e sim para espiritismo, para a propagação das obras do Mestre, e que todos os espíritas da França tenham o direito e o dever de pedir conta do que se tem feito da doutrina, dos meios que se tem empregado para espalhá-la às massas, e do que se passa nessa Sociedade

comercial e privada, segundo o Sr. Fauvety.

O Sr. Vautier não diga dessa vez que se tratam de cifras fantasiosas.

Eu li na Revista de janeiro de 1883 (página 2):

O livro dos Espíritos em francês está na sua 29ª edição; até a morte do Sr. Allan Kardec, em 1869, nós tínhamos a 13ª ..... Diferença: 16 edições.

O livro dos Médiuns está na 17ª edição;
em 1869, nós tínhamos 8 edições ..... 9 edições

O livro do Evangelho[31] está na 16ª edição;
em 1869, nós tínhamos 6 edições ..... 10 edições

O Céu e o Inferno está na 7ª edição; rodaremos a 8ª;
em 1869, nós tínhamos 3 edições ..... 5 edições

A Gênese nós rodamos a 7ª edição;
em 1869, tínhamos 3 edições ..... 4 edições

No total, depois da morte de Allan Kardec[32] ..... 44 edições

Cada edição é de 2 mil volumes, o que dá 88 mil volumes à 3 francos e meio, num total de 308 mil francos. Uma edição custa 1.527 francos; aqui estão os detalhes:

Pelo papel	850 francos.[33]
Pela impressão	533 "
Pela encadernação	144 "
Total	1527 francos.

O volume custa 76 centavos. 35 mil, tirando 66.880 francos para a impressão; restam 243.120 francos; tirando ainda uma soma de noventa mil francos pela remessa dos livros, que é de 30%; a recompra das pranchas usadas e as despesas gerais; sobram então 150 mil francos, soma que deve ser capitalizada.

Eu sempre cito (página 2):

---

[31] ***O Evangelho segundo o Espiritismo*** — N. T.

[32] O mestre não tinha tido mais que 33 [edições] e teve que negociar com os editores. Foi a Sra. Kardec quem pagou 10 mil francos para comprar as pranchas [espécie de clichê metálico usado como forma tipográfica para impressão de livros da época].

[33] No meu artigo (Um pouco de luz) que apareceu no jornal *O Espiritismo*, cometemos um erro de cifra: 800 ao invés de 850 pelo papel. A pessoa que corrigiu a prova deve ter lido a mesma coisa referente à adição. Eu me mantenho à exatidão da nota que me foi deixada pela Sra. Allan Kardec.

"*Os cinco volumes*[34] fundamentais de Allan Kardec, traduzidos para todas as línguas da Europa, ainda são vendidos, o que prova seu contínuo sucesso."

Aqui estão os benefícios que devem cobrir os custos da tradução.

Se o Sr. Leymarie tem pago os seus tradutores como a Srta. Blackwell[35], que traduziu os livros para o inglês, não tem custado tanto dinheiro assim.

Não desejando avançar além dos fatos verdadeiros, escrevi para a Srta. Blackwell; eis a carta dela, da qual suprimi os epítetos:

"Quanto ao -- em questão, minha resposta é fácil. Ele não tinha que me pagar, nem integralmente, nem de qualquer forma, visto que o trabalho de tradução (que assumi de acordo com o desejo que o Espírito de Allan Kardec exprimiu através da mediunidade do Sr. Tailleur) era um trabalho de puro devotamento, absolutamente GRATUITO; eu o realizei por amor à doutrina, por afeição a Allan Kardec, e fiz dessas traduções uma doação à Sociedade, que, por sua vez, deveria somente arcar com os custos da impressão. Jamais recebi, nem quis ter um centavo desse trabalho intenso e cansativo. Mas eu doei mais de 1.500 francos do meu bolso para anunciar as traduções nos jornais ingleses, sem o que, não se teria vendido uma dúzia de exemplares. Eu doei várias somas também para trazer o conhecimento da nossa querida doutrina ao público inglês, que não sabia da existência dela, ignorando até o nome de Allan Kardec! E tudo isso GRATUITAMENTE."

"Leymarie pagou, aproximadamente, os custos das duas primeiras traduções (O livro dos Espíritos e O livro dos Médiuns). Ele me pressionou abruptamente para que terminasse a terceira (O Céu e o Inferno). Então, no momento em que, por falta de sua promessa de imprimir à custa da Sociedade essa terceira tradução, para a qual eu doei a propriedade para Sociedade, como havia doado a das outras duas, ele escreveu-me para retirar sua palavra, dizendo-me que a Sociedade fizera grandes despesas para ter uma sede mais central[36], recusando-se de imprimir a tradução de *O Céu e o Inferno, que já havia sido anunciada nos jornais ingleses,* de sorte que, não fazê-la parecia que o livro não teria sido lançado por um recuo diante da guerra feroz que os

[34] É uma mentira: em inglês não há mais que três.

[35] Senhorita Anna Blackwell (1816-1900), nascida na Inglaterra, mas com marcante passagem pelos Estados Unidos e França, atuando em diversas atividades, tais como professora, jornalista e tradutora, era amiga fiel do casal Kardec, membro da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* e colaboradora da *Revista Espírita*, da qual foi correspondente desde que instalou-se em Londres. Blackwell, portanto, foi a primeira a traduzir e publicar as obras básicas do Espiritismo em inglês. — N. T.

[36] Convencendo todo mundo, o Sr. Leymarie achava-se situado muito apertadamente. Ele recusara a pagar a tradução de *O Céu e o Inferno*, por causa dos custos dessa mudança, porém encontrava dinheiro necessário para bancar festas.

espiritualistas me fizeram."

"Eu, então, emprestei para o fornecimento de papel, pertencente à Sociedade, nas mãos da casa Balantyne, nossos impressores, papel que vale um pouco mais de 300 francos (o que era inútil) e orei para os Senhores Trübner, nossos editores, fazerem um primeiro pagamento para a casa Balantyne, para a impressão de *O Céu e o Inferno*, sobre os fundos provenientes da venda das minhas traduções anteriores; venda resultante, inteiramente aos 1.500 francos de anúncios, os quais renunciei para a Sociedade."

"Eu fui obrigada, por causa do restante da conta de nossos impressores, a assinar notas promissórias, que se renovavam a cada seis meses; e graças a esse acúmulo de juros, os mil francos restantes da dívida inicial tornaram-se agora 1.600 francos, pelos quais sou responsável."

"Em suma, a Sociedade está em dívida comigo de mais de dois mil francos, que paguei do meu bolso, que não o reivindiquei; mas ela deverá, no mínimo, arcar com os custos de impressão da minha terceira tradução e *admitir a titularidade da dívida*, como o fez nas outras duas."

"Se eu tivesse aprendido a tempo, a abominável mentira de Leymarie diante do túmulo de Allan Kardec, eu o teria atacado pela difamação; eu o adverti que se ele recomeçasse suas *manobras caluniosas*, endereçar-me-ia imediatamente aos tribunais."

"No mais, vou vos enviar, em breve, a carta que remeti, há dois anos, ao comitê e que não consegui ainda que chegasse a ele".[37]

Anna Blackwell

Comprovante entregue à Srta. Blackwell pelos editores Trübner:

Londres, 30 de março de 1884.

Nós, abaixo assinado, os editores dos três volumes das obras de Allan Kardec, traduzidos pela Srta. Anna Blackwell, intitulados: *O Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno*, certificamos que nenhum valor proveniente da venda das referidas traduções jamais foi remetido à Srta. Blackwell.

O montante total proveniente da venda das três citadas traduções até 26 de novembro de 1882 (época do último extrato de nossa casa) é de 137 libras e 7 xelins.[38]

Esta soma foi empregada da seguinte forma: a soma de 95 libras, 14

[37] Acredito muito nela, pois esse comitê não existe. Vede essa carta no fim desta brochura.

[38] Valor anotado na moeda então corrente na Inglaterra, libra esterlina (*livre sterling* em francês, p*ound sterling* em inglês), sendo que 1 xelim (*schelling* em francês, *shilling* em inglês) representava uma vigésima parte de 1 libra (1/20, ou seja £0,05) — N. T.

xelins e 6 centavos[39] foi paga ao Senhores Balantyne e Cia, os impressores, à título de entrada para a sua fatura da impressão de *O Céu e o Inferno*.

A soma de 23 libras, 19 xelins e 4 centavos foram *pagos em 28 de março de 1882* ao Sr. Leymarie, para a conta da Sociedade para a continuação das obras de Allan Kardec; uma segunda soma, de 15 libras, 13 xelins e 2 centavos, foi paga em 8 de fevereiro de 1884 ao Sr. Leymarie para a conta da referida sociedade.

A Srta. Blackwell ficou ainda responsável para com os Senhores Balantyne pela soma que também lhes é devida para cobrir a impressão de sua tradução de *O Céu e o Inferno*.

Certificamos que a Srta. Blackwell, longe de ter recebido dinheiro da venda dos livros acima mencionados, ela mesma gastou uma considerável soma para anunciá-los.

Trübner e Cie.

Eis aqui como a Srta. Blackwell foi recompensada pela sua dedicação.

Voltemos à nossa conta.

A Revista, que em 1868 tinha 660 assinantes a 10 francos, rendia 6.600 francos (a impressão não custa isso). Certamente, o número de assinantes tem crescido desde aquela época.[40] Nenhum dos artigos foi pago aos redatores. O Sr. e a Sra. Rosen, que haviam colaborado por 10 anos, jamais pediram nada, nem sequer uma assinatura da Revista, e, no entanto, eles eram preciosos escritores; e para lhes agradecer pelas suas colaborações desinteressadas, a Sra. Rosen tinha escrito uma brochura muito interessante intitulada: O Magnetismo curativo no lar doméstico, o Sr. Leymarie editou-a, cada brochura custando 30 centavos, ele tinha doado à autora 10 CENTAVOS e vendido a 1 franco.

Se os livros vendidos para a livraria rendem 30% e aqueles que ela edita rendem 100%, ela tem nos seus lucros o bastante para pagar o aluguel e a equipe, pois sua clientela se estende a toda a França e ao exterior. Os lucros devem ser ainda maiores já que não é uma empresa que tenha que pagar aos seus acionistas e que recebe doações e heranças. Todas essas aquisições devem torná-la rica.

---

[39] Ainda sobre a subdivisão monetária daquela moeda inglesa, também se emprega o centavo (1/100 ou £0,01), sendo a moeda de 1 centavo chamada de *penny* (tanto em francês quanto para o inglês) e o seu plural *pennies* (coletivo de moedas de 1 centavo) ou *pence* (unidade monetária) — N. T.

[40] Já ouvi dizer de 1.100 assinantes.

Com efeito, ela recebeu primeiro, com a morte do Mestre, 42 mil francos, a biblioteca inclui 8 mil francos, e a *Revista,* que é um capital, já que ela produz uma renda de ..... 42 mil

Uma casa de campo, avaliada em 25 mil francos, houve lá processos, digamos que havia uns 5 mil francos de despesas. É muito ..... 20 mil

A doação do Sr. Guérin ..... 100 mil

A herança do Sr. Guilbert de Rouen ..... 10 mil

O lucro estabelecido mais acima sobre os livros fundamentais do Sr. Allan Kardec ..... 150 mil

A livraria está avaliada em ..... 70 mil

(Ver a *Revista* de maio de 1883, página 206)

Finalmente, a herança da Sra. Kardec, o terreno não vale menos que ..... 300 mil

Mais cinco casas construídas nesse terreno, uma das quais, Sra. Allan Kardec havia comprado do Sr. Roquet a 30 mil ..... 30 mil

---

Total: 722,000

Sem contar o ouro, notas de bancos e títulos de renda, cuja existência o Sr. Joly pôde constatar por si mesmo, assim como eu, no momento da posse dos títulos.

Agora a Sociedade tem recebido para as conferências, declaração feita na *Revista* por três anos: 16.852 francos. Pelas obras espíritas, 800 francos.

Depois, as contribuições dos membros da Sociedade: 25 francos por ano, tendo apenas 100, o que dá uma renda anual de 2.500 francos.

É esta a Sociedade que deve possuir na presente data um capital de 722 mil francos, que tem a coragem de nos enviar seus espíritas indigentes, dizendo-se pobre demais para lhes ajudar, a nós, União espírita francesa, que capital, de fato, nós só temos boas vontades. Entretanto, não os deixamos partir de mãos vazias, mas é a caridade particular quem lhes vem em auxílio.

Essa Sociedade, para pagar os custos da transferência, fez um empréstimo de 50 mil francos, a primeira hipoteca sobre a propriedade da

Vila Ségur[41]. Ah, querida amiga Sra. Kardec! Vós deveis ter estremecido de indignação, vós, que eles ousaram acusar de ter deixado dívidas, enquanto, ao contrário, de quem eles encontraram dois créditos, um de 10 mil francos, outro de 16 mil francos. Fui eu mesma quem lhes entregou nas mãos durante a posse dos títulos.

Eu sempre cito a *Revista* de maio de 1883 (página 205):

> "As despesas obrigatórias foram liquidadas, então o excedente da renda aumentou o fundo geral; é proporcionalmente aos recursos desses fundos que o comitê proverá as diversas despesas úteis ao desenvolvimento da doutrina, sem que se possa jamais fazer seu *lucro pessoal*, nem uma fonte de *especulação para nenhum de seus membros*. A utilização dos fundos e a contabilidade estarão, além disso, sujeitas à verificação de *comissários especiais delegados para esse fim pelos congressos e assembleias gerais.*"

Tal era a vontade do Mestre. Mas, bem, estou esperando com impaciência por esse congresso e por essa assembleia geral! Já faz 15 anos que essa administração age sem controle e é preciso, portanto, que todos os espíritas se reúnam para nomear comissários especiais, que serão designados para controlar seriamente esta Sociedade fundada pelo Mestre, e como o Sr. Leymarie diz, logo adiante (página 207), "Nós cumpriremos, realizaremos, com a ajuda de Deus, todos os pensamentos do Mestre e isso integralmente". Ele ficaria feliz de expor sua gestão sob os olhos dos irmãos espíritas, caso ela fosse honesta.

E já que a Sociedade se diz pobre quando deve possuir, depois da herança da Sra. Kardec, uma soma de 722 mil francos, com uma renda anual de 7.500 francos de uma parte mais 10 mil francos de outra, necessário se faz que nos seja dada explicação desse fenômeno.

Pode ser que o espiritismo científico e seus princípios superiores possam por si mesmos nos esclarecer todas essas obscuridades?

Quando pensamos na época em que o mestre estava entre nós, que

[41] A vla de Ségur (Villa de Ségur, em francês) era, àquela época, uma área praticamente rural, se comparada à turbulência urbana do centro de Paris. Lá, o casal Kardec adquiriu uma grande propriedade, onde o codificador pretendia construir um grande complexo espírita, incluindo um museu do Espiritismo e um asilo para os confrades menos favorecidos, além de uma residência particular para ele e sua esposa. Não houve tempo para ele realizar tais projetos, mas foi lá que a viúva Kardec morou até sua desencarnação. Com o replanejamento urbano da capital francesa, a Vila de Ségur, hoje totalmente urbanizada, figura-se no 7° distrito (arrondissement, em francês), área nobre da cidade, o mesmo onde fica a Torre Eiffel — N. T.

ele conseguiu, com seus próprios recursos, fundar a *Revista*, prover às necessidades materiais da instalação do espiritismo, pagar o aluguel da passagem Sainte-Anne[42], onde nos reuníramos, reformar Ségur e construir quatro casas, e uma quinta para um tal Roquet, que a Sra. Kardec a comprou. Ele consagrou inteiramente nisso o produto de suas obras e era preciso que esse resultado fosse bastante considerável para fazer tudo aquilo.

Como ele conseguiu, já que a presente Sociedade, com essas 44 edições que ela tem *vendido*, com sua livraria, que está em plena prosperidade, como afirma o Sr. Leymarie, a *Revista*, que tem assinantes do mundo inteiro, não tem fundos de reserva? O que foi feito com seus lucros? Como ousais dizer na *Revista* de maio de 1883 (página 206):

> "Desde então, tivemos que existir, ter nossa livraria, sem outras fontes além daquela que *acionistas desinteressados* lhe trouxeram."

(Estes ainda são rendimentos)

Vós acreditais, portanto, que somos bastante ingênuos para acreditar em tais alegações. Sim, vós obtivestes lucros! Sim, vós não dispondes de fundos de reserva e vós tendes sido obrigados a pedir emprestado 50 mil francos. Mas a opinião pública, assim como eu, vos pedirá conta de tudo que vós tendes feito.

É bom, penso eu, colocar diante dos olhos dos meus *irmãos de fé*[43] os artigos e os estatutos da Sociedade anônima.

(Ver a *Revista* do mês de agosto de 1869, página 237).

SOCIEDADE ANÔNIMA

A Sociedade anônima fundada pela Sra. Allan Kardec tem por objetivo tornar conhecido o espiritismo por todos os meios autorizados pelas leis.

---

[42] Esse referido imóvel era um apartamento situado na passagem (galeria) Sainte-Anne, situada no número 59 da rua homônima, à esquerda do Palais-Royal e perto do Palácio do Louvre, no 2° distrito central de Paris. Morando na Rue des Martyrs, o casal Kardec acabou recebendo reclamações da vizinhança pelo grande movimento de confrades visitantes, levando o codificador a procurar um espaço mais adequado para as reuniões espíritas e resultando no aluguel desse apartamento na Rue Sainte-Anne, a partir de 1 de abril de 1860, que passou a ser a sede da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e escritório da *Revista Espírita*, até a desencarnação do codificador espírita, que, aliás, deu-se exatamente ali — N.T.

[43] Essa expressão *"irmãos de fé"*, que grifamos nesta tradução, encontra-se no original com as iniciais F.E.C. correspondente, em francês, a *"Frères En Croyance"*, em acordo com nossa tradução. — N. T.

Ela tem por base a continuação da *Revista espírita* fundada por Allan Kardec, a publicação das obras deste, *incluindo suas obras póstumas* e todas as obras que tratam do espiritismo[44].

O fundo social, capital de fundação está fixado em 40 mil francos, capital esse inteiramente subscrito e dividido em 40 ações de mil francos cada.

Cada ação é indivisível e a Sociedade reconhece apenas um proprietário para cada ação.

ADMINISTRAÇÃO

A Sociedade é administrada por um Comitê de no mínimo três membros, nomeados pela *assembleia geral* dos associados e escolhidos entre eles (eles devem ser 40 associados, onde estão eles?)

O Comitê é nomeado por seis anos, revogável pela assembleia geral e indefinidamente reelegível. Os administradores têm um salário de 2.400 francos por ano e uma participação nos lucros.

Essa participação nos lucros e o salário fixo *combinados* jamais devem exceder **4 mil** francos.

Será nomeado a CADA ANO um Comitê de fiscalização de pelo menos dois membros, escolhidos dentre os associados ou de fora destes. Eles dirigem-se à sede social quando o julgarem conveniente, tomam conhecimento dos livros e se dedicam ao exame dos lançamentos financeiros da Sociedade.

A assembleia geral regularmente constituída representa todos os associados.

A cada seis meses, os administradores preparam um balancete da situação ativa e passiva da Sociedade.

Um INVENTÁRIO deve ser elaborado ao fim de cada ano social e colocado à disposição dos associados.

Deverá ser deduzido dos lucros líquidos 1/20 para o fundo de reserva legal.

3% de fundo social para ser pago para cada ação.

(Os acionistas não receberam nada, nem aceitaram, porque as ações

[44] Não é o caso de obras espiritualistas, teosóficas, ou outras quaisquer.

deles foram doadas, já que foram vendidas.) O excedente dos lucros líquidos retorna ao fundo social.

O fundo de reserva se compõe: 1°) da acumulação dos montantes recolhidos dos lucros líquidos anuais; 2°) de todas doações feitas legalmente à Sociedade, seja de qualquer título que for.

Esse fundo de reserva deve ser aplicado especialmente seja para o aumento do capital, seja para despesas no interesse do espiritismo.

A assembleia geral rege SOZINHA o emprego dos capitais referentes ao fundo de reserva.

Direi, portanto, assim como o Mestre, com uma voz menos autorizada: por consequência dessas investigações, eu não ignoro que vou suscitar contra mim a animosidade dos exploradores, e que eu alienei seus partidários; mas o que importa para mim? É meu dever assumir a causa da doutrina *e não os interesses deles*, e esse dever eu o cumprirei com perseverança e firmeza até o fim!

O espiritismo entra novamente numa fase solene, entretanto, ele terá ainda grandes lutas para sustentar; ele deve então ser forte por si mesmo, e, para ser forte, é preciso que seja respeitável, o que não é possível nas condições em que se encontra atualmente; cabe aos seus adeptos devotados respeitá-lo, reprovando, em nome da doutrina, tudo o que possa prejudicar a consideração com a qual ela deve estar rodeada.

RESPONSABILIDADES

Termino com essa questão financeira; abordemos agora a questão das responsabilidades. Vejamos o que o Sr. Leymarie, com sua leviandade, sua falta de senso moral, tem feito da doutrina que ele tinha por dever proteger e defender.

Eu vou colocar sob os olhos dos meus leitores a maneira de ver do Sr. Leymarie em 1878, sua apreciação sobre o Sr. Roustaing e o Sr. Lessart[45], dito Verdade, que agora é o seu braço direito.

---

[45] A autora comete um erro gráfico aqui — *Lessart* em vez de *Lessard* — ao referir-se ao Sr. P. Verdad Lessard, que no I Congresso Internacional Espírita, ocorrido em setembro de 1888, em Barcelona, Espanha, foi apresentado como o diretor da Religião Laica de Nantes, França. Esse Lessard, em parceria com Charles Fauvety, é coautor da obra *Catéchisme philosophique de la Religion Universelle (Catecismo filosófico da Religião Universal)* de 1874 — N. T.

Paris, 5 de maio de 1878.

Irmão e amigo!

Tudo o que vós tendes feito para reprimir o Sr. Lessart é lógico, em conformidade com o bom senso, e eu vos exorto a não afrouxar o freio a esse indigno. Em Rouen, nos últimos dias, pude constatar o quanto um espírito trapalhão tal como esse LESSART fez de mal quando ele cria grupos; na rua Orbe, na casa do Sr. Lasnon-Duval, e na casa do Sr. Hasel, eu encontrei boas pessoas que, anteriormente reunidas pelo Sr. Lessart, têm conservado sua marca; pois, todos sendo espíritas, são partidários da religião de Vintras. Um médico, sacerdote dessa religião, admite os fenômenos espíritas, parece, mas ele reúne esses grupos em sua casa, usa uma batina e um cinto vermelho, celebra a missa e depois distribui a comunhão. Lessart adoraria pontificar, pois essa batina e esse cinturão o atraem!!

Vós compreendeis que eu reajo contra essas insanidades; o homem gosta de formalidade e tem-se dado a isso; Lessart é um desses BADAUDS[46] e vós deveis detê-lo, porque ele ajudará a despejar o ridículo sobre nós.

Vós conheceis o povo de Bordeaux melhor do que eu; essas bravas pessoas estão no erro e eles pagam por isso um bom dinheiro; somente o Sr. Comera e o Sr. Krel são partidários de Allan Kardec, enquanto que Roustaing, a Sra. Collignon e *tudo quanto* se admirem da cabeça aos pés — esses são os FRUTOS SECOS que só revolucionarão os seus cérebros. Roustaing morrerá na impenitência final; ele acreditava que o processo[47] havia matado o espiritismo. Aquele pobre homem! A Sra. Collignon (a médium de Roustaing) não o compreendia, teve um surto de feroz alegria ao saber que eu estava preso.

Eles são de dar pena, porque lhes falta um sentido e eu sorrio aos das suas insinuações. Eu repito a vós, prendam-me esses destemperados!

Enquanto isso, etc.

Leymarie

Por cópia conforme: **MENDY**

Isso era o que ele pensava em 1878; porém, depois daquela época, o Sr. Roustaing morreu e o Sr. J. Guérin herdou uma quantia de 40 mil francos para traduzir os quatro evangelhos, ou a revelação da revelação, para quatro línguas estrangeiras. O Sr. Guérin era um grande admirador de Roustaing, fizera de tudo para que as obras de seu amigo fossem aceitas e disseminadas. Ele voltou-se para o Sr. Leymarie, que não tinha nada o que

[46] Diz-se badaud daquele que é dado à curiosidade alheia e que se demora a assistir ao que se passa na rua, sendo, portanto, um adjetivo — um tanto pejorativo — bem usual em Paris, bem como em grandes centros urbanos, onde é comum a aglomeração de curiosos e palpiteiros em torno de qualquer ocorrência banal — N. T.

recusar ao milionário, que, tendo doado cem mil francos à Sociedade da rua Neuve des Petits Champs, tudo poderia exigir de sua complacência. Daí, essa evolução, essa colaboração indigna na brochura, esses ataques contra o Mestre, que, durante de quinze anos, lhe nutriram. O silêncio que ele tem guardado, apesar da ardente polêmica que essa brochura fez nascer, prova sua culpa. Não era para ele, com efeito, repelir com indignação tudo o que pudesse atentar contra o caráter de Allan Kardec? Ah, não mesmo! Mil vezes não! Ele tem recusado todos os artigos dos espíritas sinceros e convictos e só aceitando os meus, provavelmente porque eu tinha sido amiga da Sra. Kardec e que nada iria me impedir de protestar contra aquela infâmia. Eis aqui uma prova dessas recusas:

Paris, 12 de agosto de 1883

Sr. Leymarie,

Depois das grosserias que vós tendes permitido contra minha esposa, não mais me espanto com nada. Permanecerá que, sem qualquer razão, vós a chamastes de *hipócrita*.[48] De vossa parte, aquilo parece agradável, vós que, por trás, falais mal de todo o mundo, do Sr. F*** para o último, e que, frente a frente, distribui abraços e apertos de mãos. No entanto, não quero reabrir essa questão após a declaração pela qual o Sr. F*** constatou, diante de todo o comitê, que essa injúria não poderia chegar à minha esposa.

Malgrado vossa promessa, feita diante de pelo menos seis testemunhas, de inserir *tudo* sobre o caso Roustaing, os prós e os contras, vós me devolvestes, sem dar os motivos, meu artigo consagrado em defesa de Allan Kardec e minha carta, muito educada, com essa simples menção: "Recusa de inserção, retorno ao remetente".

Parece que, em nossa casa, a cortesia não é obrigatória para com aqueles que apoiam a causa; conquanto eu, espírita há 23 anos, tornei-me simplesmente um *remetente* (tipo de comissário).

Tudo isso é lamentável!

De boa fé, e durante muitos anos, apesar de tudo o que nos chegou aos ouvidos, nós defendemos a administração da Sociedade espírita; a tal ponto que minha esposa se passou a público, nós descobrimos isso recentemente, por alguém que era paga por seus trabalhos.

Hoje nossos olhos estão revoltos, mas, cuide-se; não é impunemente que se ataca um dos defensores da causa que temos por missão defender.

---

[47] O processo dos espíritas, envolvendo a falsificação de fotografias espirituais — N. T.
[48] Porque ela havia protestado, numa discussão, contra a brochura Roustaing.

Por um ato de potentado, vós esperastes sufocar minha voz; ela se fará ouvida alhures e bem mais vigorosamente. Meu protesto irá aguardar por aqueles mesmos que vós quereis derrubar.

A Providência e os nossos queridos Espíritos cuidam de sua obra e eles saberão reduzir as vossas ações até a impotência!

Tenho a honra de cumprimentá-lo,

Michel Rosen

Pode-se ver, por essa carta, o modo cortês com o qual se tem tratado os defensores do Mestre. O Sr. Leymarie julgou, a propósito, não mais enviar ao Sr. Rosen exemplares da Revista. Este o reclama várias vezes e não obteve qualquer resposta. Então, o Sr. Rosen processou o Sr. Leymarie diante do juiz de paz a fim de obrigá-lo a cumprir sua assinatura. O Sr. Leymarie deu procuração ao Sr. Vautier para que fosse dizer ao juiz de paz, após três ou quatro convocações: "Mas esse Sr. Leymarie quer mesmo fugir da justiça!" Por fim, o Sr. Rosen, para encerrar o caso, aceitou a quinta vez, o Sr. Vautier, que se apresentou com seus cadernos.

Ele falou longamente para demonstrar que a *Revista* só era entregue ao Sr. Rosen a título de cortesia e mostrou, através de seus cadernos, que ele estaria inscrito na lista de assinantes GRATUITOS[49]. O Sr. Rosen, em resposta, apresentou seus recibos.

Vejam aqui a condenação do Sr. Leymarie:

JUSTIÇA DE PAZ
1° distrito, folha 6, número 3984

9 de novembro de 1883

O tribunal, após ouvir as partes em seus próprios argumentos e conclusões, julgando em último recurso:

Considerando que, acrescendo ao depoimento as conclusões da citação, Rosen reclama a Leymarie, administrador da *Revista Espírita* (Jornal de estudos psicológicos):

Primeiro: os três últimos números daquela Revista, aos quais tem direito como assinante;

Segundo; cem francos de indenização, reclamação essa que Leymarie

[49] Faz 10 anos que o Sr. Rosen é assinante e paga a *Revista*, apesar dos trabalhos literários de sua esposa. Não se pode, portanto, admitir que houvesse ali esquecimento ou inadvertência. O Sr. Vautier, diante dessa prova, guardou um cauteloso silêncio.

rejeitou, alegando que a Revista espírita só era enviada anteriormente a Rosen a título de cortesia;

Considerando que Rosen demonstrou ser assinante da Revista espírita para o ano de 1883, tendo pago a assinatura e, não tendo recebido as três derradeiras edições;

Considerando, quanto à indenização, que ele está, em parte, justificada;

Por essas razões:

Condeno Leymarie a fornecer a Rosen os três últimos números da Revista espírita e a lhe entregar regularmente sua assinatura até o final do presente ano, doutra forma, digo que o será feito por direito.

Condeno Leymarie, outra vez, a pagar a Rosen três francos representando o valor dos três números que o requerente comprou, mais cinco francos á título de indenização.

Condeno Leymarie às despesas líquidas de oito francos e trinta centavos para a citação do presente julgamento.

Assinado: A. CARRÉ, juiz de paz,
DESSAIN, escrivão.

O último recibo do Sr. Rosen foi assinado pelo próprio Sr. Leymarie; que ordem reina nessa livraria? Como os livros são mantidos? No que se tornou, durante dez anos, o valor de dez francos da assinatura? Tudo isso é triste e prova bem o pouco senso moral desse homem!

TEOSOFISMO

Ah! Aqui está a infâmia pela qual critico o Sr. Leymarie, por ter corrompido nossa bela filosofia, diante do Teosofismo, tornando-se adepto daquela antiquada doutrina. É uma odiosa traição e nós devemos lhe indagar quais foram os motivos dessa vil ação.

Tenho sob meus olhos os estatutos da Sociedade teosófica fundada pelo coronel Olcott, presidente, e a Sra. Blavatsky, secretária, fundadores vitalícios.

ARTIGO PRIMEIRO — O objetivo da Sociedade é formar uma fraternidade universal de toda a humanidade, sem distinção de raça, de credo ou de cor.

(A sociedade espírita foi fundada pelo Mestre, se tivéssemos tido um

homem inteligente e digno da posição que ele ocupara, eis o que deveria ter feito.)

ART. 2 — De propagar o estudo da literatura e das ciências orientais e de justificar a sua importância.

(Pelo custo dos livros e sua deslealdade contra a Srta. Blackwell, podemos ver como ele fazia propaganda espírita.)

ART. 3 — A Sociedade será dividida em filiais e cada filial terá o direito de eleger um membro para representá-lo no Conselho geral, cuja sede social será fixada no local de residência do seu fundador.

ART. 4 — A Sociedade inteira está sob a dependência de um conselho geral e do presidente, seu fundador. Todas as filiais devem sua existência à Sociedade Mãe, sem a autorização da qual, nenhuma filial poderá ser fundada nem continuada.

ART. 5 — Nenhum diretor e nenhum membro da Sociedade terá o direito de *pregar as suas crenças pessoais*.

(Eis aqui o Sr. Leymarie na impossibilidade de demonstrar a doutrina de Allan Kardec, se ele mantiver o juramento que solenemente fez à Sociedade Teosófica, ao fundador e diante de várias testemunhas.)

ART. 6 — Nenhum membro está autorizado a pedir *ajuda financeira* a um irmão, por mais rico que seja, nem a concedê-la a um mais pobre. Empréstimo é *estritamente proibido*; após uma seria advertência, a violação dessas duas cláusulas acarretará em *suspensão* ou *expulsão*.

(Eles estão longe de nosso admirável aforismo: fora da caridade não há salvação. Que fraternidade e que solidariedade!!)

Os artigos 7, 8 e 9 são dedicados à formação das filiais locais, todas sob a autoridade da Sociedade Mãe e seu fundador tem todo o poder.

ART. 10 — A Sociedade inclui 3 seções; as duas primeiras são superioras e não são submissas a qualquer código de leis e nem conhecidas de público. A 3ª seção inclui membros ativos e a admissão dá direito a assistir às reuniões, o livre acesso à biblioteca, e o titular adquire a simpatia de todas as filiais espalhadas por todo o universo.

ART. 11 — A taxa é de 25 francos.

ART. 12 — Três categorias de membros compõem a 3ª seção: Membros ativos, correspondentes e honorários.

A grade de membros correspondentes abraça as pessoas de distinção e os sábios capazes de fornecer informações interessantes à Sociedade.

O diploma de membro honorário é exclusivamente reservado às pessoas eminentes, contribuintes para aumentar os conhecimentos Teosóficos ou aos que tenham prestado grandes serviços.

ART. 13 — Membros ativos. Todas as pessoas são elegíveis, sem distinção de sexo, raça, crença ou classe social.

Os candidatos devem fazer um pedido por escrito (formulário A) declarando sua adesão às opiniões e crenças da Sociedade; essa declaração deve ser assinada por vários membros Teósofos. O candidato será iniciado após o prazo de 3 semanas *aos sinais secretos, senha* pela qual os Teósofos se reconhecem, ao mesmo tempo em que ele se comprometerá solenemente, sob sua *honra* (formulário B), e por escrito, e repetirá esse compromisso oralmente e perante testemunhas.

ART. 14 — Todo membro que tenha incorrido na aplicação de um dos artigos do *código penal* do país em que reside será *expulso* da Sociedade, após uma apuração dos fatos do qual ele tenha sido acusado e reconhecido culpado.

(E dizer que o Sr. Leymarie tem ousado se fazer *Presidente* da filial de Paris com um artigo como esse!)

ART. 15 — Todo membro condenado por ter caluniado um irmão ou uma irmã Teósofo, ou ter escrito ou pronunciado palavras injuriosas contra um membro qualquer *será expulso*.

(Por esses dois artigos, o Sr. Leymarie não poderia ser Teósofo.)

Eu gostaria de poder explicar aos meus *irmãos de fé* as leis gerais do Teosofismo. Será difícil para mim, eu que não sou uma escritora, e as explicações dos iniciados superiores são tão confusas, tão contraditórias, que é quase impossível de se deduzir delas uma clara definição.

Eis o que escreveu a Sra. Blavatsky:

> Do homem:
> Ele se divide em 7 elementos, ou princípios:
> PRINCÍPIO PRIMEIRO – O corpo físico apodrece e desaparece.
> PRINCÍPIO 2 – A vida (fluido vital) que nos é fornecida[50] do inesgotável reservatório da vida universal.
> PRINCÍPIO 3 – O corpo astral (o duplo) a emanação do corpo físico, que desaparece com o corpo quando este deixa de existir e que chamamos *ilusório,* por não ter nenhuma consistência e não poder durar.
> PRINCÍPIO 4 – A vontade que dirige os princípios 1 e 2.
> PRINCÍPIO 5 – A inteligência humana ou animal, ou o instinto bruto.
> PRINCÍPIO 6 – A Alma espiritual ou divina.
> PRINCÍPIO 7 – O Espírito, o último é esse que os cristãos chamam Logos — e nós — *Nosso Deus pessoal*; **nós não conhecemos outro**.

Estes são os 7 elementos dos quais o homem se compõe. A morte corporal dissocia três: corpo, o princípio vital e o corpo astral, que serve para constituir o duplo perfeito, ou sombra ilusória do corpo físico. Restam quatro elementos, que formam o ser humano desencarnado.

Perece que esse seja o quarto elemento, forma astral: a vontade. O 5°, a inteligência animal ou física, *consciência pessoal* ou senso íntimo, a memória, a afeição, a lembrança e as aquiescências, concernentes tanto aos homens quanto aos animais superiores.

Esses três princípios, matéria astral, forma astral e inteligência animal, constituem a alma animal (ou perispírito).

O que se segue ao 6° elemento: é a inteligência superior (a razão pura) a consciência moral no *homem perfeito*; o 7°, finalmente, o Espírito incriado, emanação do Ser eterno, ou alma divina.

REENCARNAÇÃO

Os teósofos só admitem a reencarnação sobre a terra uma vez, no entanto, crianças mortas muito cedo e os idiotas[51] podem reencarnar duas vezes, porque eles são considerados *falhas da natureza*.

[50] Por quem?
[51] Débeis mentais, portadores de retardo mental por conta de deficiência cerebral — N. T.

Homens muito bons, após a morte, experimentam uma gestação mais ou menos longa no mundo invisível feliz, onde se preparam para passar, com seu 4° elemento, por uma reencarnação em outro planeta.

Os homens nem tão bons e nem tão maus, mas que não deixaram apagar em sua alma a centelha divina, não perderão sua imortalidade. Eles não podem esperar por uma reencarnação após uma longa gestação por numerosas *existências erráticas*.[52]

Por fim, entre os muito maus, em que o 7° elemento desaparece até mesmo *antes da morte terrestre*. O 6° elemento, ou eu pessoal, dissolve-se e é destruído pela perda que fez do senso divino. Permanecem o 4° e o 5° elementos, que constituem um ser que os ocultistas chamam de *Elementar* e pode viver sobre a terra, muito inteligente, se assim ele for.

COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Os Teósofos não admitem a comunicação dos encarnados com os Espíritos superiores; são os *médiuns* que SOBEM até eles e isso é muito raro.

Mas os seres que se comunicam, especialmente com os espíritas, são os *Elementares*, os homens *mortos muito maus!!* A Sra. Blavatsky os chama de infelizes vampiros inconscientes, trapos (do vestuário perispiritual), e ela acredita que faça parte da necromancia (magia negra) encorajar essas larvas a desempenharem um papel nas aparições materiais e psíquicas. Mais adiante, ela acrescenta: "Os espíritas querem nos fazer acreditar que todos os seus Espíritos são anjos de luz? Que eles se mostraram verdadeiros e justos, que eles nem mentem e nem enganam ninguém? Ah, bom! Nós, os ocultistas, dizemos que isso é uma blasfêmia horrível para os nossos olhos, dar a esses seres transitórios o nome sagrado de Espírito e de alma."

Ela diz, enfim: "O Espiritismo também é contrário às nossas doutrinas, tanto quanto o Ocultismo é para aquelas do falecido Allan Kardec".[53]

---

[52] Existência errática diz respeito ao período entre reencarnações, em que o Espírito em evolução permanece na erraticidade, no plano espiritual — N. T.

[53] Jornal de estudos psicológicos, 15 de julho de 1883.

E aí está a doutrina que o Sr. Leymarie tem aceito, à qual aderiu, uma vez que comprometeu-se mediante um solene juramente em sua *honra*; ele está, portanto, convencido de sua superioridade sobre o Espiritismo, já que fora nomeado presidente da filial da França, residente em Paris, e que fazia propaganda Teosófica. Posso citar os nomes de vários espíritas que foram atraídos por suas calorosas convicções e o ardente desejo que eles tinham em conquistar adeptos.

Para melhor provar seu zelo ao coronel Olcott e à Sra. Blavatsky, ele prometeu *três mil* francos do *dinheiro* de *Allan Kardec* para o Sr. Fortis fazer a tradução de *Ísis além do véu*, obra da Sra. Blavatsky; foi ele mesmo que disse isso, e o anunciou no Boletim da Sociedade científica de estudos psicológicos de 15 de março de 1883 (página 42).

Apelo a todos os espíritas, meus irmãos: esse homem pode continuar à frente do Espiritismo, já que não é espírita? Ele, que não tem crença, apenas *interesses*, que tem renegado a doutrina que deveria defender e proteger, corrompendo-a ao preferir outra? Ele agora deseja introduzir a fase Teológica para estabelecê-la como religião e destruir nossa bela filosofia por congressos, cerimônias e, mais tarde, por dogmas, e tudo por amor ao dinheiro, para agradar às ideias do Sr. Guérin, o milionário. Ele se fez Roustainguista e preconizou as ideias subversivas sobre a natureza de Jesus, e neste momento propõe-se a estudar até a não existência do Cristo.

Em nome do nosso venerado Mestre, não podemos deixar nossa doutrina da vida permanecer nas mãos de um homem sem fé, sem convicção, e que a renegou.

Eu rogo a todos os espíritas que têm ações da Sociedade anônima fundada pela Sra. Allan Kardec para reunirem-se em assembleia geral; eles têm esse direito, como acionistas. Se são espíritas sinceros, homens honestos, de grande coração e que desejam a felicidade de toda a nossa humanidade, pela propagação da doutrina em toda a sua pureza, eles devem considerar que é para eles um direito e sobretudo um dever, e que se não o cumprirem, seja por medo, seja por inércia, será um abandono covarde de nossa querida filosofia, que, crede bem, está em perigo, um grande perigo. Como é possível honrar o Espiritismo enquanto vemos a representá-lo e liderá-lo pessoas sem moral, sem crença e sem lealdade?

A Revista de Allan Kardec não passa de uma abominável rapsódia sob

o pretexto do ecletismo, que tem inserido nela as ideias mais subversivas e distorcido o julgamento íntimo de nossos irmãos, que, não tendo bastante instrução para fazer justiça a todas essas concepções ridículas, estão perturbados e se tornam de uma credulidade que pode ser perigosa para a paz deles.

Estudemos o ensinamento do nosso querido Mestre Allan Kardec e aceitemos o que essa alta inteligência condensou durante trinta anos de um trabalho obstinado, e, acima de tudo, permitamo-nos compreendê-lo e aplicá-lo, tornando-nos melhores, justos, leais e fraternos, devotos à doutrina consoladora que nos tem sido revelada pelos Espíritos.

Jesus, que tão bem nos ensinou o amor, a caridade e a fraternidade, entretanto, num momento de indignação, expulsou os vendilhões do templo, e as cintas de que ele se serviu ainda não estão desgastadas. Eu empreguei as de nossa época, e Deus e os Espíritos me julgarão.

Eu creio ter cumprido a missão da qual me encarreguei. Cabe agora aos espíritas acionistas agir e salvar a vila Ségur que, no plano do Mestre, estava destinado a uma casa de refúgio para os idosos espíritas; ele pretendia levantar lá, além disso, uma grande construção para estabelecer um lugar de reunião, o museu e a biblioteca espírita.

Se empreendi essa obra, foi para obedecer às numerosas solicitações dos meus amigos, o Sr. e a Sra. Allan Kardec. Aqui está a prova:

Comunicação de 1 de novembro de 1883

"É absolutamente indispensável registrar a história da União, e vós, mais do que qualquer outra pessoa, querida amiga, tendes qualidade para fazê-lo. Vossa posição vos coloca acima de todos, pelas constantes relações que vós tendes tido com minha amada esposa. É bom que saibamos e que não se possa mentir. É necessário, sobretudo, que se saiba bem que os fatos que vós tendes revelados são, infelizmente, muito reais, e que, longe de conter *maledicência* ou *calúnia*, não são, lamentavelmente, mais do que um reflexo da verdade. Se vós vísseis o que nós vemos, quanto vós sofreríeis. Oreis por esses *cegos desafortunados*, pois eles estão assim; a punição não se fará esperar muito; continuai a luta, pois é preciso alcançar a vitória; estamos convosco, queremos a felicidade de nossos irmãos e o triunfo da verdade; nós conseguiremos! Obrigado por vossa boa afeição, ela nos é preciosa."

Allan Kardec

Eu obedeci.

Berthe Fropo

CARTA DA SRTA. BLACKWELL

Aos Senhores do Comitê Dirigente da Sociedade para a continuação das obras de Allan Kardec

Senhores,

No trabalho de propaganda que igualmente temos de coração, eu despendi em dinheiro a soma de 3.921, 20 francos. A recusa de vossa Sociedade em manter a palavra dada para a impressão de minha 3ª tradução me forçou a lhes emprestar, no interesse da obra que juntos empreendemos, a soma de 1.501,60 francos. Vossa Sociedade, portanto, está em dívida comigo pela diferença entre os dois valores, ou seja: 2.410,40 francos.

Isto dito, apresso-me em vos fornecer as provas nas quais me apoio, fazendo um histórico dos meus procedimentos desde o início de nossa obra comum.

Quando se discutiu pela primeira vez a impressão do *Livro dos espíritos* ao custo de vossa Sociedade, um importante membro do Comitê, presente na reunião em que aquela questão deveria ser decidida, fez uma judiciosa observação às pessoas presentes para esse propósito: que, se a Sociedade assumia o compromisso com o 1° volume das obras de Allan Kardec, comprometer-se-ia moralmente com a impressão dos outros volumes. Uma vez que aqueles a quem foi endereçada essa observação, e que, admitindo a justeza, decidiram fazer aquela primeira impressão aos custos de vossa Sociedade, eu, evidentemente, tenho o direito de contar com esse mesmo concurso para a impressão dos outros volumes da série, e além do mais que vosso gerente assegurou-me, várias vezes, que esse concurso não me falharia para a continuação da obra de pura devoção que eu tenho empreendido.

Não preciso vos lembrar, Senhores, que um livro, como qualquer outro objeto, só se vende em razão da publicidade que dele se faz. Essa verdade em Palisse[54], verdade para todas as coisas, mas sobretudo verdade quando se trata de um livro que vem, como esse admirável *Livro*

[54] Palisse é uma comuna francesa (equivalente a um pequeno município no Brasil) localizada no departamento (equivalente a ao Estado no Brasil) de Corrèze, no centro-sul da França — N. T.

dos Espíritos, combater de frente não somente as convicções habituais, os preconceitos, mas também as ideias preconcebidas, as pretensas teorias e, por consequência, o amor-próprio daqueles a quem se oferece. Só se tem lido material de ineptos, extravagâncias, as assim ditas teorias acima de tudo fantasiosas, pretensiosas, vazias, umas e outras, que se creditam em abundância entre os espiritualistas ingleses e americanos, para adivinhar o ardor que os faz ignorar e deixar ignorar até a existência mesma de tal negação!

Estando firmemente decidida a *jamais tirar* qualquer tipo de lucro financeiro daquilo que a Providência me permitiu fazer pelo que eu considero como a mais sagrada das causas e deveres, e para evitar o tanto que eu puder esse parcial silêncio entre os *espiritualistas*, eu gastei em anúncios nos principais jornais ingleses, no momento da publicação desse livro — *porta-bandeira* do porvir religioso e filosófico — uma soma de mil francos, que me tinha sido dada como testemunho de simpatia pela obra que empreendi. Esse dinheiro me foi dado sem quaisquer condições, e eu tinha perfeitamente o direito de guardá-lo para mim mesma, se desejasse, como uma compensação parcial da parte material que me custava essa tradução, pela ocupação do meu tempo e pelas minhas forças, em detrimento dos trabalhos de pena dos quais vivo desde muitos anos. Fiel à minha resolução, preferi assim consagrar esse dinheiro à nossa obra em comum.

Animada por esse sentimento de devoção à nossa propaganda, igualmente gastei, em anúncios de jornais, para a publicação da vossa Sociedade de uma tradução do *Livro dos Médiuns,* uma soma de *quinhentos francos* que me foram doados pela mesma pessoa, sem contrapartida, ao qual eu tinha o direito de guardar para mim mesma, se o quisesse. Vossa Sociedade não pagou um centavo pelos anúncios que, só eles, fariam vender aqueles volumes; é unicamente aos 1.500 francos investidos por mim a que se deve a venda relativamente satisfatória das minhas duas primeiras traduções, sem a qual, não teríamos vendido uma dúzia de exemplares.

Todas as despesas de impressão do *Livro dos Espíritos* foram pagas integralmente por vossa sociedade. O mesmo tem sido por aquela do *Livro dos Médiuns*, exceto por uma soma de 139 francos, para as despesas

postais, restante da conta, que me deveria ser paga e que sempre me é devido.

Foi bem na época daquela 2ª impressão aos custos de vossa Sociedade que o meu *Ensaio sobre a influência das ideias espíritas sobre a marcha social do futuro* (o qual vós bem queríeis aceitar e imprimir a tradução) ganhou uma medalha de ouro no valor de 500 francos, e eu pedi para receber esse valor em espécie a fim de fazer à vossa Sociedade a oferta de metade daquela soma, ou seja, 250 francos. Ao mesmo tempo, eu parti a outra metade em partes iguais de 125 francos entre os jornais de Londres (o *Médium* e o *Espiritualista*) que me emprestavam de tempos em tempos suas colunas para refutar as calúnias que nossos adversários esforçavam-se por derramar contra nossa doutrina e contra o seu venerável pioneiro.

Logo após a publicação do *Livro dos Médiuns*, como vosso gerente me havia comprometido a fazer, eu passei à tradução do *Céu e Inferno*, baseando-me nas garantias reiteradas de que vossa Sociedade encarregar-se-ia da impressão desse terceiro volume. Na última carta que vosso gerente me remeteu de sua prisão, alguns dias antes de sua soltura, ele novamente me pediu para apressar tanto quanto possível a tradução desse livro, renovando-me a garantia do concurso fraterno de vossa Sociedade.

Sempre sacrificando meus interesses pessoais em favor de nossa obra comum, continuei a deixar de lado meus outros trabalhos a fim de completar sem demora a tradução daquele livro tão interessante, tão atraente, que corrobora tão persuasivamente os dados teóricos do *Livro dos Espíritos* e as instruções praticas do *Livro dos Médiuns*. Estava cada vez mais ansiosa para terminar e me pareceu que o charme dessa coletânea impressionante e dramática ajudaria fortemente a chamar a atenção do público inglês para aqueles outros dois volumes.

Tendo terminado essa terceira tradução e contando sempre com a concordância de vossa Sociedade, fiz todos os arranjos necessários para a impressão desse volume pela casa Ballantyne; como muitas pessoas me escreveram para expressar o seu desejo de vê-la lançada, então anunciei nos jornais a sua publicação imediata.

Julguem, portanto, o meu doloroso espanto, o meu grande e penoso constrangimento ao receber do vosso gerente, justo no momento em que

eu estava prestes a enviar meu manuscrito aos impressores, uma carta me anunciando que vossa Sociedade, tendo que prover as despesas de sua nova instalação, recusava a se comprometer com a impressão de minha tradução de *Céu e Inferno*.

Diante de uma recusa tão inesperada, tão oposta ao que vosso gerente me havia prometido em vosso nome e tão desfavorável à nossa obra comum, que fazer? Pagar essa impressão de meu próprio bolso me era impossível. Poderia eu renunciar a uma publicação já anunciada nos jornais, e cujo atraso, em meio à guerra que se fazia contra nós, teria a aparência de um recuo? Os 2 mil francos, sem contar todo o meu trabalho e todo a minha pena, parecia-me e ainda parece-me dar o direito de fazer o que fiz; ou seja, para tornar essa dificuldade imprevista em empréstimo à vossa Sociedade por 393 francos e 30 centavos, de papel que foi deixado sem uso com os nossos impressores, e em me servindo do dinheiro (1.108,80 francos) proveniente (graças aos meus 1.500 francos de anúncios) da venda das minhas duas primeiras traduções.

Eu esperava que um pouco mais tarde vossa Sociedade reconhecesse o compromisso moral resultante da impressão dos dois primeiros volumes e a injustiça de largar em meus braços uma dívida que eu não tenho como pagar, mas que poderia ter saldado, em grande parte, caso tivesse previsto aquela recusa, reservando para isso aqueles dois mil francos que havia gasto com nossa obra. Esperava que ela voltasse em sua decisão negativa e completasse o pagamento aceitando a propriedade desse novo volume, nas condições adotadas pelos dois outros. Eu disse a mim mesma que se, apesar de minha esperança, vossa Sociedade mantivesse sua recusa, eu lhe devolveria meu empréstimo, de meu próprio bolso, assim que me fosse possível; ou, então, que eu poderia, em todo o caso, devolvê-lo, repassando-lhe, até completar a soma emprestada, a totalidade do rendimento desse novo volume, tão logo conseguisse completar o pagamento de sua impressão — pagamento que estou fazendo com o rendimento desse volume e outros fundos provenientes da venda de minhas traduções na América, venda que não diz respeito à vossa Sociedade, pois sua copropriedade em minhas traduções foi consentida somente na Inglaterra.

Assim que minha tradução de *Céu e Inferno* terminasse, começaria

aquela de *A Gênese*. Naturalmente, após o anúncio de recusa para *Céu e Inferno* que me foi feita por vosso gerente, eu coloquei de lado essa quarta tradução, mas pretendo concluí-la, para dar esse magnífico livro aos meus compatriotas, desde que eu tenha possibilidade de imprimi-lo.

Nenhuma doação me foi feita pelo *Céu e Inferno*. É, portanto, apenas com o rendimento desse volume, a baixa reposição que me fazem as livrarias americanas, e com o dinheiro que tirei do meu próprio bolso que eu pude fazer alguns pagamentos parciais aos Senhores Ballantyne e continuar a anunciar os três volumes nos jornais ingleses, embora muito insuficientemente. Então, eu paguei 703 francos e 80 centavos aos Sr. Ballantyne e 650 francos pelos anúncios.

Tem sido para mim, até o momento, impossível saldar o restante da fatura dos impressores ou de reembolsar a sociedade o empréstimo que lhe fiz. É-me impossível também precisar a época em que poderei fazê-lo. Posso apenas vos assegurar de meu vívido desejo de regularizar nossa respectiva posição e da pressa que tenho em fazê-lo tão mais breve quanto o possa.

Enquanto isso, tudo o que eu posso fazer neste momento é oferecer à vossa sociedade a escolha entre essas três propostas seguintes:

1ª proposta. Doarei à vossa Sociedade a propriedade da minha terceira tradução, como das duas primeiras, na condição que a Sociedade salde o restante da fatura dos impressores, que é de um pouco mais de mil francos e de mais 300 francos de juros do aluguel e seguro dos clichês dos dois primeiros volumes.

2ª proposta. Se a Sociedade não quiser saldar a fatura dos impressores, continuarei a fazê-lo com a totalidade do rendimento de *Céu e Inferno* e das remessas dos editores americanos, até a inteira quitação dessa dívida.

Assim que o pagamento for concluído, repassarei à Sociedade o rendimento desse terceiro volume e das remessas dos editores americanos, até que vossa Sociedade tenha recuperado a totalidade de seus gastos e o montante de meu empréstimo, na condição de que a Sociedade, até que seja integralmente paga, repasse-me, por sua vez, o rendimento dos três volumes, até que eu tenha ressarcido o valor dos meus desembolsos. Após disso, vossa Sociedade e eu compartilharemos,

como combinado, os lucros resultantes da venda de minhas três traduções.

3ª proposta. Se a Sociedade não deseja adquirir a propriedade do meu terceiro livro, reembolsá-la-ei pelo meu empréstimo do meu próprio bolso, assim que seja possível, e ela contentar-se-á, entretanto, com o rendimento dos meus dois primeiros volumes, a fim de que eu possa continuar a pagar aos impressores com a renda do terceiro volume e as remessas das livrarias americanas.

Quanto ao preço desses volumes, asseguro-vos, Senhores, que não foi por mim que ele foi fixado. Eu fiz a esse respeito o que sempre se fez: deixei por conta de nossos editores. Como vós, eu desejaria que esses livros fossem baratos, mas o público inglês não quer comprar livros mal feitos. É preciso uma boa impressão, sobre um bom papel e uma bonita encadernação; sem isso, ninguém compraria.

Houve, neste ano mesmo, uma longa discussão sobre esse assunto nos jornais ingleses. Criticou-se a carestia dos livros, do que o sistema francês vangloriava-se; então ficou decidido, por se constatar a impossibilidade de se adotar esse sistema, visto a resistência do público em aceitar o papel fino e a brochura, apesar da vantagem do baixo preço. Repito-vos que absolutamente não me importo com essa questão de preço. Vós podeis fazer, a esse respeito, o que melhor vos parece.

E agora, Senhores, permiti-me chamar toda a vossa atenção para a questão da publicidade que se deve dar a essas traduções, questão com a qual não mais me ocuparei. Ainda paguei de meu próprio bolso, mas pela última vez, anúncios dos três volumes, no *Espiritualista*, convidando o Sr. Harrison, seu proprietário, a futuramente negociar com a vossa Sociedade sobre o que ela pretende fazer quanto a esse assunto.

Não preciso vos lembrar de que uma obra de propaganda, em face de uma oposição enraizada e muitas vezes interesseira, não pode ser temporária, mas uma obra de devoção e sacrifício; que poderá ser preciso, por muitos anos, trilhar *milhas* para recolher *centavos*. Poderíamos criar, pouco a pouco, para esses admiráveis livros, uma venda que nos permitiria com o tempo recuperar os gastos. Para tanto, precisaríamos fazer publicidade em grande escala, fazendo anúncios não somente nos jornais espiritualistas, *mas* também e *principalmente* nos principais jornais ingleses.

Acrescento às considerações que tenho a honra de vos apresentar a conta detalhada do que vos tomei emprestado e do que despendi por devoção à nossa causa.

Querei, Senhores, fazer-me saber da decisão de vossa sociedade em relação às três bases de arranjo que venho vos propor e aceitai a expressão dos meus sentimentos distintos e fraternais.

Anna Blackwell

Triel (Seine-et-Oise)[55], 1 de março de 1882.

Extrato dos valores gastos pela Srta. Blackwell para a continuação das obras de Allan Kardec

Restante das despesas postais para o Livro dos Médiuns	139
Anúncios do Livro dos Espíritos e do Livro dos Médiuns	1,500
Dado à Sociedade (prêmio de honra)	250
Dado ao jornal *O Médium*	125
Dado ao jornal *O Espiritualista*	125
Despesas postais para *Céu e Inferno* e correspondência dos três volumes, desde 1875	250
Anúncios dos três volumes desde a publicação de *Céu e Inferno* até o fim de 1881	650
3° e 4° pagamentos aos Senhores Ballantyne pela impressão de *Céu e Inferno*	882
	3,921

Empréstimo junto à Sociedade no interesse da continuação das obras de Allan Kardec:

Do papel para a impressão de *Céu e Inferno*	393.30
Para os 1° e 2° pagamentos aos Srs. Ballantyne para impressão de *Céu e Inferno*	1,108.30
Total	1,501.60
Balanço em favor da Srta. Anna Blackwell	2,410.40

[55] À época da publicação desta brochura, Triel era uma comuna situada no antigo departamento de Seine-et-Oise. Com a reformulação de 1955, em que aquela região desmembrou-se em novos departamentos, aquela referida comuna atualmente se chama Triel-sur-Seine, pertencendo ao departamento de Yvelines, na região administrativa de Île-de-France (a da qual faz parte Paris) — N. T.

Recebi na última hora a carta seguinte da senhorita Blackwell, que confirma a precedente. Aqui está:

Querida amiga,

Resulta das contas detalhadas que me foram fornecidas pela casa Ballantyne que o Sr. Leymarie não saldou integralmente, como eu supunha, a impressão das minhas duas primeiras traduções. Sobre o montante de 95,14,6 libras (noventa e cinco libras, quatorze xelins e seis centavos) que figuram na precedente carta, a soma de 24,10,6 libras (613 francos) foi paga aos nossos impressores para completar o pagamento da impressão do *Livro dos Médiuns!*

O montante da conta devida aos Srs. Ballantyne sobre a impressão de *Céu e Inferno* foi, portanto, de apenas 71,4 libras (setenta e uma libras e quatro xelins).

1 de maio de 1884. A. B.

F I M

PARIS – IMPRIMERIE POLYGLOTTE SPIRITE, 62, PASSAGE CHOISEUL.
DEMOSTHENES

Beaucoup de Lumière

PAR

Mme BERTHE FROPO
Vice-Présidente de l'Union Spirite Française

Paris
Imprimerie Polyglotte,
Passage Choiseul, 62
1884



HISTORIQUE DE L'UNION

Je viens éclairer les spirites sérioux et sincères, et leur démontrer que si l'*Union spirite* a été fondée, ce n'est pas par ambition de notre part, mais par l'ordre des Esprits, parce que la doctrine était en danger. Je vais leur en donner des preuves.

Le 27 janvier 1881, dans une petite réunion tenue chez Mme Kardec, M. ***, médium, nous donna les deux communications suivantes:

Communication

27 fevrier 1881

Chère Amélie,

J'aurais bien voulu te donner quelques conseils plus tôt; jusqu'à présent cela n'a pu se faire, car pour le sujet dont je veux te parler, je ne voulais pas employer tous les médiums.

Dans le temps, je t'ai dit que je désirais te voir accueillir ma pensée; je l'ai tenté bien souvent, je n'ai pas encore réussi. Peut être maintenant voudras-tu bien me réserver davantage d'accès en mettant de côté les préoccupations terrestres, rendre ton cerveau plus libre afin d'écouter mes avis. Je vais donc encore, d'une manière intuitive, te faire comprendre mes intentions, à toi, chère Amélie, il appartient de donner le dernier coup de pioche à notre oeuvre. Je t'en prie, arrête-toi à ce qui te sera inspiré dès ce moment, et j'espère que cette fois ce sera définitif. Souvent déjà tu as écarté ce que j'essayais de te faire comprendre. Lorsque tu croias avoir compris ce que je désire, demande au médium qui te transmet mes pensées dans ce moment, si tu es dans la réalité, je te le dirai.

Tu dois savoir que je ne veux pas empêcher ton libre arbitre, mais tu me demandes des conseils, je te les donne comme ils doivent l'être pour l'instant.

Maintenant ce que je vais te dire est pour la mission dont je t'ai parlé. Il ne faut pas que ce qui doit aller d'un côté choisi par les Esprits supérieurs, aille du côte qui, plus tard, *doit paralyser les idées que j'ai semées*; ce qui existerait si

tu laissais les choses dans l'état actuel.

Ne t'ai je pas dit, Amélie, chère compagne de mes travaux, que c'était l'avenir que tu devais envisager pour toi, pour moi, pour le spiritisme? A toi donc de rectifier ce qui, jusqu'à présent, a pu être entaché d'erreur. A toi de distinguer les spirites de nouvelle date qui n'ont que la flatterie et l'intérêt pour guides, à toi de distinguer les spirites désintéressés et dévoués à notre cause depuis longtemps, qui, appelés à continuer à faire fructifier ce que j'ai semé, doivent, lorsque le moment d'agir leur sera indiqué, former une *société nouvelle* appelée à élaborer la suite de mes oeuvres. Les membres qui doivent la composer sont déjà choisis par nous; ils doivent, sous mes auspices et sous les tiens, accomplir notre mission et la leur.

Tu vois, chère amie, que ce n'est pas à l'ancienne société que devrai t revenir ce que tu pensais faire, ce serait *tout à fait contraire à mes idées* et au but qui doit être atteint.

Aussi, pour le moment, ne t'arrête qu'à une chose, qui consiste à te préparer à changer les dispositions existant en faveur de cette ancienne société, pour les reporter sur celle qui va se former et sur laquelle ta mission est de veiller.

Examine aussi, chère amie, ce qui t'a été dit de plusieurs côtés, tu pourras convenir alors que tu as reçu pas mal d'avertissements. C'est ce que je désire que tu comprennes bien.

Un peu plus tard, je te donnerai une communication plus précise concernant la société existant actuellement, et, tout en te laissant ton libre arbitre, je te dépeindrai le rôle que doit accomplir la nouvelle, qui arrivera bientôt au point qui lui est assigné.

Allan kardec

Communication

Voici la communication qui me fut donnée le même soir:

27 fevrier 1881.

Chère dame et amie,

Je suis bien heureux et je vous remercie des bons soins que vous donnez à ma chère compagne; ce que vous faites est inspiré par de bons sentiments à son égard; aussi vous en suis-je bien reconnaissant.

Comme il vous a été dit[56], vous serez du nombre des esprits

[56] Dans une précédente communication, que je n'ai pas gardée, on me disait que je serais présidente de la société nouvelle, que je deviendrais écrivain dans un journal fondé par elle, que je ferais des conferences, et que j'aurais une grande influence sur l'avenir de la doctrine. Je n'en n'ai rien cru, ni Mme Kardec non plus, et nous n'avons attaché aucune importance à ces communications; celles que je donne, je les ai retrouvées il y a trois mois dans de vieux papiers.

missionnaires qui ont use grande tâche à accomplir. Dans peu ils vont la commencer, et vous verrez alors le développement rapide de nos idées.

Une société nouvelle est en préparation; les Esprits terrestres sont choisis; dans quelque tempos ils se feront connaître à vous, et comme vous êtes déjà d'anciens amis d'existences précédentes, vous vous comprendrez parfaitement; vous serez un de nos bons médiums: il va vous survenir plusieurs nouvelles facultés, aussitôt que votre santé sera remise par de bons fluides, comme cela vous a été dit. Vous appartiendrez à un groupe choisi, dans lequel les Esprits superieurs pourront véritablement se communiquer sans avoir à lutter contre des Esprits récalcitrants. Vous assisterez et aiderez au développement de votre société, qui marchera à pas de géant.

Comme je vous le disais, la société se formera avant peu; il vous sera demandé d'en faire partie, vous serez alors avec nos amis, entourés de médiums dont les facultés seront développées au plus haut point. Vous pourrez converser avec nous directement et j'espere qu'à ce moment vous serez heureuse.

Encore un peu de patience et ensuite le bonheur.

Allan Kardec

On voit par ces deux communications que nous étions averties de la formation d'une Société nouvelle, ayant pour lut de rendre au Spiritisme toute sa vitalité. La veuve du Maître avait à cœur de propager les idées de son mari, voici un fait qui le prouve péremptoirement.

Mme Kardec avait parmi ses locataires un M. X., d'une éducation médiocre, mais instruit, ancien professeur, écrivant bien, ayant la parole facile, éloquent même. Sa franchise et sa bonhomie nous avaient seduites, il était très empressé pour mon amie, lui rendait mille petits services; grâce aux médiums qui nous entouraient, nous avions pu lui démontrer la vérité des phénomènes spirites; il avait accepté nos croyances avec enthousiasme. Mme Kardec l'avait fait recevoir du comité de la société anonyme. Elle espérait en faire le président, et plus tard le gérant de sa propriété. Mais le 10 mars, elle reçut la communication suivante:

Communication

10 mars 1881

Chère Amélie,

Aujourd'hui je commence par un exposé rapide sur l'existence et le but de la société nouvelle.

Cette société, aussitôt que l'avis en aura été transmis à certains de nos médiums, s'organisera selon nos indications. Les préparations vont être terminées et bientôt elle entrera en fonctions.

Je t'ai dit que les médiums qui seront employés sous ma directions ont été choisis par nous, Esprits; qu'ils étaient et seraient tout à fait dévoués à la doctrine, que leur réunion, où la sincerité existera, nous permettra de faire progresser nos idées par tous les moyens scientifiques.

Plus tard ces médiums, aidés par d'autres qui leur seront désignés, auront à élaborer et propager certaines oeuvres que nous leur dicterons; ces oeuvres, inspirées par des Esprits désignés à cet effet pour élever nos principes à un plus haut degré, devront être répandues dans votre monde. L'époque fixée est sur le point d'entrer dans la période de réalité.

Chère, Amélie, je pourrais encore te dire bien des choses, mais il me semble que ta confiance est restreinte, je ne puis donc m'exprimer plus longuement sur ce sujet; je te répéterai encore ceci: c'est que ce que je t'annonce arrivera.

Comme je te l'ai dit, tu as ton libre arbitre; seulement permets moi de te dire que de ton côté tu devrais bien réflechir, et sur tout comprendre *que je suis mieux placé pour voir ce que se passe et ce qui doit arriver.*

Tu penses qu'avec quelques modifications dans l'ancienne société, celle ci serait assez bien composée pour réunir les qualités nécessaires au point de vue qui t'a été dépeint. Non! Je ne le vois pas du tout comme toi, et crois-moi, JE VOIS.

Comment pouvoir croire qu'en éloignant une individualité orgueilleuse, malgré plusieurs avertissements, penser la remplacer par une autre qui l'est peut être autant et qui n'a que l'intérêt pour gouverne, que ce serait un avantage? Non, chère Amélie, ton jugement est mal fondé à cet égard. Il est inutile de faire procéder a des changements pour n'arriver qu'à quelque chose qui ne serait pas plus profitable à notre cause.

Amélie, je te rapelle que tu avais une mission à remplir, que je serais bien triste si tu ne l'accomplissais pas; qu'une fois auprès de nous, tu pourrais voir avec bien du regret que la voie que tu aurais parcourue était tout à fait contraire à la réalité.

Réflechis encore, et tu sauras discerner le vrai du faux.

Allan Kardec

Cette communication influença mon amie, qui laissa les choses telles qu'elles étaient, espérant tout du temps.

Sur ces entrefaites, M. X fut en butte à d'indignes calomnies au soin

du comité; il voulut constituer un tribunal d'honneur, mais chacun se récusa, et, fort mécontent de l'attitude des membres au quels il s'était adressé, il donna sa demission.

Pour se rendre utile au spiritisme, il proposa à Mme Allan Kardec si elle consentait à prêter 10,000 fr. au directeur d'un journal intitulé: *la Vie domestique*, d'y écrire des articles spirites, d'y analyser les oeuvres du Maître, et de faire connaître la doctrine à de nombreux lecteurs.

Elle accepta avec empressement, croyant que ce journal serait peut être l'organe de la nouvelle société. Le premier article parut le 30 avril 1881. L'auteur raconte comment il est devenu spirite, et analyse tout le *Livre des Esprits*; cela dura à peu près un an Mme Kardec en fut fort content, et, "comme tout travail mérite un salaire", me disait elle, elle offrit cinq mille de francs à M. X, que désira ne les toucher que sur sa succession.

On peut voir par ce don qu'aucun sacrifice ne lui coûtait pour répandre la doctrine de son mari.

En 1882, la famillle Delanne reçut de nombreuses communications, soit par l'écriture, soit au verre d'eau, les engageant à fonder un nouvelle société. Mais des occupations commerciales leur prenaient tout leur temps. La possibilité de fonder un journal leur semblait incompatible avec les travaux de chaque jour. Enfin, lorsque parut le journal *l'Esprit*, fondé par M. Momas, M. Delanne crut que que cette réunion de jeunes gens, pleins d'instruction, de foi et d'ardeur, était la phalange choisie par les Esprits pour rendre au spiritisme toute sa vitalité. Il alla donc leur porter les avis, les conseils, et même les ordres qu'il avait reçus. On inséra dans le n° 7 (11 juin) du journal *l'Esprit*, la communication suivante obtenue le 18 mai 1882.

Communication

Depuis quelque temps j'étais avec vous, heureux de vous voir décidés à reprendre vaillamment votre rôle de propagateur de la foi spirite.

La doctrine a pour ainsi dire sommeillé depuis mon départ. Il était impossible qu'il an fût autrement, ma disparition subite ne m'ayant pas donné le temps d'accomplir les projets que j'avais faits et qui eussent permis à une *collectivité homogène* de continuer l'œuvre commecée. Ensuite les malheurs qui sont venus fondre sur notre chère patrie ont obligé chacun à travailler

matériellement au relèvement de sa propre situation et à celui de notre cher pays. Car il faut bien l'avouer, la majeure partie des spirites, étant comme les premiers apôtres, sans fortune, leur devoir est de subvenir aux besoins de la vie quotidienne de leur famille.

C'est une obligation à laquelle nul n'a le droit de se soustraire. Le travail est une loi imposée à l'homme par le Créateur, il importe de l'accomplir.

Il était donc préférable pour le spiritisme qu'il continuât à se répandre dans les familles sans éclat, plutôt que *d'être détourné de sa voie véritable, qui est l'étude des faits et la constatation des manifestations des désincarnés qui ont vécu sur la terre*.

Ne craignez pas de les appeler, quelque grands qu'ils puissent vous paraître et quel que soit le rôle qu'ils aient rempli ici-bas; plus ils sont avancés, plus il leur est facile de se rendre à votre appel, l'enveloppe périspritale de l'esprit ayant été baignée dans le fluide ambiant de la planète, conserve en elle, éternellement, la faculté d'aller partout où le souvenir l'appelle, et surtout lorsque cet esprit a rempli un rôle de missionnaire dans l'un de ces mondes où il est désiré. Plus l'esprit est elevé, plus il lui est facile de franchir les espaces. L'esprit peut parcourir tous les mondes sur lesquels il a vécu, avec autant de facilité que pour vous d'aller d'un pays à un autre, sans que vous soyez obligés de laisser une partie de vous-même en route; si, par exemple, vous voyagez du nord au midi, vous quitterez un vêtement chaud pour en revêtir un frais, vous vous conformerez en cela au milieu dans lequel vous vous trouverez et rien ne pourra s'opposer à votre transformation passagère, si vous avez été prévoyant. Il en est de même des esprits supérieurs, ayant acquis la toute-puissance sur la matière, ils la transforment à leur guise sans qu'aucune loi s'y oppose. Qui dit esprit supérieur dit humilité, amour et charité. Exemple: le Christ venant s'incarner dans une famille humble et pauvre. Il avait ses raisons. C'était afin de nous montrer que nous ne devons pas craindre de l'appeler à nous, puisque c'était le milieu qu'il avait préféré. Ne craignez donc pas d'appeler tous ceux pour lesquels vous avez une grande sympathie. Ils se rendront toujours avec bonheur à vos appels.

Je suis heureux du réveil qui s'opère et je dois vous dire que je n'y suis pas étranger; pas plus qu'à la nouvelle connaissance que vous faites de ces chers amis, qui sont remplis de bonne volonté et qui feront tou leur possible pour mener l'œuvre à bonne fin. Mas ils ont besoin d'être aides et secondés.

Il est du devoir de tout spirite sincère d'*empêcher que la doctrine soit détournée de sa voie véritable;* aussi, mes bons amis, je compte sur vous. Je sais combien vous aimez notre chère philosophie et quel désir sincère vous avez de la voir triompher; c'est pourquoi je vous dis ces choses; ce sont des conseils d'amis que je vous donne, sachant que je vous ferai plaisir, et que vous vous

efforcerez de travailler à l'œuvre régénératrice à laquelle je me suis dévoué, Sublime mission que celle d'enseigner à ses frères le chemin du bonheur qui est celui, comme le disait le Christ, "de la vie éternelle".

Reprenez donc courageusement la lutte; plus vous travaillerez pour les autres, plus il vous será donné pour vous-mêmes.

On ne juge sûrement une cause que lorsqu'on l'a bien étudiée et que l'on s'est identifié avec elle. Il en est de même du travail. Pour en connaître les lois, il faut travailler soi-même, si l'on veut raisonner justement et aider à résoudre la plus grande question du siècle, qui est l'entente du travail et du capital.

Ah! si les hommes préposés à la marche du progrés avaient voulu s'occuper sérieusement du spiritisme, quel puissant levier ils auraient eu dans le mains!

Le chapitre des responsabilités est seul capable de faire bien comprendre aux travailleurs et aux malheureux qu'ils sont égaux aux puissants, mais que ce n'est qu'à eux-mêmes qu'ils doivent la situation momentanée qu'ils s'occupent, situation qu'ils pourront amelliorer facilement le jour ou ils comprendront le lois de la réincarnation. Travaillez donc sans relâche et avec courage à l'édifice social et moral de notre doctrine; les *moyens vous en seront donnés*. Les moment est venu, l'occasion se présente aujourd'hui, aidez-la, chers amis, de tout votre pouvoir; appelez nous. *Organisez-vous en comité*. Lisez, relisez, commentez tous le faits qui vous soumis et gardez-vous bien d'être absolus sur aucun autre point que ceux fondamentaux, c'est-à-dire la croyance aux *manifestations et à la réincarnation*. N'avancez les faits que sous toute réserve. En un mot, faites comme j'ai fait. Vous m'avez vu à l'œuvre.

Allan Kardec

A la suite de cette communication, il y avait ce post-scriptum:

Je ne veux pas fatiguer le médium. Cependant, je vous engagerai à aller voir ma chère femme. *Il le faut* dans l'intérêt même de la doctrine (ceci pour vous personnellement). Il est bien dificile de juger le cœur humain, car s'il a ses heures de défaillance, il a aussi ses heures de relèvement. Allez-y donc sans tarder, vous me serez très agréables.

Allan Kardec

Malgré cette pressante injoction M. et Mme Delanne laissèrent s'écouler le mois de julliet sans se déranger; ce n'est que vers la fin du mois d'août que de nouvelles communications leur disant combien le retard qu'ils apportaient était préjudiciable à la doctrine, qu'ils y allèrent,

Mme Kardec les accueillit avec une joie profonde; elle voyait enfin poindre l'aurore de cette société si longtemps promise. Ils lui proposèrent d'en être la présidente, mais elle refusa, car elle etait déjà bien souffrante. "Je suis de cœur avec vous", leur disait-elle, mais elle refusera de vouloir combattre "et détruire la société que nous avons fondée, mon mari et moi. Je vous donnerai une présidente, ma meilleure, ma plus fidèle amie, un reflet de moi-même, et je resterai neutre".[57]

M. Delanne lui raconta qu'en Belgique on craignait une scission inquiétante pour la doctrine, qu'un spirite trop zélé voulait faire du spiritisme une religion avec un culte et des cérémonies. Elle repoussa cette idée avec énergie, en disant: "Si le spiritisme devient une religion, nous ne somme plus qu'une secte, et la doctrine, cette belle philosophie, sera perdue". Elle repoussa aussi le mot fédération, cela sonnait mal à l'oreille depuis la commune. Il fut décidé qu'on allait faire appel à tous les spirites sincères, qu'on élaborerait des statuts et que la société prendrait le title d'*Union spirite française*.

Quelques spirites s'émurent de cette décision, et craignant de voir l'ancienne société s'effondrer, protestèrent; d'autres au contraire, voyant que depuis la mort du Maître, le spiritisme périclitait et piétinait sur place, accueillirent avec joie la possibilité de fonder une nouvelle société et un journal à bon marché.

[57] C'est amis que je fis partie de l'Union, et que j'y accepttais d'être vice présidente. Car depuis 15 ans, je n'allais dans aucune réunion spirite; je vivais complètement à l'écart.

FORMATION DE L'UNION

Le 4 septembre eut lien au siège de la Société de la rue des Petits-Champs, une réunion de spirites dans daquelle furent discutées des questions posées par nos frères de Belgique; lá se firent les premières propositions de fédération française. Un peu plus tard M. Leymarie, s'étant rendu en Belgique, écrivit le 22 septembre à M. Gabriel Delanne une lettre dont nous extrayons le passage suivant:

"Il y avait ici une profonde scission entre les spirites Belges; j'ai pu apaiser les conflits, et ce soir, je l'espère, il y aura réconciliation générale; ma présence n'eût-elle eu que ce résultat, que je bénirais mes fatigues quotidiennes. Pourquoi ce qui se fait ici ne s'accomplirait-il pas à Paris? Vous deviez m'y aider, mon ami, vos parents sont dévoués à notre doctrine, oubliant les incidents qui ont pu troubler l'harmonie; ne pourrions-nous, la main dans la main, nous unir et nous aimer, être l'exemple de la conciliation et de l'oubli du passé, et créer très sérieusement la base de la société spirite future".[58]

Devant un tel appel à la conciliation, le devoir de tout spirite sincère, était d'y répondre: un Comité d'initiativese forma, ayant pour but de grouper les dissidents et en même temps d'étudier un projet de statuts pour la future fédération française. Les travaux terminés, le comité en exposa les resultats devant une assemblée de 150 personnes, laquelle se tint rue St-Dennis; les statuts élaborés furent approuvés à l'unanimité et déjà plusieurs assistants voulaient fonder la fédération, sous le title d'Union spirite française, lorsque MM. Gabriel Delanne et His firent observer qu'on n'en avait pas le droit, l'assemblée n'étant pas assez générale pour se considérer comme mandataire des spirites français. Il fut

[58] Que n'a t-il toujours pensé et agi selon se propres paroles.

donc résolu de se rendre au siège de la Société de la rue des Petits-Champs, où une autre réunion devait avoir lieu le lendemain dimanche 19 novembre. On s'y rendit; le président donna lecture d'une série de questions relatives à la constitution d'une fédération française et belge; on lut ensuite un projet d'union spirite française comportant la création d'un journal à bon marché, organe de cette association. *Dans la discussion, le principe d'une fédération ou Union spirite française prévalut, sans préjudice d'ailleurs des liens qu'on pourrait former ultérieurement avec les autres nations*.

Les questions relatives à l'organisation de cette fédération étant multiples, il fut décidé, sur la proposition de M. Leymarie, de nommer une commission mixte[59] ayant pour but de préparer un travail, qu'on soumettrait à l'approbation d'une assemblée générale qui, seule, aurait qualité pour prendre des résolutions définitives. On put voir alors un spectacle émouvant; des spirites longtemps séparé se tendre la main et se traiter en frères; la joie et la concorde de régnaient dans tous les cœurs.

M. Leymarie, dans le courant de la réunion proposa gracieusement le local de la Société spirite pour y tenir les séances de la commission; celle ci accepta et résolut de se réunir le dimanche et le mercredi de chaque semaine.

Une premièr séance assez courte eut lieu le soir même, et la commission s'inspirant des débats de l'assemblée, adopta le titre de fédération (ou Union spirite française). La deuxième, se tint le mercredi suivant 22 novembre; M. Vautier déclara qu'étant administrateur de la Société anonyme pour la continuation des œuvres d'Allan Kardec, il ne pouvait admettre que, dans le local de cette Société, il fut question de fonder un journal spirite nouveau,[60] car disait-il, ce serait nuire aux *intérêts* de la Revue. On essaya de lui démontrer qu'il n'en serait pas ainsi, et que toute extension de nos idées ne pouvait, au contraire, qu'être profitable à la librairie spirite, que d'ailleurs on n'avait accepté la Société comme siège de la commission que sur la proposition de M. Leymarie;

[59] Dont le plus grand nombre des membres étaient des amis de M. Leymarie. C'est alors que M. Leymarie, à l'esprit de conciliation duquel chacun voulait croire, dit à Mme Rosen, à la grande stupéfaction de cette dernière: ils seront coulés; et à M. His, nous vous écraserons.

[60] Voilà comment on comprend la propagande, Dieu merci dans ce local, on y faisait bien autre chose que je raconterai plus loin. Cette déclaration était d'autant plus étrange de la part de M. Vautier, qu'il avait tout approuvé à la séance précédente.

aucune de ces raisons ne put faire revenir le préopinant sur son avis. M. Gabriel Delanne proposa alors de se réunir chez lui, ce qui fut adopté.

La commission, pour rester dans l'exercice de son mandat continua ses travaux, malgré l'abstention de quelques personnes qui se retirèrent et crurent devoir reprendre le projet de fédération française et belge.

Il y eut une séance le 24 décembre dans la grande salle de la Redoute rue J.-J. Rousseau, à laquelle assistaient quatre cents personnes.

L'Union spirite française était fondée, ainsi que le journal le *Spiritisme* (Extrait de la brochure: Fondation de l'*Union spirite française*).

COMMENT LE SPIRITISME EST DIRIGÉ

Maintenant je vais aborder les causes qui ont obligé les Esprits, ainsi que nous, à fonder l'Union. Cette tâche m'est pénible, comme spirite, il est cruel de dévoiler le cœur humain, *mais il le faut*. Je dois déclarer que, personnellement, je n'ai jamais eu qu'à me louer de la politesse et même des prévenances de M. Leymarie à mon égard, il n'y a donc de ma part aucun motif de malveillance. Je le fais, comme l'accomplissement d'un devoir: à chacun selon ses œuvres.

Je remonterai à quelques années dans l'existence de Mme Kardec. Elle fut très mécontente de la translation de la Société de la rue de Lille, à la rue Nueve des Petits Champs, changement qui augmentait de 4,600 fr. Le loyer. La décision prise d'y donner des fêtes, l'effrayait, il y avait loin de la simplicité du Maître à cet ordre de choses.

Elle désapprouvait également l'idée de s'adjoindre la Société scientifique psycologique, *Société non Spirite*, qui affichait hautement ses opinions antispirite et dont les articles paraissaient dans la Revue. C'était disait on pour diminuer les charges déjà trop lourdes.

Mme Kardec fut la seule qui comprit les dangers de cette promiscuité, car son Président M. Fauvety, intelligence très supérieure et philosophe sérieux, voulait fonder une religion laïque, et par conséquent apportait avec lui des éléments qui combattaient la doctrine, qu'il ne connaissait pas du reste et qu'il étudie maintenant. Voici la preuve de ce danger. (Voir la Revue Spirite janvier 1881).

AVIS IMPORTANT

M. Charles Fauvety nous a fait remettre 120 volumes de la religion laïque deuxième année, et 120 de la troisième. Ces volumes sont *offerts en prime* aux abonnés de la Revue moyennant 3 francs plus le port en sus 1 franc.

Voilà à quoi servait la Revue au lieu de la Propagation de la doctrine spirite, c'étaient les utopies et les idées de M. Fauvety que préconisait M. Leymarie.

Mme Kardec eut donc à soutenir des luttes au comité, ses observations n'étaient pas écoutées; lorsqu'elle blâmait des articles, on la traitait avec si peu d'égards, qu'elle en revenait malade. Le dégoût, et sa santé déjà très altérée, firent qu'elle n'y alla plus, et fut si bien oubliée que M. Leymarie, son *mandataire*, ne lui rendit plus aucun compte. À sa mort, il y avait un an, ou 18 mois, qu'il ne lui avait rendu visite. Sauf, cependant, depuis la création de l'Union spirite française.

Du reste la lutte était impossible pour cette pauvre amie, elle n'avait au comité de la Société anonyme pour la propagation des œuvres de son mari qu'une voix, et M. Leymarie recevait jusqu'à 14 procurations des membres de ce comité qui habitaient la province.

Qu'ils me permettent de leur dire moi, qui n'en connais aucun, qu'ayant accepté um mandat, celui de soutenir et de défendre la Société et de propager les œuvres du Maître, ils manquaient au devoir le plus sacré, car ils savaient bien que c'était une question sociale et humanitaire, et par leur indifférence, leur incurie, ils ont laissé la Société sans contrôle, sans conseil, et ont mis la Doctrine en péril.

M. Leymarie se sentant maître absolu, et voulant dans son orgueilleuse prétention passer pour un savant, accueillit toutes les Sociétés plus ou moins scientifiques. Il se fit recevoir ADEPTE de la Société Théosophique fondée par le coronel Olcott et Madame Blawatski à Bombay. Il reçut un *brevet ainsi que sa femme*, et fut nommé Président pour la section de France[61].

La Société de la Libre Pensée religieuse créée par M. Fauvety, pour les enterrements civils, a une banière et un drap mortuaire parsemé d'étoiles

[61] Voir *Rules of the Théosophical society* (page 9).

et de soleils d'or, véritables oripeaux, de quoi faire rire au dépend des spirites et du spiritisme.

Puis une Société fort répandue, (d'après M. Leymarie) sous le titre de Pneumatologie universelle, qui est partagée en décuries et en centuries, qui a réuni les *hommes* les *plus instruits* et ceux qui appartiennent *aux classes les plus élevées*, a donné à M. Leymarie le titre de Président de la trente deuxième décurie dont le siège social doit être à Paris. La Revue spirite en Occident sera l'organe de cette Société. (Revue du 1er janvier 1881 page 5).

Est ce pour donner asile à toutes ces divagations orgueilleuses que M. Kardec a fondé la Revue?

Tous ces agissements désespéraient Mme Kardec, mais que pouvait elle faire seule, puisque les membres du comité ne se rendaient pas aux assemblées générales, et ne répondaient même pas à ses lettres?

C'est à la même époque, 1er janvier 1881, qu'on fit appel à nos frères en croyance pour créer les conférences sur le *spiritisme*.[62] Certes, l'idée était belle, elle pouvait offrir de splendides résultats. Il aurait fallu y apporter le désintéressement le plus absolu, et celà était possible, je cite une lettre de notre jeune ami M. Denis:

> Tours, 8 novembre 1880.
>
> Je vous envoie sous ce pli, un bon de poste de 25 francs. Somme que je me propose de verser annuellement pour l'œuvre des conférences, aussi longtemps que mes moyens me le permettront. Je m'engage en outre à prendre un abonnement au journal qui sera créé à cette occasion. Je me mets également à la disposition des groupes situés dans un rayon rapproché de Tours, pour traiter en public et GRATUITEMENT TOUS FRAIS A MA CHARGE, les sujets que j'ai développés dans notre ville et qui se rattachent à nos *doctrines*.
>
> Recevez, Monsier, l'assurance de mes sentiments fraternels.
>
> **Léon Denis**

Aucun des autres conférenciers ne s'est fait payer autre chose que les frais de voyage.

Mais la question d'argent prévalut. M. Guérin spirite sincère, je le

[62] À une des dernières conférences que M. Leymarie faites il a parlé d'astronomie, de la pesanteur de la terre, et de sa distance du soleil, mais du spiritisme nullement.

crois, offrit son concours en s'inscrivant pour cinq mille francs, plus mille francs, pour la création d'un journal, ou moniteur des conférences, journal dont on a jamais entendu parler. Mais, la *Revue spirite* s'est empressée d'ouvrir ses colonnes à une souscription permanente, et depuis trois ans, les appels d'argent ne tarissent pas. Je cite celui-ci:

> "La Société reçoit avec reconnaissance tous les *dons* qui lui sont faits dans l'intérêt de la propagation de la doctrine et s'engage à les mentionner dans la Revue (voilà un appel à la vanité). Cette Société est anonyme et a capital variable; elle reçoit les *legs testamentaires*."

Que de fois ma pauvre amie me disait en me montrant la Revue: "On la dirait rédigée par des cléricaux; toutes ces demandes sont abominables, et avilissent la doctrine, jamais mon mari n'a rien demandé à personne; ce qu'il a fait, c´était avec ses propres ressources."

Enfin, M. Guérin fit don à la Société d'une somme de *cent mille francs* consistant en un immeuble situé à Bourdeaux dans lequel une salle de conférences devait être organisée. Mais le donateur exigeait que les cent mille francs fussent représentés par cent actions de mille francs, qui lui appartiendraient et à sa mort retourneraient à la Société.

La lettre de M. Leymarie était si embrouillée, que ni mon amie, ni moi ne pûmes comprendre ce que voulait dire cette affaire, et Mme Kardec refusa de signer l'acte. Cette condition des cent actions nous semblait un piège. Par ce moyen, on pouvait choisir ses actionnaires[63]. M. Guérin devenait le maître absolu du comité puisqu'il pouvait n'y faire entrer que ses créatures. C'était un véritable danger.

Quelques jours après, Mme Leymarie vint voir Mme Allan Kardec, elle était accompagnée de M. Vincent, si ma mémorie est fidèle, et dans cette visite on la persuada si bien, qu'elle signa. Le lendemain, je la blâmai beaucoup de ne pas avoir exigé le retrait des cent actions. Mais elle me dit en souriant: "Il est difficile, chère amie, de refuser cent mille francs, cela mettra peut être les livres de mon mari à bon marché."

On verra, par la suite, ce que ce don cachait d'odieuses machinations.

Enfin, le 21 janvier 1883, j'avais la douleur de perdre mon amie!! Le

[63] Pour être membre du comitê, il faut être actionnaire.

Vendredi 19, elle eut un étourdissement en sortant de son lit, elle tomba et sa tête portant sur l'angle du marbre de sa commode, lui fit perdre connaissance. Aidée de la bonne, je pus la recoucher, mais au rictus de la bouche, je vis qu'il y avait congestion cérebrale. Je fis chercher le medecin, qui me déclara qu'elle était perdue.

Mme Kardec avait fait son testament en 1877, elle avait désigné M. Leven, grand ami de M. Kardec, comme exécuteur testamentaire. Mais depuis le mariage de son fils, M. Leven n'avait plus revu mon amie. Cet abandon sans motif lui avait fait beaucoup de chagrin. Son intention était de refaire son testament et de désigner M. Joly pour remplir cette fonction. M. Joly avait accepté, malheureusement la mort, la surprit.

Elle m'avait chargée d'avertir immédiatement ce monsieur, dès qu'elle serait en danger, ce que je fis le vendredi à midi. A 4 heures, M. Joly était auprès de nous, et je lui remettais toutes les clefs. Le dimanche matin, quelques heures après le décès de ma chère amie, on posait les scellés.

M. Leymarie voulut la faire enterrer par la société de la libre-pensée religieuse. Je m'y opposai avec force, en disant qu'elle n'avait jamais fait partie de cette Société. Qu'elle serait inhumée comme l'avait été son mari. On se rendit à mon désir. Seulement dans les lettres de faire part, on ne la désignait que comme *membre du comité*, elle qui était la fondatrice de la société anonyme!

Maintenant que M. Leven me permette de lui faire un reproche; ne pouvant accepter d'être l'exécuteur testamentaire, pourquoi ne s'est-il pas informé des désirs de la défunte, et cherché à connaître ses dernières yolontés? Non! Il fit une procuration qui désignait M. Leymarie pour le remplacer dans ses fonctions. Il n'aurait pas dû se désintéresser dans une question aussi grave, lui qui avait été Président de la Société et qui était un spirite sincère.

Quant à M. Leymarie, je n'ai pas compris comment il avait eu l'indélicatesse d'accepter cette procuration, lui qui savait que l'intention de Mme Kardec était d'en charger M. Joly qui était membre du comité et gérant de la Revue.

Une arrière-cousine de mon amie intenta un procès en captation à la Sociéte, sous l'instigation de M. ***, celui qui devait recevoir, sur la succession, 5,000 francs de Mme Kardec. Je n'entrerai pas dans tous les

détails, mais le notaire ayant déclaré que le testament était *inattaquable,* il y avait donc à poursuivre l'affaire. M. Leymarie préfèra payer VINGT MILLE FRANCS à cette cousine pour entrer plus tôt en possession de l'héritage, laissant par conséquent planer sur l'intelligence de mon amie, une accusation de folie ou de faiblesse sénile.

Ce qu'il y a eu d'étrange, c'est que le légataire étant une Société, un être collectif, pas un de ses membres, n'était présent à la levé des scellés, pas même M. Joly. On aurait dit que M. Leymarie seul, ainsi que sa famille étaient les héritiers; ils se sont fait aider par M. Vautier, trésorier de la Société et administrateur en même temps, ce qui fait qu'il se contrôle lui-même. Il n'y a eu, ni *inventaire*, ni vente publique, sauf les choses hors de service qui ont été vendues à des brocanteurs.

Tous ceci n'est que questions d'argent, et a peu de valeur à mes yeux. Mais ce qui me fit frémir d'indignation, ce fut d'assister à un véritable auto de fé. M. Vautier brûlait dans le jardin des monceaux de papiers et de lettres. Que de communications intéressantes, que de notes laissées par le maître ont été détruites.

Voilà ce que dit M. Kardec dans le livre de la Genèse (page 34):

> "Cette concentration spontanée des forces éparses a donné lieu à une correspondance immense, monument unique au monde, tableau vivant de la véritable histoire du spiritisme moderne, où se reflètent à la fois les travaux partiels, les sentiments multiples qu'à fait naître la doctrine, les résultats moraux, les dévouements et les défaillances; *archives précieuses* pour la postérité qui pourra juger les hommes et les choses sur des pièces authentiques. En présense de ces témoignages irrécusables, que deviendront, dans la suite, toutes les fausses allégations, les diffamations de l'envie et de la jalousie?"

Qu'en ont ils fait? Grand Dieu!!

Mais où je trouve M. Leymarie bien coupable, c'est en constatant son ingratitude envers le maître et sa digne compagne, qui cependant, s'étaient, toujours montrés pour lui, pleins de bonté et d'obligance.

Ainsi lorsque M. Leymarie fut déclaré en faillite (Tout commeçant peut être malheureux), il l'aida de sa bourse, Mme Kardec l'accepta comme administrateur, lui donna la possibilité de vivre et d'élever sa famille et

cependant par son manque de jugement, sa légèreté et sa crédulité dans l'affaire des photographies spirites, il avait compromis, non seulement la doctrine, mais tous les spirites sincères et dévoués, qui passèrent aux yeux du public pour des illuminés, des fous ou des imbéciles, parce qu'ils avaient eu le courage de le défendre.

Lui s'est laissé condamner au maximum de la peine, *sans appel*.

Malgré tous ces torts, il fut maintenu à la tête da la Société. Ce qui fut une faute.

Le 31 mars 1883, devant la tombe qui renfermait alors mes deux bons et chers amis! M. Leymarie prononça un discours dont voici les premières phrases:

> "Mes sœurs et mes frères, devant le tombeau d'Allan Kardec, à l'endroit où il y a deux mois, nous déposions les restes mortels de Mme Allan Kardec *devons nous chaque année, refaire le panégyrique du maître en spiritisme,* de cet illustre professeur dont nous vénérons tous la mémoire? *En vérité, ce serait répéter les mêmes choses, avec des variantes nouvelles qui ne peuvent offrir un intérêt constant à nos F: E: C:"*

Voir la *Revue* de mai 1883 (page 195). Était ce assez audacieux? Devant nous qui avions encore des larmes dans les yeux. Mais ce n'était que le prélude de ce qu'il préparait.

Je reçus avec la *Revue* de juin, une brochure intitulée: Les 4 Evangiles de J. B. Roustaing.

Je ne veux pas revenir sur ma profonde indignation à la lecture de ce pamphlet, ballon d'essai aussi perfidement écrit, qu'habilement développé. Mais je vais donner à chacun ce qui lui revient, selon mon appréciation personnelle, mes frères en cryance en jugeront.

Je crois que les refléxions et observations de J. B. Roustaing de la page 17 à la page 29, sont des notes qu'il aurait écrites après la lecture de l'article de M. Kardec, de la Revue de 1866 (page 190) et que les prétendus élèves auraient trouvées dans ses papiers après sa mort; tous les autres chapitres, ils peuvent les revendiquer.

Les spirites qui ont reçu la brochure pourront seuls me suivre dans cette investigation.

Le successeur désigné d'Allan Kardec, qui était-il? (page 33) de la brochure.

Parmi les élèves de M. Routaing, il n'est pas difficile, quand on a lu pendant 15 ans les articles de M. Leymarie, de retrouver son genre, son style, l'emploi d'une foule d'expressions qui lui sont habituelles. Ensuite, qui a pu donner à M. J. Guérin tous ces renseignements sur le successeur désigné? M. Kardec dans la *Revue* de 1864, ne donne aucun détail sur le successeur en question, c'est à peine s'il en a touché quelques mots dans son entourage le plus intime. C'est donc M. Leymarie qui a trouvé dans les papiers et communications, que Mme Kardec avait donnés à la Société, après la mort de son mari, les documents relatifs à cette espérance d'un successeur et continuateur de son œuvre. Et du reste, qu'en sait M. Leymarie? Ces enfants désignés par le médium du canton de Berne avaient leur libre-arbitre, ils pouvaient accepter ou faillir à leur mission et la preuve c'est qu'on en avait désigné plusieurs. Maintenant, ce sont des jeunes gens de 18 à 30 ans, qui nous dit qu'il ne surgirá pas une intelligence hors ligne pour continuer l'œuvre tant aimée du maître? Est-ce à 20 ans qu'on peut avoir la maturité nécessaire pour porter haut et ferme la drapeau de notre chère doctrine et la faire avancer dans sa marche ascendante? Non! attendons avec confiance, car le maître n'a jamais été trompé lorsqu'il s'est agi de l'avenir du spiritisme.

Qui a pu encore donner avec tant de précision le nombre de 660 abonnés a la *Revue* en 1868. Sinon les documents que M. Leymarie avait dans les mains, pour ridiculiser le contrôle des mille centres sérieux dont a parlé le maître.

Voilà comment s'exprime M. Kardec:

> "Ce n'est pas à l'opinion d'un homme qu'on se ralliera, c'est à la voix unanime des Esprits: ce n'est pas un homme, pas plus nous, qu'un autre, qui fondera l'orthodoxie spirite, ce n'est pas non plus un Esprit venant s'imposer à qui que se soit, c'est à l'universalité des Esprits se communiquant sur toute la terre par l'ordre de Dieu; là est le caractère essentiel de la Doctrine spirite, là est la force, là est son autorité."
>
> "Dieu a voulu que sa loi fût établie sur une base inébranlable, c'est pourquoi il ne l'a pas fait reposer sur la tête fragile d'un seul."

Là est aussi de la bonne et belle logique: certes, ce n'est pas le livre de M. Roustaing qui se trouve dans de semblables conditions; il n'avait qu'un médium, Mme Collignon, et les quatre prétendus évangélistes. Eh bien! ce livre est écrit dans un style si fatigant, si onnuyeux, que, malgré les lois morales qui s'y trouvent, qui ne sont que la répétition du *Livre des Esprits* et du *Livre des Médiums*, il a fallu prier M. René Caillé de le remanier pour le faire accepter et lire.

M. Leymarie, pour plaire à M. Guérin, depuis quatre ans, nous a rebattu les oreilles de ses *Evangiles de Roustaing*, soit en Belgique, soit en France. Il ne ce sait de parler de la profondeur de cet ouvrage. Mon Dieu! pour les esprits sans jugement, tout ce qui est osbcur paraît profond. C'est lui aussi qui a donné les adresses de tous les abonnés de la *Revue*, et c'est ainsi que M. Guérin, l'exécuteur testamentair de M. Roustaing, a pu nous envoyer cette pitoyable élucubration.

Comment pouvait-on refuser les adresses à un spirite qui donnait cent mille francs à la Société, cinq mille francs pour les conférences? Un prix de trois mille francs pour le meilleur ouvrage spirite. Certes, M. Guérin est bien heureux d'être millionnaire, mais ce n'est pas une raison, malgré ses bienfaits, pour que nous laissions dévier la doctrine de sa voie et insulter le Maître.

Puisque les soit-disants élèves de M. Roustaing ne veulent pas se ployer sous le joug d'un autoritaire tel qu'Allan Kardec. Nous non plus, ne voulons pas qu'on fasse entrer le spiritisme dans la phase théologique, pourquoi faire? Est ce pour l'établir sous forme de religion? Est ce que notre chère doctrine n'est pas plus forte avec son simple titre de philosophie? Elle pénètre par la logique et la vérité dans le âmes avides de savoir ce qu'il y a au delà de ce monde si prosaique. Elle console les cœurs déchirés par la souffrance. Elle donne l'espérance d'arriver par le progrès au supréme bonheur à l'immortalité de notre esprit; Enfin! à la connaissance d'un Dieu, bonté suprême, justice éternelle, qu'elle nous apprend à aimer, à adorer, à bénir. Qu'avons nous besoin d'autre chose? Est-ce que ces Messieurs éprouvent le désir de pontifier?

Mon indignation est bien grande lorsque je lis dans la *Revue* de septembre 1883 (page 402) ce que M. Leymarie a osé écrire après avoir distillé tout le venin de son encre dans cette abominable brochure.

> "L'œuvre du temps s'est accomplie; après 26 ans d'épreuves, les œuvres d'Allan Kardec sont lues et répandues dans notre monde, des *millions d'âmes* benissent ce grand initiateur."
>
> "Le Maître a fait son devoir *sa célébrité fait la force de notre Société; nous le défendrions envers et contre tous* s'il ne se défendait trop bien lui-même si son nom n'était pour les spirites la protection la plus efficace."

Est-ce assez jésuitique?

Il était impossible à M. Leymarie étant collaborateur à cette brochure de pouvoir défendre le Maître. Il n'a donc aucune croyance dans la présence des Esprits? eux, qui peuvent lire dans la pensée, quelle profonde horreur cette duplicité doit leur faire éprouver.

Enfin, il couronnne son œuvre d'ingratitude dans la *Revue* d'octobre 1883 (page 476).

> "Voulant toujours être en accord constant avec cette idée préconisée par Allan Kardec de l'union du spiritisme avec la science et réciproquement. La *Société de la caisse générale et centrale du Spiritisme* a décidé, en réunion générale annuelle et à l'unanimité des membres, qu'elle prenait le titre suivant *légalisé* aujourd'hui, SOCIÉTÉ SCIENTIFIQUE du SPIRITISME dénomination plus eu harmonie avec les principes *supérieurs* que notre société popularise et défend, qu'elle a mission de répandre par les moyens les plus pratiques et les plus rationels."

D'abord les assemblées générales se composent de quatre membres M. et Mme Leymarie, M. Vautier le trésorier, et M. Joly le gérant de la *Revue* qui signe tout ce qu'on veut. Voilà les quatre champions du spiritisme scientifique. Voilà les savants qui doivent populariser les principes *supérieurs* de la science unie au spiritisme. C'est à sourire de pitié! Mais il fallait effacer le nom du Maître et la Société pour la propagation des œuvres d'Allan Kardec, était un titre qui leur traçait leur devoir. Ils l'ont changé.

Est-ce la Société scientifique psychologique? qui est appelée à développer les principes *supérieurs*, et a fonder la Religion laïque et universalle, dans laquelle on discute le *Mariage libre*, pas même M. le Maire et son écharpe, pas même nos lois qui défendent la Société contre

l'adultère et l'immoralité. C'est à croire que ces gens ont pour mission de nous ramener à la sauvagerie. Mais tous les soirs il se fait des mariages libres dans le rues de Paris; et c'est dans le local duquel M. Vautier a expulsé l'Union spirite Française dans votre maison, ô cher et vénéré maître! que des questions sembables sont soulevées et discutées. C'est à croire qu'ils sont frappés d'aveuglement moral.

QUESTION FINANCIÈRE

Dans un article publié par le *"Spiritisme"*, intitulé un peu de lumière, je demandais qu'on remplit les dernières volontés de Mme Allan Kardec, en mettant les livres fondamentaux à la portée de toutes les bourses. Je demontrais que cela était possible, vu les ressources que doit posséder cetter Société, voici comment il y fut répondu.

Je lis dans la *Revue* de novembre 1883:

AVIS

Une fois pour toutes, nous prévenons les lecteurs de la Revue qui ont eu connaissance des attaques peu bienveillantes de certaines personnes (se disant spirites) que nous ne répondrons à aucune *médisance, à aucune calomnie*.

On peut imaginer les faits et les chiffres les plus invraisemblables, notre Société ne suivra personne dans cette voie anti-fraternelle.

Du reste, elle est seule responsable de ce qui lui a été légué par M. et Mme Allan Kardec et n'a de compte à rendre *à qui que ce soit*.

Institutée pour propager le spiritisme, elle travaillera librement, sagement n'ayant que cet objectif: le bien de la cause.

Pour le comité de surveillance

VAUTIER.

Est-ce légal qu'un trésorier soit le réprésentant du comité de *surveillance*?

Eh bien! j'aurai l'indiscrétion de demander des comptes. Car il faut bien qu'on sache que ce n'est pas à ce comité qu'a été léguée la fortune de mes chers amis, mais au spiritisme, pour la propagation des œuvres du Maître, et que tous les spirites de France ont le droit et le devoir de demander compte de ce qu'on fait de la doctrine, des moyens qu'on a employés pour la répandre dans les masses, et de ce qui se passe dans

cette Société commerciale et fermée, selon M. Fauvety.

M. Vautier ne dira pas cette fois que ce sont des chiffres fantaisistes.

Je lis dans la Revue de Janvier 1883 (page 2):

Le livre des Esprits en français est à sa 29e édition; à la mort de M. Allan Kardec, en 1869, nous avions la 13e ..... Difference: 16 éditions.
Le livre des Médiums est à la 17e édition;
en 1869, nous avions 8 éditions ..... 9 id.
Le livre des Evangiles est à la 16e édition;
en 1869, nous avions 6 éditions ..... 10 id.
Le Ciel et l'Enfer est à la 7e édition; nous allons
tirer la 8e; en 1869 nous avions 3 éditions ..... 5 id.
De la Genèse nous tirons la 7e édition;
en 1869, nous avions 3 éditions ..... 4 id.

En tout depuis la mort d'Allan Kardec[64] ..... 44 éditions

Chaque édition est de 2,000 volumes, ce qui fait 88,000 volumes à 3 fr. 50; total 308,000 fr. Une édition coûte 1527 fr. dont voici le détail:

Pour le papier	850 francs.[65]
Pour l'imprimeur	533 "
Pour le brocheur	144 "
Total	1527 francs.

Le volume revient à 76 cent. 35 mil., prélevons 66,880 fr. pour l'impression reste 243,120 fr. prèlevons encore une somme de quatre vingt dix mille francs pour les livres donnés, pour la remise aux libraires qui est de 30%; le rachat des planches usées, et les frais généraux, il reste donc 150,000 fr. somme qui devrait être capitalisée.

Je cite toujours (page 2):

"*Les cinq volumes*[66] fondamentaux d'Allan Kardec traduits dans toutes les langues de l'Europe, *se vendent toujours* ce qui prouve leur succès continu."

---

[64] Le maître n'en a eu que 33, et il avait à traiter avec les éditeurs. C'est Mme Kardec qui a payé 10,000 francs pour racheter les planches.

[65] Dans mon article (Um peu de lumière) qui a paru dans le journal *Le Spiritisme*, on fit une erreur de chiffre 800 fr. au lieu de 850 pour le papier. La personne qui corrigea l'épreuve ayant lu la même chose refit l'addition. Je tiens à l'exactitude de la note qui m'a été laissée par Mme Allan Kardec.

[66] C'est un mensonge, en anglais il n'y en a que trois.

Voilà des bénéfices qui doivent couvrir les frais de traduction.

Si M. Leymarie a payé ses traducteurs comme Miss Blackwell qui a traduit les livres en Anglais, cela n'a pas coûte beaucoup d'argent.

Ne voulant avancer que des faits vrais, j'écrivis à Miss Blackwell; voici sa lettre, j'en ai supprimé les épithètes:

> "Quant au – en question, ma réponse est facile. Il n'a pas eu à me payer ni intégralement, ni autrement, vu que le travail de traduction (que j'ai entrepris selon le désir de l'Esprit d'Allan Kardec exprimé par la Médiumnité de M. Tailleur) étai une œuvre de pur dévouement, absolument GRATUITE; je le faisais par amour pour la doctrine, par affection pour Allan Kardec et je faisais de ces traductions un don libre à la Société qui, de son côté, devait seulement solder les frais d'impression. Je n'a jamais eu, ni voulu avoir un sou de ce travail absorbant et fatigant. Mais j'ai donné plus de 1500 fr. de ma poche pour faire annoncer ces traductions dans les journaux anglais, sans quoi, on n'aurais pas vendu une douzaine exemplaires. J'ai donné plusieurs sommes encore pour porter la connaissance de notre chère doctrine devant le public anglais, qui n'en savait pas même l'existence, ignorant jusqu'au nom d'Allan Kardec! Et tout cela GRATUITEMENT."
>
> "Leymarie a soldé, à peu près, les frais des deux premières traductions (Le livre des Esprits, Le livre des Médiums). Il m'a vivement pressée pour faire finir la troisième (Ciel et l'Enfer). Puis, au moment où, faute de sa promesse de faire imprimer aux frais de la Société cette troisième traduction, dont je donnais la propriété à la Société comme j'avais donné les deux autres, il m'a écrit pour me retirer sa parole, me disant que la Société faisait de grandes dépenses pour avoir un local plus central[67], etrefusait de faire imprimer la traduction de *Ciel et l'Enfer, qui était déjà annoncée dans les journaux anglais,* de sorte que, ne pas la faire paraître aurait paru une reculade devant la guerre acharnée que les *spiritualistes* me faisaient."
>
> "J'ai donc emprunté à la provision de papier, appartenant à la Société, entre les mains de la maison Balantyne nos imprimeurs, du papier, valant un peu plus de 300 francs (que était là inutile) et j'ai prié MM. Trübner, nos éditeurs, de faire un premier paiement à la maison Balantyne, pour l'impression de *Ciel et l'Enfer*, sur les fonds provenant de la vente de mes précédentes traductions; vente due, *entièrement* aux 1500 francs d'annonces dont j'avais fait abandon à la Société."
>
> "j'ai été obligée pour le restant de la note de nos imprimeurs, de signer

[67] Convenance toute personnelle, M. Leymarie se trouvait trop petitement logé. Il refusait de payer la traduction de *Ciel et Enfer* à cause des frais de ce changement, mais il trouvait l'argent nécessaire pour y donner des fêtes.

des billets portant intérêts, qui se renouvellent tous les six mois; et grâce à ce cumul des intérêts, les mille francs du restant de la dette primitive sont maintenant devenus 1600 fr. dont je suis responsable."

"En somme, la Société m'est redevable de plus de *deux mille francs*, que j'ai payés de ma poche, que je ne lui réclame pas; mais elle devrait au moins solder les frais d'impression de ma troisième traduction, et en *accepter la propriété*, comme elle l'a fait pour les deux autres."

"Si j'avais appris à temps, l'abominable mensonge de Leymarie au tombeau d'Allan Kardec, je l'aurais attaqué en diffamation; je l'ai averti que s'il recommence ses *manœuvres calomnieuses*, je m'adresserai immédiatement aux tribunaux."

"Du reste, je vous enverrai, sous peu, la lettre que j'ai adressée, il y a deux ans, au comité, et que je n'ai pu encore réussir à lui faire parvenir".[68]

Anna Blackwell

Certificat délivré à Mlle Blackwell par les éditeurs Trübner:

Londres, 30 mars 1884.

Nous soussignés, éditeurs des trois volumes des œuvres d'Allan Kardec, traduits, par Mlle Anna Blackwell, intitulés: *Le Livre des Esprits, le Livre des Médiums, Ciel et Enfer*, certifions qu'aucun argent provenant de la vente des sus dites traductions n'a jamais été remis à Mlle Blackwell.

Le montant total, provenant de la vente des trois sus-dites traductions jusqu'au 26 novembre 1882 (époque du dernier relevé de comptes de notre maison) est de 137 livres 7 schellings.

Cette somme a été employée comme suit: la somme de 95 livres 14 schellings 6 pence, fut payée à Messieurs Balantyne et Cie, imprimeurs, à titre d'acompte sur leur facture de l'impression de *Ciel et Enfer*.

La somme de 23 livres 19 schellings, 4 pences, fut *payée le 28 mars 1882*, à M. Leymarie, pour le compte de la Société pour la continuation des œuvres d'Allan Kardec; et une seconde somme, de 15 livres 13 schellings, 2 pence, fut payée le 8 février 1884, à M. Leymarie pour le compte de la susdite société.

Mlle Blackwell reste toujours responsable envers Messieurs Balantyne de la somme qui leur est encore due pour solder l'impression de sa traduction de *Ciel et Enfer*.

Nous certifions que Mlle Blackwell loin d'avoir reçu de l'argent de la vente des livres sus nommés, a elle-même dépensé une somme considerable pour les annoncer.

Trübner & C^ie^.

[68] Je le crois bien, ce comité n'existe pas. Voir cette lettre la fin de la brochure.

Voilà comment Mlle Blacwell fut récompensée de son dévouement.

Revenons à notre compte.

La Revue, qui en 1868 avait 660 abonnés à 10 francs, rapportait 6,600 francs (L'impression ne coûte pas cela). Certes le nombre des abonnés s'est accru depuis cette époque.[69] Aucun des articles n'était payé aux rédacteurs. M. et Mme Rosen, qui, depuis 10 ans, y collaboraient n'ont jamais rien demandé, pas même l'abonnement à la Revue et cependant ils étaient de précieux écrivains; et pour les remercier de leur concours désintéressé, Mme Rosen ayant écrit une brochure très intéréssante intitulée: Le Magnétisme curatif au foyer domestique. M. Leymarie la fit éditer, chaque brochure ayant coûte 30 cent., il a donné à l'auter 10 CENTIMES et on la vend 1 franc.

Si les livres vendus par la libraire rapportent 30% de remise, et ceux qu'elle édite 100%, elle a largement dans ses bénéfices de quoi payer le loyer et le personnel. Car sa clientèle s'étend à toute la France et à l'étranger. Les bénéfices doivent être d'autant plus grands que c'est une société qui n'a pas à payer ses actionnaires, et qui reçoit des dons et des legs. Tous ces acquis doivent la rendre riche.

En effet, elle a reçu d'abord à la mort du Maître 42,000 fr.,
la bibliothèque comprise pour 8,000 fr., et la *Revue*, qui est un capital, puisqu'elle rapporte une rente ..... ci 42,000

Une maison de campagne évaluée 25,000 francs, il y a eu procès, mettons qu'il y ait eu 5,000 francs de frais. C'est beaucoup 20,000

Le don de M. Guérin 100,000

Le legs de M. Guilbert de Rouen 10,000

Le bénéfice établi plus haut sur les livres fondamentaux de
M. Allan Kardec 150,000

La librarie est évaluée à .....;..... 70,000

(Voir la *Revue* de mai 1883 page 206).

Enfin, la succession de Mme Kardec, rien que le terrain vaut ..;;.. 300,000

Plus cinq maisons bâties sur ce terrain, dont une, que
Mme Allan Kardec avait rachetée 30,000 à M. Roquet 30,000

Total, 722,000

[69] J'ai toujours entendu parler de 1,100 abonnés.

Sans compter l'or, les billets de banque, et des titres de rentes, dont M. Joly a été à même de constater, tout comme moi, la présence au moment de la pose des scellés.

Maintenant la Société a reçu pour les conférences, relevé fait dans la *Revue* pour trois années: 16,852 fr. Pour les œuvres spirites 800 fr.

Puis les cotisations des membres de la Société 25 fr. par an, qu'il y en ait seulement 100, cela fait un revenu annuel de 2,500 fr.

C'est cette société qui doit posséder à l'heure présente, un capital de 722,000 fr. qui a l'aplomb de nous envoyer ses indigents spirites, se disant trop pauvre pour les secourir, à nous Union spirite française, qui, en fait de capital, n'avons que des bonnes volontés. Cependant nous ne les avons pas laissés partir les mains vides, mais c'est la charité privée qui leur est venue en aide.

Cette Société pour payer les frais de succession a fait un emprunt de 50,000 fr. en première hypothèque sur la propriété de la villa Ségur. Ah! chère Mme Kardec! vous avez dû frémir d'indignation, vous, qu'ils osent accuset d'avoir laissé des dettes! tandis qu'au contraire, ils ont trouvé deux créances, une de 10,000 fr. l'autre de 16,000 fr. C'est moi-même qui les leur ai remises dans les mains à la pose des scellés.

Je cite toujours la *Revue* de mai 1883 (page 205):

> "Les dépenses obligatoires étant réglées, l'exédent du revenu accroîtra le fonds commun; c'est proportionnellement aux ressources de ce fonds que le comité pourvoira aux diverses dépenses utiles au développement de la doctrine, sans que jamais il puisse en faire son *profit personnel*, ni une source de *spéculations pour aucun de ses membres*. Le emploi des fonds et la comptabilité seront, d'ailleurs, soumis à la vérification de *commissaires spéciaux délégués à cet effet par les congrès, ou assemblées générales.*"

Telle était la volonté du Maître. Eh bien! j'attends avec impatience ce congrès, cette assemblée générale. Voilà 15 ans, que cette administration agit sans contrôle, il faut donc que tous les spirites se réunissent pour nommer des commissaires spéciaux, qui seront désignés pour contrôler sérieusement cette Société fondée par le Maître, et puisque M. Leymarie dit plus loin (page 207) "Nous remplirons, nous réaliserons avec l'aide de Dieu toute la pensée du Maître et cela intégralement". Il sera heureux de

mettre sous les yeux des spirites frères, sa gestion, si elle a été honnête.

Et pouisque la Société se dit pauvre lorsqu'elle doit posséder, depuis la succession de Mme Kardec, une somme de 722,000 francs, avec un revenu annuel de 7,500 francs d'une part et 10,000 francs de l'autre, il faut qu'on nous donne l'explication de ce phénomène.

Peut être que le spiritisme scientífique et ses principes supérieurs pourront seuls nous éclairer sur toutes ces obscurités?

Lorsqu'on songe qu'à l'époque où le maître était parmi nous, il a pu avec ses seules ressources, fonder la *Revue*, pouvoir aux nécessités matérielles de l'installation du spiritisme, payer le loyer du passage Sainte-Anne où il nous réunissait, améliorer Ségur et y bâtir quatre maisons, la cinquième l'a été par un nommé Roquet et Mme Kardec l'a rachetée. Il y a consacré entièrement le produit de ses ouvrages, il fallait que ce produit fut assez considérable pour faire toute cela.

Comment se fait il? qu'à présent la Société avec ces 44 éditions qu'elle a *vendues*; sa librarie qui est en pleine prospérité, c'est M. Leymarie qui le dit, la *Revue* qui a des abonnés dans le monde entier, n'a pas de fonds de réserve? Qu'a t'on fait des bénéfices? Comment vous osez dire (page 206) da la *Revue* de mai 1883:

> "Depuis il a fallu exister, avoir notre libraire, sans autres ressources que celle que des *actionnaires désintéressés* lui apportaient."

(Voilà encore des revenus)

Vous nous croyez donc bien naifs, pour ajouter foi à de pareilles allégations. Oui, vous avez cu des bénéfices! Oui, vous n'avez pas de fonds de réserve, et vous avez été obligés d'emprunter 50,000 fr. Mais l'opinion publique vous demandera compte tout comme moi de ce que vous en avez fait.

Il est bon, je pense, de mettre sous les yeux de mes F. E. C. Les articles et les statuts de la Société anonyme.

(Voir la *Revue* du mois d'août 1869, page 237).

SOCIÉTÉ ANONYME

La Société anonyme fondée par Mme Allan Kardec a pour objet, de

faire connaître le spiritisme par tous les moyens autorisés par les lois. Elle a pour base la continuation de la *Revue spirite* fondée par Allan Kardec, la publication des ouvrages de ce dernier, y *compris ses œuvres posthumes* et de tous ouvrages traitant du spiritisme[70].

Le fonds social, capital de fondation est fixé à 40,000 francs ce capital entèrement souscrit, est divisé en 40 parts de 1,000 fr. chacune.

Chaque part est indivisible, la Société ne reconnait qu'un propriétaire pour chacune d'elle.

ADMINISTRATION

La Société est administrée par un Comité de trois membres au moins, nommés par *l'assemblée générale* des associés et choisis parmi eux (ils doivent être 40 des associés, où sont-ils?)

Ce Comité est nommé pour six ans, révocable par assemblée générale, et indéfiniment rééligible. Les administrateurs ont un traitement de 2,400 fr. par an et une part dans les bénéfices.

Cette part de bénéfices et le traitement fixe *réunis* que doivent jamais excéder **4,000** fr.

Il est nommé CHAQUE ANNÉE un Comité de surveillance de deux membres au moins, pris parmi les associés ou en dehors de ceux-ci. Ils se rendent au siège social quand ils le jugent convenable, prennent communication des livres et se livrent à l'examen des libérations de la Société.

La assemblée générale régulièrement constituée représente tous les associés.

Tous les six mois, les administrateurs dressent un état sommaire de la situation active et passive de la Société.

Un INVENTAIRE est dressé à la fin de chaque année sociale et mis à la disposition des associés. Il est prélevé sur les bénéfices nets, 1/20 pour le fonds de réserve légal.

3 p. cent du fonds social pour être payés à chaque part.

(Les actionnaires n'ont rien reçu, ni accepté, parce que les actions leur avaient été données, depuis on les a vendues) Le surplus des

[70] Il n'est nullement question d'ouvrages spiritualistes, thèosophiques, ou autres.

bénéfices nets retourne au fonds social.

Le fonds de réserve se compose: 1° de l'accumulation des sommes prélevées sur les bénéfices nets annuels; 2° de tous les dons légalement faits à la Société, à quelque titre que ce soit.

Ce fonds de réserve doit être appliqué, notamment soit à l'augmentation du capital, soit a des dépenses dans l'intérêt du spiritisme.

L'assemblée générale règle SEULE l'emploi des capitaux appartenant au fonds de réserve.

Je dirai donc comme le Maître, avec une voix moins autorisée: à la suite de ces investigations, je n'ignore pas que je vais susciter contre moi l'animosité des exploiteurs, et que je me suis aliéné leurs partisans; mais que m'importe! mon devoir est de prendre en main la cause de la doctrine *et non leurs intérêts;* et ce devoir, je le remplirai avec persévérance et fermeté jusqu'à la fin!

Le spiritisme entre de nouveau dans une phase solennelle, mais il aura encore de grandes luttes à soutenir; il faut donc qu'il soit fort par lui-même, et, pour être fort, il faut qu'il soit respectable, ce qui n'est pas possible dans le conditions où il se trouve maintenant; c'est à ses adeptes dévoués de le faire respecter en désavouant, au nom de la doctrine, tout ce qui pourrait nuire à la consideration dont il doit être entouré.

RESPONSABILITÉS

J'en ai fini avec la question financière; abordons maintenant la question des responsabilités. Voyons ce que M. Leymarie, avec sa légèreté, son manque de sens moral, a fait de la doctrine qu'il avait le devoir de protéger et de défendre.

Je vais mettre sous les yeux de mes lecteurs la manière de voir de M. Leymarie em 1878, son appréciation sur M. Roustaing et sur M. Lessart, dit Verdad, son bras droit maintenant.

Paris, ce 5 mai 1878.

Frère et ami!

Tout ce que vous avez fait pour réprimer M. Lessart est logique, conforme au bon sens, et je vous engage à ne pas lâcher la bride à cet indompté. A Rouen, ces jours derniers, j'ai pu constater combien un esprit brouillon tel que LESSART

fait de mal quand il crée des groupes; dans la rue Orbe, chez M. Lasnon-Duval, et chez M. Hasel, j'ai trouvé de braves gens qui, jadis réunis par M. Lessart, ont conservé son empreinte; car, tout en étant spirites, ils sont partisans de la religion de Vintras. Un docteur, prêtre de cette religion, admet les phénoménes spirites, paraît-il, mais il réunit ces groupes chez lui, revêt une soutane et une ceinture rouge, célébre la messe en donnant ensuite la communion. Lessart aimerait à pontifier, cette soutane et cette ceinture l'attirent!!

Vous le comprenez, j'ai réagi contre ces insanités; l'homme aime la forme et on lui en donne; Lessart est un de ces BADAUDS et vous devez l'arrêter, car il aiderait à déverser le ridicule sur nous.

Vous connaissez mieux les Bordelais que moi; ces braves gens sont dans l'erreur et ils la payent à beaux deniers; seulement, M. Comera et M. Krel sont partisans d'Allan Kardec, tandis que Roustaing, Mme Collignon et *tutti quanti* s'admirent de la tête aux pieds — ce sont des FRUITS SECS qui ne révolutionneront que leur cervelle. Roustaing mourra dans l'impénitence finale; il avait cru que le procès avait tué le spiritisme. Ce pauvre homme! Mme Collignon (le médium de Roustaing) l'incomprise, eut un accès de joie féroce on me sachant prisionnier.

Il faut les plaindre, car il leur manque un sens et je souris aux coups de griffes. Je vous le répéte, bridez-moi ces intempérants!

En attendant, etc.

Leymarie

Pour copie conforme: **MENDY**

Voilà ce qu'il pensait en 1878; mais, depuis cette époque, M. Roustaing étant mort, légua à M. J. Guérin une somme de 40,000 francs pour faire traduire les quatre Evangiles, ou la révélation de la révélation, en quatre langues étrangéres. M. Guérin étant un grand amateur de Roustaing, fit tout ce qu'il put pour faire accepter les œuvres de son ami et les répandre. Il s'adressa à M. Leymarie, qui n'avait rien à refuser au millionaire, qui, ayant donné à la Société de la rue Neuve des Petits Champs cent mille francs, pouvait tout exiger de sa complaisance. De là, cette évolution, cette collaboration indigne à la brochure, ces attaques contre le Maître, qui, depuis, quinze ans, le nourrissait. Le silence qu'il a gardé, malgré la polémique ardente que cette brochure a fait naître, prouve sa culpabilité. N'était ce pas à lui, en effet, à repousser avec indignation tout ce qui pouvait porter atteinte au caractère d'Allan Kardec? Eh bien non! mille fois non! il a refusé tous les articles des spirites

sincères et convaincus et n'a accepté que les miens; probablement parce que j'avais été l'amie de Mme Kardec et que rien ne m'aurait arrêté pour protester contre cette infamie. Voici une preuve de ces refus:

Paris, 12 août 1883

M. Leymarie,

Après les grossièretés que vous vous êtes permises envers ma femme, je ne m'étonne plus de rien. Il demeurera que, sans raison aucune, vous l'avez traitée de *jésuite*.[71] De votre part cela paraît plaisant, vous qui, par derrière, dites du mal de tout le monde, depuis M. F*** jusqu'au dernier, et qui, par devant, donnez force accolades et poignées de main. Mais je ne veux pas rouvrir cette question après la déclaration par laquelle M. F*** a constaté, devant tout le comité, que cette injure ne pouvait atteindre ma femme.

Malgré votre promesse, faite au moins devant six témoins, d'insérer *tout* sur l'affaire Roustaing, le pour et le contre, vous m'avez renvoyé, sans en donner les motifs, mon article consacré à la défense d'Allan Kardec et ma lettre très polie, avec cette simple mention: "Refus d'insertion, retour à l'envoyeur."

Il paraît que, chez nous, la politesse n'est pas obligatoire envers ceux qui soutiennent la cause; car moi, spirite depuis 23 ans, je deviens simplement un *envoyeur* (sorte de commissionaire).

Tout cela est navrant!

De bonne foi, et pendant de longues années, malgré tout ce qui nous arrivait aux oreilles, nous défendions l'administration de la Société spirite; à tel point que ma femme passait dans le public, nous l'avons appris récemment, pour être payée de ses travaux.

Aujourd'hui nos yeux sont déssillés, mais prenez garde; ce n'est pas impunément que l'on frappe sur les champions de la cause que l'on a mission de défendre.

Par un acte de potentat, vous espériez étouffer ma voix; elle se fera entendre ailleurs et bien plus vigoureusement. Ma protestation ira atteindre ceux-là même à qui vous voulez la dérober.

La Providence et nos chers Esprits veillent sur leur œuvre, ils sauront réduire vos agissements à l'impuissance!

J'ai l'honneur de vous saluer,

Michel Rosen

On peut voir par cette lettre la façon courtoise dont on traitait les défenseurs du Maître. M. Leymarie jugea à propos de ne plus envoyer à M.

[71] Parce qu'elle avait proteste, dans une discussion, contre la brochure Roustaing.

Rosen les numéros de la Revue. Celui-ci les réclama plusieurs fois, et n'obtint aucune réponse. Alors, M. Rosen fit appeler M. Leymarie devant le juge de paix, afin de l'obliger à lui servir son abonnement. M. Leymarie donna procuration à M. Vautier ce qui fit dire au juge de paix après trois ou quatre appels: "Mais ce M. Leymarie veut donc se dérober à la justice!" Enfin, M. Rosen, pour en finir accepta la cinquième fois, M. Vautier, qui s'était présenté avec ses livres.

Il parla longuement pour démontrer que la *Revue* n'avait été servie à M. Rosen qu'à titre gracieux et montra a sur ses livres, qu'il était inscrit sur la liste des abonnements GRATUTIS[72]. M. Rosen pour toute réponse, présenta ses quittances.

Voici la condamnation de M. Leymarie:

JUSTICE DE PAIX
1er arrondissement, 6 rôles, numéro 3984

9 novembre 1883

Le tribunal après avoir entendu les parties en leurs moyens et conclusions, jugeant en dernier ressort:

Attendu que, augmentant à la barre les conclusions de la citation, Rosen réclame à Leymarie administrateur de la *Revue Spirite* (Journal d'études psychologiques):

Primo: les trois derniers numéros de cette Revue auxquels il aurait droit comme abonné;

Secundo; cent francs pour dommages-interêts que Leymarie repousse cette réclamation, en soutenant que la Revue spirite n'avait été adressée précedemment à Rosen qu'à titre gracieux;

Attendu que Rosen établit être abonné à la Revue spirite pour l'année 1883, en avoir payé l'abonnement et, n'avoir pas reçu les trois derniers numéros;

Attendu, quant à la demande de dommages-interêts, qu'elle est en partie justifiée;

Par ces motifs:

Condamne Leymarie à fournir à Rosen les trois numéros de la Revue spirite et à lui servir régulièrement son abonnement jusqu'à la fin de la présente année, sinon dit qu'il sera fait droit.

Condamne Leymarie en outre à payer à Rosen trois francs représentant la

[72] Il'y a 10 ans que M. Rosen est abonné et paie la *Revue*, malgré les travaux littéraires de sa femme. On ne peut donc pas admettre qu'il y est eu ombli ou inadvertance. M. Vautier devant cette preuve a gardé un silence prudent.

valeur des trois numéros que le défendeur a achetés, et secundo cinq francs à titre de dommages-interêts.

Condamne Leymarie aux dépens liquidés à huit fr. trente centimes pour la citation du présent jugement.

Signé: A. CARRÉ, juge de paix,
DESSAIN, greffier.

La dernière quittance de M. Rosen était signée par M. Leymarie, lui-même; quel ordre règne dans cette libraire? Comment sont tenus les livres? Que sont devenus, depuis dix ans, les dix francs montant de l'abonnement? Tout cela est triste et prouve bien le peu de sens moral de cet homme!

THÉOSOPHISME

Ah! Voilà l'infamie que je reproche à M. Leymarie, c'est d'avoir avili notre belle philosophie, devant le Théosophisme en devenant adepte de cette antique doctrine. C'est une odieuse trahison et nous avons à lui demander quels ont été les mobiles de cette vilaine action.

J'ai sous les yeux les statuts de la Société théosophique fondée par le colonel Olcott, président et Mme Blawatski secrétaire, fondateurs à vie.

ARTICLE PREMIÈR – Le but de la Société est de former une fraternité universelle de toute l'humanité, sans distinction de race, de croyance, ni de cóuleur.

(La société spirite étant fondée par le Maître, si nous avions eu un homme intelligent, et digne de la position qu'il occupait, voilà ce qu'il aurait dû faire.)

ART. 2 – De propager l'étude de la litterature et des sciences orientales et d'en justifier l'importance.

(Par la cherté des livres, sa déloyauté envers Miss Blackwell, on a vu comment il faisait de la propagande spirite.)

ART. 3 – La Société se divisera en branches et chaque branche aura le droit d'élire un membre pour la représenter au Conseil général, dont le siège social sera fixé au lieu de résidence de son fondateur.

ART. 4 – La Société entière est sous la dépendance d'un conseil général et du président, son fondateur. Toutes les branches devront leur existence de la Société Mère, sans l'autorisation de laquelle nulle branche ne pourra être ni fondée ni continuée.

ART. 5 – Nul officier, nul membre de la Société n'aura le droit de *prêcher ses propes croyances*.

(Voilà M. Leymarie dans l'impossibilité de démontrer la doctrine d'Allan Kardec, s'il tient le serment qu'il a solennellement juré à la Société Théosophique, au fondateur et devant, plusieurs témoins.)

ART. 6 – Aucun membre n'est autorisé à demander des *secours précuniaires* à un frère plus riche que lui, ni à en accorder à un plus pauvre. L'emprunt est *strictement prohibé;* après un sérieux avertissement, la violation de ces deux clauses entraînera la *suspension* ou *l'expulsion*.

(Ils sont loin de notre admirable aphorisme: hors la charité point de salut. Quelle fraternité! et quelle solidarité!!)

Les articles 7, 8, 9, sont consacrés à la formation des branches locales, toujours sous l'autorité de la Société Mère et son fondateur a tout pouvoir.

ART. 10 – La Société comprend 3 sections; les deux premières sont supérieurs et ne sont soumises à aucun code de lois, ni connues du public. La 3me section comprend des membres actifs et l'admission, donne le droit d'assister aux réunions, le libre accès à la Bibliothèque, et le titulaire acquiert la sympathie de toutes les branches répandues dans tout l'univers.

ART. 11 – C'est la cotisation de 25 francs.

ART. 12 – Trois sortes de membres composent la 3me Section: Membres actifs, correspondants et honoraires.

Le grade de membre correspondant embrasse les personnes de distinction et les savants capables de fournir des informations intéressant la Société.

Le diplôme de membre honoraire est exclusivement réservé aux personnes éminentes, contribuant à augmenter les connaissances Théosophiques ou, ayant rendu de grands services.

ART. 13 – Membres actifs. Toute personne est éligible sans distinction de sexe, de race, de croyance, ou de caste.

Les candidats doivent faire une demande écrite (formule A) déclarant leur adhésion aux vues et croyances de la Société; cette déclaration doit être signée par plusieurs membres Théosophes. Le candidat sera initié après l'expiration de 3 semaines, *aux signes secrets, mots de passe* par lesquels les Théosophes se reconnaissent, en même temps il s'engagera solennelement, sur son *honneur* (formule B) et par écrit, et répètera cet engagement oralement et devant témoins.

ART. 14 – Tout membre ayant encouru l'application d'un des articles du *code pénal* de la contrée qu'il habite, sera *expulsé* de la Société, après une enquête des faits, dont il aura été accusé, et recunnu coupable.

(Et dire que M. Leymarie a osé se faire nommer *Président* de la branche de Paris, avec un article comme celui-là!)

ART. 15 – Tout membre convaincu d'avoir calomnié un frère ou une sœur Théosophe, ou d'avoir écrit, ou prononcé des paroles injurieuses contre un membre quelconque *sera expulsé*.

(Par ces deux articles M. Leymarie ne peut pas être Thèosophe.)

Je voudrais pouvoir faire comprendre à mes F. E. C. les lois générales du Théosophisme. Celà me sera difficile, moi qui ne suis pas un écrivain, et les explications des initiés supérieurs sont si embrouillées, si contradictoires, qu'il est presque impossible d'en déduire une définition bien claire.

Voilà ce qu'écrit Mme Blawatski:

> De l'homme:
> Il se divise en 7 éléments, ou principes:
> PRINCIPE PREMIÈR – Le corps physique qui pourrit et disparaît.
> PRINCIPE 2 – La vie (fluide vital) qui nous est prétée[73] du réservoir inépuisable de la vie universelle.
> PRINCIPE 3 – Le corps astral (le double) l'émanation du corps physique, qui disparaît avec le corps lorsque celui-ci cesse d'exister, et qu'on appelle

[73] Par qui?

illusoire parce qu'il n'a aucune consistance et ne peut durer.

PRINCIPE 4 – La volonté qui dirige les principes 1 et 2.

PRINCIPE 5 – L'intelligence humaine ou animale, ou l'instinct de la brute.

PRINCIPE 6 – L'Âme spirituelle ou divine.

PRINCIPE 7 – L'Esprit, ce dernier est ce que les chrétiens appellent Logos – et nous – *Notre Dieu personnel;* **nous n'en connaissons pas d'autre**.

Voilà les 7 éléments dont se compose l'homme. La mort corporelle en dissocie trois. Le corps, le principe vital, et le corps astral qui sert à constituer le double parfaît ou l'ombre illusoire du corps physique. Restent quatre éléments qui forment l'être humain désincarné.

Ce qui périt, c'est le quatrième élément forme astrale, la volonté. Le 5me l'intelligence animale ou physique, *conscience personnelle* ou sens intime, la memoire, l'affection, le souvenir et les *acquits*, appartenant à la fois aux hommes et aux animaux supérieurs.

Ces trois principes, matière astrale, forme astrale et intelligence animale, constituent l'âme animale (ou périsprit).

Ce qui survit le 6me élément: c'est l'intelligence supérieure (la raison pure) la conscience morale chez l'*homme parfaît*; le 7me enfin, l"Esprit incrée, émanation de l'Être éternel, ou âme divine.

RÉINCARNATION

Les Théosophes n'admettent la réincarnation sur la terre qu'une fois, cependant les enfants morts jeunes et les idiots peuvent se réincarner deux fois, parce qu'ils sont considerés comme des *faillites de la nature*.

Les hommes très bons, après la mort, subissent une gestation plus ou moins longue dans le monde invisible heureux, où ils se préparent à passer avec leur 4me élément, par une réincarnation, dans une autre planète.

Les hommes ni très bons, ni très mauvais, mais n'ayant pas laissé éteindre l'étincelle divine de leur âme, ne perdront pas leur immortalité. Ils ne pourront espérer une réincarnation qu'après une longue gestation par des *existences erratiques* nombreuses.

Enfin chez les très mauvais où le 7me élément disparaît même *avant la mort terrestre*. Le 6me élément ou moi personnel se dissout et se trouve détruit par la perte qu'il a faite du sens divin. Restent le 4me et le 5me

élément qui constituent un être que les occultistes appellent *Elémentaire*, et qui peut vivre sur la terre, fort intelligent, s'il l'est.

COMMUNICATION DES ESPRITS

Les Théosophes n'admettent pas la communication des incarnés avec des Esprits supérieurs; ce sont les *médiums* qui MONTENT vers eux et c'est très rare.

Mais les êtres qui se communiquent surtout aux spirites ce sont les *Elémentaires*, les hommes *morts très mauvais!!* Mme Blawatski les appelle de malheureux vampires inconscients, des loques (du vêtement périsprital) et elle croierait faire de la nécromancie (magie noire) en encourageant ces larves a jouer un rôle dans le apparitions matérielles et physiques. Plus loin elle ajoute: "Les spirites voudraient-ils nous faire accroire que tous leurs Esprits sont des anges de lumière? qu'ils se sont montrés vrais et justes, qu'ils n'ont jamais ni menti, ni trompé personne? Eh bien! nous occultistes, nous disons que c'est un blasphème horrible à nos yeux, que de donner à ces êtres transitoires le nom sacré d'Esprit et d'âme."

Elle dit enfin: "Le Spiritisme est aussi contraire à nos doctrines, que l'est l'Occultisme à celles de feu Allan Kardec".[74]

Et voilà la doctrine que M. Leymarie a acceptée, à laquelle il a adhéré, puisqu'il s'y est engagé, par un serment solennel sur son *honneur*; il était donc convaincu de sa supériorité sur le Spiritisme, puisqu'il était nommé président de la branche de France résidant à Paris, et qu'il faisait de la propagande Théosophique. Je puis citer les noms de plusieurs spirites qui ont été entraînés par ses chaleureuses convictions, et le désir ardent qu'ils éprouvaient de faire des adeptes.

Pour mieux prouver au colonel Olcott et à Mme Blawatski, son zèle, il promit *trois mille* francs de l'*argent* d'*Allan Kardec*, à M. Fortis, pour faire traduire l'*Isis dévoilée*, ouvrage de Mme Blawatski; c'est lui-même qui me l'a dit, et qui l'annonce dans le Bulletin de la Société scientifique d'études psychologiques du 15 mars 1883 (page 42).

J'en appelle à tous les spirites, mes frères, ce homme peut-il rester à

[74] Bulletin d'études psychologiques, 15 juillet 1883.

la tête du Spiritisme? puisqu'il n'est plus spirite? lui qui n'a aucune croyance, qui n'a *que des interêts*, qui a renié la doctrine qu'il devait défendre et protéger, il l'a avilie, en lui en préférant une autre? Il veut maintenant la faire entrer dans la phase Théologique pour l'établir en religion, et faire déchoir notre belle philosophie par des congrès, des cérémonies et plus tard, par des dogmes, et tout cela par amour de l'argent, pour complaire aux idées de M. Guérin, le millionnaire. Il s'est fait Roustiniste, il en a préconisé les idées subversives sur la nature de Jésus, et à l'heure qu'il est, il met à l'étude la non existence même du Christ.

Au nom de notre Maître vénéré, nous ne pouvons laisser notre doctrine de vie entré les mains d'un homme sans croyance, sans convictions, et qui l'a reniée.

J'adjure tous les spirites qui ont des actions de la Société anonyme fondée par Mme Allan Kardec, de se réunir en assemblée générale; ils en ont de droit comme actionnaires. S'ils sont de sincères spirites, des honnêtes gens, de grands cœurs qui désirent le bonheur de notre humanité toute intière, par la propagation de la doctrine dans toute sa pureté, ils doivent considérer que c'est pour eux un droit et surtout un devoir, et que s'ils ne le remplissaient pas, soit par crainte, soit par inertie, ce serait un lâche abandon de notre chère philosophie, qui, croyez-le bien, est en péril, et en grand péril. Comment est-il possible de respecter le spiritisme, lorsqu'on voit pour le représenter et le faire avancer, des gens sans moralité, sans croyance et sans loyauté?

La Revue d'Allan Kardec n'est plus qu'une abominable rapsodie sous le prétexte d'éclectisme, on y insère toutes les idées les plus subversives, et on fausse le jugement de ceux de nos frères, qui, n'ayant pas assez d'instruction pour faire justice de toutes ces ridicules conceptions, sont troublés et deviennent d'une crédulité qui peut être dangereuse pour leur repos.

Etudions l'enseignement de notre cher Maître Allan Kardec, acceptons ce que cette haute intelligence a condensé pendant trente années d'un travail opiniãtre, et sourtout sachons le comprendre et nous l'appliquer en devenant meilleurs, justes, loyaux et fraternels, dévoués à la doctrine consolante qui nous a été révélée par les Esprits.

Jésus qui nous a si bien enseigné l'amour, la charité et la fraternité, a,

cependant, dans un moment d'indignation, chassé les vendeurs du temple, et les lanières dont il s'est servi ne sont pas encore usées. J'ai employé celles de notre époque, Dieu et les bons Esprits me jugeront.

Je crois avoir rempli la mission dont j'ai été chargée. C'est aux spirites actionnaires à agir maintenant et à sauver la villa Ségur qui, dans la pensée du Maître, était destinée à une maison de refuge pour les vieillards spirites; il voulait y bâtir, en outre, une construction assez vaste pour y établir un lieu de réunion, le musée et la bibliothèque spirites.

Si j'ai entrepris ce travail, c'est pour obéir aux nombreuses sollicitations de mes amis, M. et Mme Allan Kardec. En voici la preuve:

Communication du 1me novembre 1883

"Il est absolument indispensable de faire l'historique de l'Union, et vous, plus que tout autre, chère amie, avez qualité pour le faire. Votre position vous met au dessus de tous, par les relations constantes que vous avez eues avec ma chère femme. Il est bon qu'on le sache et qu'on ne puisse le démentir. Il faut surtout que l'on sache bien que les faits que vous avez avancés sont malheureusement trop vrais, et que, loin qu'il y ait *médisance* ou *calomnie*, ce n'est, hélas, qu'un reflet de la vérité. Si vous voyiez ce que nous voyons, combien vous souffrieriez. Priez pour ces *aveugles malheureuses*, ils le sont; la punition ne se fera pas tropattendre; continuez la lutte, il faut vaincre, nous sommes avec vous, nous voulons le bonheur de nos frères et le triomphe de la vérité: nous réussirons. Merci de votre bonne affection, elle nous est précieuse."

Allan Kardec

J'ai obéi.

Berthe Fropo

LETTRE DE Mlle BLACKWELL

A Messieurs du Comité Dirigeant de la Société pour la continuation des œuvres d'Allan Kardec

Messieurs,

Dans l'œuvre de propagande que nous avons également à cœur, j'ai dépensé en argent à moi la somme de 3,921 fr. 20. Le refus de votre Société de tenir la parole donnée pour l'impression de ma 3me traduction m'a forcée de lui emprunter, dans l'intérêt de l'œuvre que nous avons entreprise ensemble, la somme de 1,501 fr. 60 cent. Votre Société est donc ma débitrice de la difference entre ces deux sommes: soit 2,410 fr. 40 cent.

Ce fait énoncé, je m'empresse de vous en fournir des preuves à l'appui, en vous faisant l'historique de mes agissements depuis le commencement de notre œuvre commune.

Lorsqu'il a été question, pour la première fois, de l'impression du *Livre des Esprits* aux frais de votre Société, un membre important du Comité, présent à la réunion où cette question devait se décider, a fait judicieusement remarquer aux personnes présentes à cette fin, que la Société, si elle prenait cet engagement pour le 1er volume des œuvres d'Allan Kardec, s'engagerait moralement pour l'impression des autres volumes. Puisque ceux à qui s'adressait cette remarque, et qui en admettaient la justesse, se sont décidés à faire cette première impression aux frais de votre Société, j'étais évidemment en droit de compter sur ce même concours pour l'impression des autres volumes de la série, et d'autant plus, que votre gérant m'avait assurée, une quantité de fois, que ce concours ne me ferait pas défaut pour la continuation de l'œuvre de pur dévouement que j'avais entreprise.

Je n'ai guère besoin de vous rappeler, Messieurs, qu'un livre, comme tout autre objet, ne se vend qu'en raîson de la publicité qu'on lui fait. Cette vérité à la Palisse, vraie pour toute chose, est surtout vraie quand il s'agit d'un livre que vient, comme cet admirable *Livre des Esprits*, heurter de front non seulement les convictions habituelles, les préjugés, mais aussi

les idées préconçues, les prétendues théories et par conséquent l'amour-propre de ceux à qui on l'offre. On n'a qu'à lire les tissus d'inepties, les extravagances, les soi-disant théories toutes plus fantaisistes, prétentieuses, creuses, les unes que les autres, qui se débitent à foison parmi *les spiritualistes* anglais et américains, pour deviner l'empressement que mettraient ceux-ci à ignorer et à laisser ignorer jusqu'à l'existence même d'un pareil démenti!

Etant fermement résolue à ne *jamais tirer* aucune espèce de profit pécuniaire de ce que la Providence me permettrait de faire pour ce que je regarde comme la plus sacrée des causes et des devoirs, et pour empêcher autant que je le pouvais ce parti-pris de silence parmi les *spiritualistes*, j'ai dépensé, en annonces dans les principaux journaux anglais, au moment de la publication de ce livre — *porte-bannière* de l'avenir religio-philosophique, une somme de mille francs, qui m'avait été donnée comme témoignage de sympathie, pour l'œuvre que j'avais entreprise. Cet argent m'avait été donné sans conditions aucunes, et j'avais parfaitement le droit de le garder pour moi-même se je l'avais voulu comme une compensation partielle de la parte matérielle que me causait ce travail de traduction, par l'absorption de mon temps et de mes forces, au détriment des travaux de plume dont je vis depuis de nombreuses années. Fidèle à ma résolution, j'ai préféré consacrer ainsi cet argent à notre œuvre commune.

Animée de ce sentiment de dévouement à notre propagande, j'ai également dépensé, en annonces dans le jornaux, à la publication par votre Société de una traduction du *Livre des Médiums,* une somme de *cinq cents francs* que m'avait donnée la même personne, sans aucune condition, et que j'avais le droit de garder pour moi-même si je l'avais oulu. Votre Société n'ayant pas fourni un centime pour les annonces qui, seules, pouvaient faire vendre ces volumes; c'est uniquement aux 1500 francs ainsi consacrés par moi que nous devons la vente relativement satisfaisante de mes deux premières traductions; sans cela, nous n'en aurions pas vendu douze exemplaires.

Tous les frais de l'impression du *Livre des Esprits* ont été intégralement soldés par votre société. Il en a été de même pour celle du *Livre des Médiums*, sauf une somme de 139 francs pour les frais de poste, restant de compte, qui devait m'être payée et qui m'est toujours dûe.

C'est vers l'époque de cette 2me impression aux frais de votre Société, que mon *Essai sur l'influence des idées spirites sur la marche sociale de l'avenir* (dont vous avez bien voulu accepter et imprimer la traduction) ayant gagné une médaille d'or de la valeur de 500 francs, j'á demandé à recevoir cette valeur en espèces, afin de faire à votre Société l'offrande de la moitié de cette somme, soit 250 fr. En même temps j'en partageais l'autre moitié par parties égales de 125 fr. entre les deux journaux de Londres (*le Médium* et le *Spiritualist*) qui m'avaient de temps en temps prête leur colonnes pour répliquer aux calomnies que nos adversaires s'efforçaient de déverser sur notre doctrine et sur son vénéré pionnier.

Aussitôt la publication du *Livre des Médiums*, j'avais procédé, comme votre gérant m'avait engagé à le faire, à la traduction du *Ciel et Enfer*; me basant sur les assurances réitérées que votre Société se chargerait de l'impression de ce troisième volume. Dans la dernièr lettre que votre gérant m'adressa de sa prison, quelques jours avant sa sortie, il m'engagea de nouveau à presser autant que possible la traduction de ce livre, en me renouvellant l'assurance du concours fraternel de votre Société.

Sacrifiant toujours mes intérêts personnels à notre œuvre commune, je continuais à mettre de côté mes autres travaux afin de compléter sans retard la traduction de ce livre si intéressant, si attachant, qui corrobore si persuasivement les données théoriques du *Livre des Esprits* et les instructions pratiques du *Livre des Médiums*. Je mettais d'autant plus d'empressement à l'achever, qu'il me semblait que le charme de ce recueil saisissant, dramatique, aiderait puissamment à attirer l'attention du public anglais sur ces deux autres volumes.

Ayant completé cette troisième traduction, et comptant toujours sur le concours de votre Société, je faisais tous les arrangements nécessaires pour l'impression de ce nouveau volume par la maison Ballantyne; puis plusieurs personnes m'ayant écrit pour m'exprimer leur désir de le voir paraître, je faisais annoncer dans les journaux sa publication immédiate.

Jugez donc de ma stupéfaction douloureuse, de mon grand et pénible embarras, en recevant de votre gérant, juste au moment où je m'apprêtais à envoyer mon manuscrit aux imprimeurs, une lettre m'annonçant que votre Société, ayant à pourvoir aux frais de sa nouvelle installation, refusait de se charger de l'impression de ma traduction de *Ciel et Enfer*.

Devant un refus si inattendu, si opposé à ce que votre gérant m'avait promis en votre nome, si défavorable à notre œuvre commune, que devais-je faire? Payer cette impression de ma propre bourse m'était impossible. Pouvais-je renoncer à une publication déjà annoncée dans les journaux, et dont le retard, dans la guerre qu'on nous faisait, aurait eu l'apparence d'une reculade? Les 2,000 fr. en argent, sans compter tout mon travail et toute ma peine, me paraissaient et me paraissaent encore, m'avoir donné le droit de faire ce que j'ai fait; c'est-à-dire, de tourner cette difficulté imprévue en empruntant à votre Société pour 393 fr. 30 c. de papier qui restait sans emploi chez nos imprimeurs, et en me servant de l'argent (1, 108 fr. 80 cent.) provenant (grâce à mes 1,500 fr. d'annonces) de la vente de mes deux premières traductions.

J'espérais qu'un peu plus tard votre Société reconnaîtrait l'engagement moral, résultant de l'impression des deux premièrs volumes, et l'injustice de me laisser sur les bras une dette que je n'avais pas les moyens de payer, mais que j'aurais pu solder en grande partie, si j'avais pu prévoir ce refus, en gardant pour celà les deux mille francs que j'avais dépensés pour notre œuvre. J'espérais qu'elle reviendrait sur sa décison négative et qu'elle complèterait alors le payement en acceptant la propriété de ce nouveau volume, dans les conditions arrêtées pour les deux autres. Je me disais que si, malgré mon espoir, votre Société maintenait son refus, je lui rendrais mon emprunt de ma propre poche, aussitôt qu'il me serait possible de le faire; ou bien, que je pourrais dans tous les cas la rembourser en lui abandonnant, jusqu'à concurrence de la somme empruntée, la totalité du rendement de ce nouveau volume, aussitôt que je serais parvenue à compléter le payment de son impression -- payement que je suis en train de faire avec le rendement de ce volume et les quelques fonds provenant de la vente de mes traductions en Amérique, vente qui ne regarde pas votre Société, sa co-propriété dans mes traductions n'ayant été consentie que pour l'Angleterre.

Aussitôt ma traduction de *Ciel et Enfer* finie, j'avais commencé cella de *La Genèse.* Naturellement, après l'annonce du refus de *Ceil et Enfer* qui m'a été faite par votre gérant, j'ai mis cette 4me traduction de côté, mais je compte l'achever pour donner ce magnifique livre à mes compatriotes, dès que j'aurai la possibilité de le faire imprimer.

Aucun don ne m'a été fait pour *Ciel et Enfer*. Ce n'est donc qu'avec le rendement de ce volume, la faible remise que me font les libraries américains, et l'argent que j'ai pris dans ma propre bourse que j'ai pu faire quelques payements partiels à MM. Ballantyne et continuer à faire annoncer les trois volumes dans le journaux anglais, bien que très insuffisamment. J'ai payé ainsi 703 fr. 80 c. à MM. Ballantyne et 650 fr. pour les annonces.

Il m'a été jusqu'ici impossible de solder le restant de la facture des imprimeurs, ou de rembouser à la société l'emprunt que je lui ai fait. Il m'est également impossible de préciser l'époque à laquelle je pourrai le faire. Je puis seulement vous assurer de mon vif désir de régulariser notre position respective, et de l'empressement que je mettrai à la faire aussitôt que je le pourrai.

En attendant, tout ce que je puis faire en ce moment c'est d'offrir à votre société le choix entre les trois propositions suivantes:

1re proposition. Je donnerai de suite à votre Société la propriété de ma troisième traduction comme des deux premières, à condition que la Société solde le restant de la facture des imprimeurs, qui est d'à peu près 1,000 francs, et, en plus, 300 francs d'intérêts, et pour loyer et assurance des clichés des deux premières volumes.

2me proposition. Si la Société ne veut pas solder la facture des imprimeurs, je continuerai à le faire avec la totalité du rendement de *Ciel et Enfer*, et des remises des éditeurs américains, jusqu'à l'entière extinction de cette dette.

Aussitôt ce payement terminé, j'abandonnerai à votre Société le rendement de ce troisième volume et des remises des éditeurs américains, jusqu'à ce que votre Société ait recouvré la totalité de ses déboursés et le montant de mon emprunt, à condition que la Société, lorsqu'elle se sera intégralement payée, m'abandonnera à son tour le rendement des trois volumes, jusqu'à ce que j'aie repris le montant de mes déboursés. Après celà, votre Société et moi, nous partagerons comme il a été convenu les bénéfices résultant de la vente de mes trois traductions.

3me proposition. Si la Société ne désire pas acquérir la propriété de mon troisième livre, je lui rendrai mon emprunt de ma bourse à moi, dès que celà me sera possible, et elle se contentera, en attendant, du

rendement des deux premières volumes, afin que je puisse continuer à payer les imprimeurs avec le rendement du troisième volume et les remises des libraires américains.

Quant aux prix de ces volumes, je tiens à vous assurer, Messieurs, que ce n'est pas par moi que ce prix a été fixé. J'ai fait à cet égard ce qui se fait toujours, je l'ai laissé à la décision de nos éditeurs. Comme vous, j'aurais désiré que ces livres fussent à bon marché, mais le public anglais ne veut pas acheter des livres mal faits. Il lui faut une belle impression, sur du beau papier, et une belle reliure; sans cela, il n'achèterait pas.

Il y a eu, cette année même, une longue discussion à ce sujet dans le journaux anglais. On déplorait la cherté des livres, on vantait le système français; puis on tombait d'accord pour constater l'impossibilité de faire adopter ce système, vu le refus persistant du public anglais d'accepter le papier mince et le brochage, malgré les avantagens du bon marché. Je vous le répète, je ne suis absolument pour rien dans cette question de prix. Vous pourrez faire, à cet égard, ce que bon vous semblera.

Et maintenant, Messieurs, permettez-moi d'appeler toute votre attention sur la question de la publicité à donner à ces traductions, question dont je ne veux plus m'occuper. J'ai encore, mais pour la dernière fois, soldé de ma poche les annonces des trois volumes, dans le *Spiritualist*, en invitant M. Harrison, son propriétaire, à s'entendre à l'avenir avec votre Société pour ce qu'elle voudra faire à ce sujet.

Je n'ai pas besoin de vous rappeler qu'une œuvre de propagande, en face d'une opposition enracinée et souvent intéressée, ne peut être pendant quelque temps, qu'une œuvre de dévouement et de sacrifice; qu'il faudrait peut-être pendant plusieurs annéss senter des *milles* pour récolter des *cents*. On arriverait à créer peu à peu, pour ces admirables livres, une vente qui nous permettrait avec le temps de rentrer dans nos frais. Pour cela, il faudrait leur faire de la publicité sur une grande échelle, en les faisant annoncer, non seulement dans les journaux spiritualités, *mais* aussi et *surtout* dans les principaux journaux anglais.

J'ajoute aux considérations que j'ai l'honneur de vous présenter le compte détaillé de ce que je vous ai emprunté et celui de ce que j'ai dépensé par dévouement à notre cause.

Veuillez, Messieurs, me faire savoir la décision de votre société

relativement aux trois bases d'arrangement que je viens de vous proposer, et agréez l'expression de mes sentiments distingués et fraternels.

Anna Blackwell

Triel (Seine-et-Oise), le 1er mars 1882.

Relevé des sommes dépensées par Mlle Blacwell
pour la continuation des œuvres d'Allan Kardec

Restant des frais de poste pour le Livre des Médiums	139
Annonces du Livre des Esprits et du Livre des Médiums	500
Donné à la Société (prix d'honneur)	250
Donné au journal *The Médium*	125
Donné au journal *The Spiritualist*	125
Frais de poste pour *Ciel et Enfer* et correspondance pour les trois volumes, depuis 1875	250
Annonces des trois volumes depuis la publication de *Ciel et Enfer* jusqu'à la fin de 1881	650
3me et 4me payements à MM. Ballantyne pour l'impression de *Ciel et Enfer*	882
	3,921

Emprunté à la Société dans l'intérêt de
la continuation des œuvres d'Allan Kardec:

Du papier pour l'impression de *Ciel et Enfer*	393.30
Pour les 1er et 2e payements à MM. Ballantyne pour l'impression de *Ciel et Enfer*	1,100.30
Total	1,501.60
Balance en faveur de Mlle Anna Blackwell	2,410.40

Je reçois à la dernière heure la lettre suivante de miss Blackwell, qui confirme la précédente, la voici:

Chère amie,

Il résulte des comptes détaillés que vient de me fournir la maison Ballantyne, que M. Leymarie n'a pas même soldé intégralement, comme je l'avais supposé, l'impression de mes deux premières traductions. Sur le

montant de liv. 95.14.6 (quatre-vingt-quinze livres quatorze schellings six pences) qui figure dans ma précédente lettre, la somme de liv. 24.10.6 (613 francs) a été payée à nos imprimeurs pour compléter le payement de l'impression du *Livre des Médiums!*

Le montant de l'à compte fait à MM. Ballantyne sur l'impression de *Ciel et Enfer* n'a donc été que de liv. 71.4.0 (soixante et onze livres quatre schellings).

1er mai 1884. A. B.

F I N

PARIS – IMPRIMERIE POLYGLOTTE SPIRITE, 62, PASSAGE CHOISEUL.
DEMOSTHENES

Epílogo



Justa motivação

Para se compreender bem uma doutrina, além de se estudar a sua essência teórica e seus postulados, é imperativo conhecer a sua historiografia, contextualizando as atividades práticas de seu entorno, ou seja, os acontecimentos históricos que lhe dizem respeito; é preciso conhecer as causas, os propósitos e a efetivação do seu lançamento, bem como o seu desenvolvimento, os desdobramentos, as consequências no seu próprio meio, entre os seus correligionários, e no ambiente externo com o qual tem contato, inclusive as reações adversas a essa doutrina.

Acreditamos que a historiografia espírita é bem pouco considerada, até mesmo, de forma geral, pelos próprios espíritas. Fala-se quase nada sobre este tema, sabe-se muito pouco sobre este assunto. Até mesmo a respeito de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, o desconhecimento é comum, tendo em vista que muitas informações clássicas sobre sua biografia estão sendo reformuladas a partir de novas fontes históricas recém-descobertas.

Em suma, tudo isso vem a corroborar com o velho chavão: o Espiritismo é bem pouco compreendido.

Beaucoup de Lumière vem, então, contribuir para que nos voltemos às origens históricas da nossa querida Doutrina Espírita, a partir de informações que foram ignoradas pelo tempo em que essa obra permanecera no anonimato. E a sua motivação, quer dizer, o que fez com que sua autora empreendesse tal publicação, foi mais do que justa: foi emergencialmente necessária. O Espiritismo, que sempre sofreu com ataques externos, então periclitava por ação direta de agentes internos. Todas as suas bases doutrinárias estavam sendo sabotadas por dentro; o fundamento da racionalidade, de que tanto Kardec fazia questão de enfatizar, estava sendo corrompido pelo misticismo e religiosismos, levando os espíritas ao ridículo. Era mister um apelo, tal qual propõe a obra de Fropo.

Leymarie, um vilão(?)

Os poucos trabalhos que se ocupam com a historiografia espírita

geralmente têm colocado a figura de Pierre-Gaëtan Leymarie como um legítimo continuador da obra de Kardec e, por conseguinte, um grande trabalhador da causa espírita. Pois, com efeito, esta consideração, em face das novas informações, precisa ser repensada. Leymarie — conforme demonstra Madame Berthe Fropo — foi, ao contrário, um prestador de grande desserviço ao Espiritismo, para não dizermos diretamente um *grande traidor*. Os fatos apontam realmente que ele desvirtuou a Doutrina dos Espíritos, rebaixando-a ao nível das seitas religiosistas mais vulgares e ao rol das pseudociências exotéricas e místicas, inspiradas no que o orientalismo tem de mais banal. À frente da redação da *Revista Espírita*, Leymarie fez do mais influente jornal espírita do mundo um catálogo das mais esdrúxulas práticas, tal a de venda de bolas de cristal e cartas de leitura da sorte. Em meio a uma miscelânea de crenças, confundiu as ideias kardecistas com a pretensa "revelação da revelação" de Jean-Baptiste Roustaing e com a obscura doutrina teosófica originária da enigmática Helena Blavatsky, então atada às megalomanias do *soi-disant* americano coronel Olcott.

Não é nossa intenção difamar deliberadamente a figura de Leymarie, mas, como recurso e consequência do curso historiográfico, responsabilizá-lo pelo que adveio com a Doutrina Espírita, que ele tinha por missão — e até por ofício profissional, já que era pago para tal — defender e propagar respeitando sua essência doutrinária. O fato é que Leymarie e seus afiliados esfacelaram o movimento espírita francês e mudaram o rumo da Terceira Revelação. Bem poderia ser que o movimento espírita francês não fosse sobreviver por muito tempo às demais — e não poucas — frentes de ataque, advindas impiedosamente de todos os lados. Contudo, nenhum golpe parece ter tido maior impacto e contribuição para a derrocada do movimento espírita na França e demais países da Europa do que este desferido pelos que seriam as sentinelas da doutrina consoladora.

O reconhecimento desses desvios doutrinários de Leymarie, longe de objetivar degradar sua imagem, ajuda-nos hoje a termos consciência da falibilidade dos homens, mesmo dos melhores intencionados, especialmente porque, como é sabido, os grandes encargos estão passiveis de grande provações, dentre as quais a de assédio de Espíritos obsessores

— ao que não seria prudente a nenhum de nós se considerar imune. Caiu um Leymarie onde qualquer outro poderia cair. E aos falidos, nada menos que nosso mais sincero sentimento de caridade, na firme esperança de que este nosso irmão, de consciência refeita, oferte-se ao Espírito Verdade para uma nova e reparadora jornada terrena, pela qual venha desfraldar a bandeira espírita e contribuir para o projeto evolutivo da humanidade.

A queda de Leymarie ajuda-nos a sermos mais racionais com relação aos dirigentes, médiuns e ativistas espíritas — dentre os quais os supostos *guias espirituais*; ajuda-nos a repensar o movimento espírita atual, pondo-o em comparação com os verdadeiros ideais da Codificação Espírita, os propósitos e metas estabelecidas pela espiritualidade para fazer avançar a humanidade. Esse comparativo, a partir de sua nascente até as gerações subsequentes, é uma das razões pelas quais tanto defendemos a necessidade de se valorizar a historiografia, para que possamos compreender o cenário atual e projetarmos o porvir, requalificando nossas ações atuais a partir dos erros do passado.

Mais uma *Femme Forte* na galeria espírita

Ao passo que emudece a figura de Leymarie, emerge das sombras a personagem de Madame Berthe Fropo, mais uma *femme forte* para a galeria da História do Espiritismo, coincidentemente bem ao lado da pioneira *femme forte*, qual seja: Améllie-Gabrielle Boudet, a inesquecível e afetuosa Madame Kardec.

Fropo, através de sua pequena obra — que, provavelmente, foi custeada por recursos dela mesma, já que não consta o selo de qualquer entidade —, desafiou a situação e elevou seu grito de indignação e apelo, num cenário de autoritarismo e machismo, mostrando a mais absoluta coerência com os fundamentos doutrinários do Espiritismo que abraçou de coração e por convicção, além do respeito e admiração para com o pioneiro espírita.

Berthe Fropo foi, em suma, uma brava heroína que merece ser lembrada e exaltada pelos espíritas com todo o desvelo possível.

Triste desfecho

Madame Berthe Fropo cumpriu o seu papel. Infelizmente, porém, seus esforços não foram o bastante para reavivar o movimento espírita francês. A Doutrina Espírita caiu no envilecimento diante dos acontecimentos. A União Espírita Francesa e o seu órgão oficial de propagação, pelos esforços de Fropo, Delanne e o notável e recém-chegado jovem Léon Denis, deram sobrevida ao movimento espírita por algum tempo a mais. Todavia, os espinhos já haviam recrudescido o bastante para sufocar as sementes plantadas naquele solo vulnerável.

A vida continua...

Mas a vida continua... A espiritualidade não se deixa abater pelos tropeços humanos e segue em constante reprogramação de atividades a fim de promover a nossa evolução. Os esforços de Berthe Fropo, portanto, não foram em vão e seu colossal tributo contido em *Beaucoup de Lumière*, por mais ignorada que parecesse, ressurge agora, contribuindo extraordinariamente com a legítima historiografia espírita, ensejando-nos novas atuações, tendo em vista o aprimoramento de nossas atividades e renovando a esperança de que o Espiritismo — a doutrina consoladora — possa nos fazer avançar em nosso progresso espiritual.

Muita paz e luz para todos nós!

Os tradutores


LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br